

Itaytera

NÚMERO 43

ANO 1999



HENRIQUE MAIA

Estratigrafia e a Paleontologia da Chapada do Araripe

Instituto Cultural do Cariri - Crato - Ceará

Itaytera

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Fundado a 18 de outubro de 1953

PRIMEIRO PRESIDENTE

Dr. Irineu Nogueira Pinheiro

Registrado no Cartório do Registro de Títulos e Documentos, Crato CE, no Livro A-1, fls. 417, sob o nº 6, em 30.09.54, publicação no Diário Oficial em 20.10.54.

Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº 453, de 22.09.58. Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Estadual nº 10.125, de 27.11.77, publicada no Diário Oficial do mesmo dia.

CGC/MF nº 05357359-0001/86

Atual Diretoria do ICC

PRESIDENTE Raimundo de Oliveira Borges
VICE-PRESIDENTE: Manoel Patrício de Aquino
SECRETÁRIO GERAL: José Emerson Monteiro Lacerda
SECRETÁRIO: Huberto Esmeraldo Cabral
TESOUREIRO: Francisco Edésio Batista

COMISSÃO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES:

Napoleão Tavares Neves
Elói Teles de Moraes
Maria Anilda de Figueiredo

COMISSÃO DE SINDICÂNCIA E FINANÇAS:

Armando Lopes Rafael
Raimundo Tadeu de Alencar
Lireda de Alencar Norões
Maria Isa Pinheiro Gonçalves

Expediente

COMISSÃO RESPONSÁVEL

Jurandy Temóteo

Emerson Monteiro

Manoel Patrício

Raimundo de Oliveira Borges

Edésio Batista

DIGITAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO:

Regilania Alves Ribeiro

Alfredo Freire Temóteo

REVISÃO:

Amarílio Carvalho

EDIÇÃO

CRATURISMO

Emp. Cratense de Tur. e Editoria Ltda.

1000000
1000000

CADEIRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

SEÇÃO DE LETRAS

01 – PATRONO:
Pe. José Antônio Maria Ibiapina
OCUPANTE:
João Lindemberg de Aquino

02 – PATRONO:
Bruno de Menezes
OCUPANTE:
Dr. Raimundo de Oliveira Borges

03 – PATRONO:
José Alves de Figueirêdo
OCUPANTE:
Pe. Neri Feitosa

04 – PATRONO:
Alexandre Arraes de Alencar
VAGA

05 – PATRONO:
Mons. Pedro Esmeraldo da Silva
VAGA

06 – PATRONO:
Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
OCUPANTE:
Dr. José Emerson Monteiro
Lacerda

07 – PATRONO:
Antônio Barbosa de Freitas
OCUPANTE:
Dr. Olival Honor de Brito

08 – PATRONO:
Álvaro Bomilcar da Cunha
OCUPANTE:
Dr. José Newton Alves de Sousa

09 – PATRONO:
Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE: Mons. Francisco
de Holanda Montenegro

10 – PATRONO:
Pe. Emídio Leite Cabral
OCUPANTE:
José Huberto Tavares de Oliveira

11 – PATRONO:
Raimundo Gomes de Matos
VAGA

12 – PATRONO:
Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE:
Dr. Antônio Araújo Ribeiro

- 13 – PATRONO:
Dr. Otacílio Sampaio de Macêdo
VAGA
- 14 – PATRONO:
Manoel Rodrigues Monteiro
OCUPANTE:
Francisco de Sousa Nascimento
(F.S. Nascimento)
- 15 – PATRONO:
Leandro Chaves de M. Ratisbona
VAGA
- 16 – PATRONO:
Pe. Francisco de Assis Pita
OCUPANTE: Aécio Feitosa
- 17 – PATRONO:
João Brígido dos Santos
OCUPANTE:
Dr. Emídio Macêdo Lemos
- 18 – PATRONO:
Dr. Raimundo de Monte Arracs
OCUPANTE:
Dr. Pedro de Araújo Bezerra

- 19 – PATRONO:
Dr. José Alves de Figueirêdo Filho
OCUPANTE:
Dr. Wellington Alves de Sousa
- 20 – PATRONO:
Sen. José Martiniano de Alencar
OCUPANTE:
J. C. de Alencar Araripe
- 21 – PATRONO:
Mons. Pedro Rocha de Oliveira
OCUPANTE:
Pe. Antônio Batista Vieira

SEÇÃO DE CIÊNCIAS

- 01 – PATRONO:
Barreto Sampaio
OCUPANTE:
Dr. Napoleão Tavares Neves



O Instituto Cultural do Cariri

Um problema que me vem dando dor de cabeça é o do Instituto Cultural do Cariri (ICC), que passa, de certo tempo a esta parte, por sérias dificuldades para se manter de pé e funcionando como seria e é de desejar, segundo o artigo 1º dos seus Estatutos, in verbis:

“O Instituto Cultural do Cariri, sociedade civil, com sede na cidade do Crato, e fundado em 18 de Outubro de 1953, tem por finalidade o estudo das ciências, letras e artes em geral, e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri”.

Objetivo que, aos trancos e barrancos, desde a trindade imortal de Irineu Pinheiro, Padre Antônio Gomes de Araújo e José de Figueiredo Filho, seus três primeiros presidentes, vem mantendo a duras penas até os nossos dias.

O Município e o Estado reconheceram a sua alta finalidade através da Lei Municipal 453 de 22/09/58 e da Lei Estadual 10125, de 27.11.77, ambas publicadas no Diário Oficial do Ceará – Governo Adauto Bezerra.

Apesar do tempo decorrido de sua fundação, há 46 anos, não tem sede própria. Ocupa, gratuitamente, até hoje, o prédio pertencente à família do Dr. Antônio de Alencar Araripe, cujos herdeiros vêm mantendo, generosamente, o comodato celebrado com o chefe desaparecido, de saudosa memória.

O ICC dispõe de um terreno em ótimo local desta cidade, frente à Praça Filemon Teles, próximo ao Parque das Exposições, doado pela Prefeitura na administração do Capitão Ariovaldo Carvalho.

Atendendo ao pedido do ICC formulado o ano passado, com base

na lei Jereissati de incentivos à cultura, foi celebrado com a Secretaria da Cultura e Desporto do Estado o Convênio N° 037/98, com a finalidade de “apoiar e incentivar projeto cultural na área do patrimônio artístico para desenvolver atividades de literatura, inclusive cordel (folclore), pesquisa, editoração, etc.”

Com o recebimento inicial da primeira parcela, foram atacados os trabalhos da construção, que se encontram ainda apenas nos alicerces.

Espera-se, entretanto, que outras parcelas sejam liberadas, a fim de que, sem maior tardança, seja definitivamente satisfeito o objetivo colimado.

O prédio que o Instituto ora ocupa não tem, infelizmente, condições de melhor acomodação para o precioso acervo de livros da biblioteca, muitos dos quais já têm sido deteriorados em consequência de instalações inadequadas.

O jornalista Antônio Vicelmo, em nota publicada no Diário do Nordeste, afirmou, criteriosamente:

“O Instituto Cultural do Cariri é a Academia de Letras da região. Possui patrimônio cultural que conta a história do Cariri. Mesmo assim, segundo Borges, não recebe o tratamento que merece por parte das autoridades”.

Agora, de justiça é ressaltar o atendimento da Secretaria da Cultura do Estado.

Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro, no discurso da sua posse na Cadeira n° 9 do Sodalício, antes ocupada por Monsenhor Rubens Gondim Lóssio, da qual é Patrono Dom Francisco de Assis Pires, 2° Bispo da Diocese do Crato, assim expressou, em síntese, o que o Instituto representa para o Crato, para o Cariri e para o Ceará:

“O Instituto Cultural do Cariri não precisa arrepender-se do que não fez. Ele possui um patrimônio precioso de riquezas morais e intelectuais. Sempre defendeu a dignidade das letras. Tem dado às letras do nosso País uma série de publicações que bastariam para justificar o seu quase meio século de existência.

O Instituto Cultural do Cariri tem ocasionado um verdadeiro rebuliço no campo rico da nossa intelectualidade”.

E relembra, na sua doura oração de posse, os vultos eminentes de

Irineu Pinheiro, Padre Antônio Gomes e José de Figueiredo Filho, além de outros que escreveram em livros e através da Revista ITAYTERA, vitoriosa publicação do Instituto, já no nº 42, trabalhos do mais alto valor na História, na Genealogia e em todos os ramos, enfim, do conhecimento humano.

Sabe-se que a maior glória do Crato e da região repousa na sua maior parte na história de seu amor à liberdade e à cultura intelectual. Pois este patrimônio de grandeza inigualável encontra no Instituto Cultural do Cariri o seu maior sustentáculo, merecendo, portanto, o irrestrito e merecido apoio do povo e das autoridades cratenses.

Raimundo de Oliveira Borges
Presidente do ICC.

Apresentação de Pedro de Araújo Bezerra em sua posse de cadeira no Instituto Cultural do Cariri

Outra vez o Instituto Cultural do Cariri abre suas portas para receber mais um acadêmico, nesta oportunidade o Dr. Pedro de Araújo Bezerra, para a Cadeira nº. 18, que tem como patrono Raimundo Monte Arraes e anterior ocupante José Arraes de Alencar, sendo-nos incumbido saudá-lo em sua posse, como ora nos propomos nestas palavras.

Em princípio, deve ser evidenciada a índole teimosa do nosso Instituto, já no seu quadragésimo quarto ano de luta resistente; grêmio lítero-científico do interior do Ceará, serve de exemplo a este País inteiro, congregador de indivíduos vontadosos e persistentes nas lides do saber, tema tão desprezado pela civilização mecanicista em que se transformou a nossa interesseira humanidade. São muitos anos de crise até agora administrados com idealismo e desprendimento, visando coisas eternas, contraponto do imediatismo contagiante destas horas, pois vivemos tempo demorado de pura esperança na renovação dos valores, submissos à obediência civil, fiéis aos códigos da urbanidade, enquanto outros atuam movidos tão-só pela ferocidade impositiva do prevailecimento imposto ao preço de atraso e sofrimento da grande sociedade.

Creemos, porém, na força do Bem, acima de tudo. “Quem planta flores, colhe flores. Quem plantar espinhos, colhe espinhos”. Enquanto a panorâmica exterior demonstra perda das tantas batalhas de virtude, sobranceira se agiganta a Verdade Eterna do Poder Superior, vaga definitiva do Amanhã insofismável que advém, Justiça radiante da Igualdade e do Amor.

Assim, quisemos fazer claro o momento de nossa sensibilidade, na explicação de porque prosseguir de sorriso franco e peito aberto, para receber personalidades merecedoras, neste sodalício.

A figura exponencial de Pedro de Araújo Bezerra se encaixa nesse prisma e vemo-nos dispostos a descrever suas credenciais a tanto suficientes. Assim vejamos, pois:

Nasceu em Crato, Estado do Ceará, no dia 08 de setembro de 1958, o segundo dentre os quatro filhos do casal Pedro Coelho Bezerra e Maria de Lourdes Araújo Coelho.

Em Crato, iniciou a sua caminhada pela vida e perfez quase todo seu aprendizado escolar básico. De acordo com suas informações pessoais, a livre leitura, as brincadeiras e os jogos (futebol, correr, nadar, ciclismo) destacavam-se no campo de suas preferências da meninice e adolescência.

Concluiu o curso primário na escola pública, no Colégio Alexandre Arraes, onde se destacou sobretudo nas matérias de Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências. O ginásial cursou no Colégio Diocesano do Crato, instituição emblemática de nossa cultura.

No ano de 1977, iniciou estudos em Fortaleza, no Colégio Lourenço Filho, deparando-se na capital do Estado com o desafio de uma outra realidade sem a proteção e o conforto familiar.

Em 1979, ingressou no Curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, o que chegou a cumprir até o terceiro semestre, transferindo-se para o Curso de Direito, tornando-se bacharel no dia 05 de agosto de 1983.

Da época em que estudava no Curso de Direito da UNIFOR se recorda de vários professores que exerceram influência significativa em sua formação acadêmica e humanística, podendo salientar, dentre outros, os nomes de Costa Matos, Raimundo Bezerra Falcão, Valmir Pontes Filho, Manuela Lourenço Pires Torquato, Socorro França e José Evandro Nogueira.

Foi durante o bacharelado de Direito que publicou o seu primeiro livro de poesia, EXPLOSÕES DO SILÊNCIO, no ano de 1982, obra apresentada e prefaciada pelo poeta e sociólogo Jáder de Carvalho, grande nome das letras cearenses.

Em 21 de junho de 1983, obtinha Pedro Bezerra o primeiro lugar no Concurso de Contos da UNIFOR, com o texto JAÇANÃ.

No ano seguinte, 1984, publicou O FOGO DAS ÁGUAS, trabalho

poético apresentado e prefaciado pelo poeta e jornalista José Alcides Pinto. Mais adiante, lançou outros dois livros de poesia: *NAS MÃOS DO MUNDO*, em 1988, e *A NUDEZ DO TEU CORPO*, em 1990.

Em março de 1987, foi aprovado em concurso para professor colaborador da Universidade de Fortaleza, para o Curso de Direito. Sendo admitido, por meio de concurso, no mesmo ano, no Curso de Especialização em Processo Civil, do Departamento de Direito Processual da Universidade Federal do Ceará, obtendo conceito excelente nas disciplinas de Lógica Jurídica, Teoria Geral do Processo Civil, Metodologia de Elaboração do Trabalho Final, Hermenêutica Jurídica e Direito Sumular e Direito Processual Civil Aprofundado, e conceito bom nas disciplinas Metodologia do Ensino Jurídico e Processo de Registro de Imóveis. No citado curso de especialização aprofundou mais ainda seus conhecimentos jurídicos e filosóficos.

No ano de 1989, foi aprovado para o Curso de Mestrado da UFC, na área de concentração em Ordem Jurídica e Constitucional.

No ano seguinte, 1990 em 30 de janeiro, publicou o artigo *A UNIVERSIDADE E A DEMOCRACIA*, no jornal *O Povo*, de Fortaleza, e o ensaio *OS PRINCÍPIOS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA*, números 9/10, de janeiro/dezembro de 1990, da revista *NOMOS*, do Curso de Mestrado da UFC.

O *Diário da Justiça do Estado do Ceará*, em seu número 15.964 (parte II), de 06 de janeiro de 1993, publicou o resultado final do Concurso Público de Juiz Substituto de Direito do Ceará, onde consta o seu nome dentre os aprovados.

Em 1997, lançou o livro de poesia *FRAGMENTOS DO TEMPO*, com prefácio de Carlos d'Alge.

Devem também ser consideradas, entre seus títulos, que exerceu as funções de Advogado do Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará, de janeiro de 1986 a março de 1992; de Diretor do Departamento de Imprensa Oficial do Município de Fortaleza, de julho de 1986 a dezembro de 1988; e de Professor da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, de março de 1987 a novembro de 1994.

Casado em primeiras núpcias com a Dra. Maria Norma Dott Bezerra,

Dr. Pedro de Araújo Bezerra, desde 22 de novembro de 1994, exerce a Magistratura em nosso Estado, sendo o atual Juiz de Direito Titular da Comarca de Caririaçu.

A fim de não nos alongarmos além da conta, queremos dizer, para complementar nossas palavras, que jamais percamos de vista o sonho em dias melhores, pois existe base para tanto em exemplos de ânimo, trabalho e consciência no tipo deste jovem que nesta noite viremos aqui de receber no Instituto Cultural do Cariri.

José Emerson Monteiro Lacerda

Pedro de Araújo Bezerra, discurso de posse na cadeira nº 18

Com o surgimento da escrita, a aproximadamente cinco mil anos, a humanidade, sem a mínima dúvida, atingiu um ponto extraordinariamente elevado, no lento, constante, desafiador e dialético processo de evolução. Sabemos ainda, que o cultivo da literatura, tanto no aspecto quantitativo, quanto qualitativo, serviu para edificar o mundo contemporâneo, e, inegavelmente moldar as mais diversas civilizações. Com absoluta certeza, sem as prodigiosas sementes da literatura e da arte, estaríamos todos condenados ao mais puro primitivismo, não teríamos saído das sombrias e distantes cavernas que abrigaram os homens primitivos. Podemos afirmar, sem a menor hesitação, que a literatura e a arte refletem todo o esplendor da complexa alma humana, e mais ainda, nos ajuda a desvendar os mistérios da vida e do espírito.

Desde muito cedo, tenho escutado que o Crato é berço da cultura caririense, é uma cidade cultural, etc... Crato que além da sua exuberante beleza natural, tem principalmente caracterizado-se pelo amor extremado ao saber, pelo constante cultivo das coisas do espírito. Crato “Flor da terra ao sol”, como poeticamente encontramos na letra do nosso hino municipal. Crato que originou tantas cidades como: Juazeiro do Norte, Barbalha e Caririáçu. Crato, Crato meu chão primeiro, terra que me forjou homem e amante da poesia. Crato dos índios cariris, Crato de Bárbara Pereira de Alencar e de Tristão Gonçalves. Crato de Antônio Martins Filho. Crato do poeta e cantador popular Cego Aderaldo. Crato das límpidas fontes que descem da Chapada do Araripe. E por que não dizer, Crato do Instituto Cultural do Cariri.

Nesta noite, uma das mais importantes da minha existência, em que tomo posse na cadeira de número 18, desta respeitável Instituição Cultural, que teve como patrono o jurista, jornalista, sociólogo e político Raimundo de Monte Arraes, e como último ocupante da mencionada cadeira, o filólogo, latinista e jornalista José Arraes de Alencar, é para minha pessoa motivo de

honra, estímulo e alegria, pois torno-me membro desta respeitável Casa de Cultura do Cariri, que tanto tem divulgado o nome da nossa região nas mais longínquas plagas do Brasil. Sinto-me feliz e honrado, ao tomar posse nesta Casa das Letras, que teve como ocupantes figuras da estatura de: Pe. Antônio Gomes de Araújo, Irineu Nogueira Pinheiro, José de Figueiredo Filho, Tomé Cabral dos Santos, Otacílio Anselmo e Silva, Raimundo de Monte Arraes, Mozart Soriano Aderaldo e Nertan Macedo.

Minhas senhoras, meus senhores, gostaria de inicialmente dizer como surgiu o convite para tornar-me membro vitalício desta seleta Casa de Cultura do Cariri. Deu-se da maneira seguinte, quando do lançamento do meu último livro de poesia, cujo título é: Fragmentos do Tempo, isso, numa noite de autógrafos, no dia 10 de outubro do ano próximo passado, no Auditório da Universidade Regional do Cariri – Urca, recebi o convite do nosso dileto Presidente, Dr. Raimundo de Oliveira Borges, tendo na oportunidade, sido tomado da mais grata surpresa, e aceito de pronto, tão dignificante chamamento. Compreendi pois, que naquela ocasião, sem falsa humildade, estava tendo o reconhecimento por parte da intelectualidade da minha região, pois era o Presidente do Instituto Cultural do Cariri, o escritor, causídico, professor e jornalista, Dr. Raimundo Borges, quem chamava-me para sócio da mencionada Academia, tendo depois, sido submetido o meu nome à avaliação dos membros deste Instituto.

O patrono da cadeira de número 18, Raimundo de Monte Arraes nasceu em 03 de julho de 1888, na Fazenda Várzea Nova, encravada no município de Assaré, na região dos Inhamuns. Filho do Coronel Nicolau de Albuquerque Arraes e de sua segunda esposa, D. Maria Brasilina Arraes. O Coronel Nicolau Arraes destacou-se como grande fazendeiro na região dos Inhamuns, além de representativo líder político.

Aos cinco anos de idade (1893), Raimundo de Monte Arraes aprendeu as primeiras letras com o professor Rogério de Vasconcelos não havendo freqüentado outra escola, tendo sido autodidata.

No ano de 1901, o Cel. Nicolau Arraes foi tocado e assassinado por motivos políticos. Na época, com apenas treze anos de idade, Monte Arraes achava-se na companhia de seu genitor, tendo sido baleado na perna. Com a morte do Cel. Nicolau Arraes, a fazenda entrou em declínio. Com

dezoito anos de idade, Monte Arraes mudou-se para Fortaleza, onde destaca-se como jornalista e advogado.

A primeira atividade cultural de Monte Arraes foi o jornalismo, dando-se sua estréia no jornal Unitário, de João Brígido, no ano de 1912. Graças ao exercício do jornalismo e da advocacia, Monte Arraes pôde edificar a sua sólida e exemplar caminhada no mundo da política, pautando sua atuação pela ética, e sem dúvida, um dos maiores conhecedores dos problemas do Nordeste brasileiro.

Em 25 de outubro de 1913, casou-se com Alice Medeiros, que adotou o nome de Alice Medeiros Arraes. O casal foi residir na cidade de Iguatu-Ceará, tendo Monte Arraes se associado com o Padre Assis Monteiro, tendo ali instalado os cursos primário e ginásial, para ambos os sexos. Foi também advogado da Prefeitura de Aracati. Da cidade de Aracati, Monte Arraes, estendeu suas atividades jurídicas para várias comarcas do Vale do Jaguaribe. Em 1917 regressou a Fortaleza, dedicando-se principalmente ao Direito Comercial, além do jornalismo. Foi redator do Diário do Estado. De 1924 a 1928 foi redator do Jornal do Comércio.

Elegeu-se deputado estadual em 1925, nesse ano publicou sua grande obra: O Rio Grande do Sul e as Instituições Governamentais, onde faz apologia da Constituição do Rio Grande e dos castilhistas. Entre tantas obras produzidas, destacam-se ainda, os seguintes livros: O Habeas Corpus e a Autonomia Municipal, 1918; Terra Redimida, Imprensa Nacional, editado em 1937; Do Poder do Estado e dos Órgãos Governamentais, 1935; O Estado Novo e suas Diretrizes, Editora José Olímpio, 1938; O Brasil e os Regimes Ocidentais, Tipografia do Patronato, 1943; Estudos Parlamentares, 1935-1947; Idéias e Sentimentos de Viriato Vargas, em 1945; Cidadão de Dois Mundos – Rui Barbosa, Numa Síntese Interpretativa, 1952.

Em 9 de outubro de 1926, apresentou um projeto para a “fundação de um instituto profissional, ou melhor, de uma universidade popular”. Monte Arraes idealizava uma universidade popular, para que os mais pobres pudessem exercer plenamente sua cidadania.

Em 1929, Monte Arraes ingressa na Aliança Liberal, tendo nesse ano fundado o jornal A Razão, em Fortaleza.

Com a vitória da revolução de 1930, foi nomeado Chefe da Censura no Rio de Janeiro. Recebeu o título de doutor honoris causa, da Universidade do então Distrito Federal.

Em 1935, elegeu-se deputado federal pelo Estado do Ceará. Em 1944 foi nomeado escrivão da Vara Cível no Rio de Janeiro, cargo de onde viria a se aposentar. Monte Arraes faleceu no dia 03 de outubro de 1965, no Rio de Janeiro.

José Alves de Paula em palestra proferida em 5 de agosto de 1987, na Academia Cearense de Letras e Artes do Rio de Janeiro, referindo-se às declarações verbais do escritor Djacir Menezes, sobre o amigo e contemporâneo Raimundo de Monte Arraes. Djacir produziu o seguinte comentário, que vem aquilatar o valor e a sensibilidade literária de Monte Arraes, vejamos:

“Monte Arraes foi um autodidata tremendo. Tinha uma excelente memória e uma intuição fantástica. Pode-se mesmo defini-lo como um grande intuitivo, para tudo que era assunto social. Possuía também palavra extremamente fácil, plástica. Qualquer assunto o Arraes discorria com facilidade, mesmo não tendo estudado com profundidade. Não era orador de grandes auditórios, de arrebatador multidões em praça pública, mas sua linguagem, fluente e espontânea, era encantadora para pequenos auditórios. Ele adorava também conversar. Algumas vezes ia a casa de meus pais, e tanto meu pai como eu ficávamos encantados com sua conversação”.

O último ocupante da cadeira de número 18 desta Casa, foi o filólogo, grande latinista, professor e jornalista José Arraes de Alencar. O professor José Arraes de Alencar foi ardoroso e incansável amante da literatura, para melhor defini-lo, destaco estes versos do poeta Patativa do Assaré, vejamos:

“Nestes versos sertanejos,
Quero mostrar
Os verdadeiros lampejos
De inteligência, de amor,
De critério e de humildade,
Quero, também, com verdade,

No meu versejar grosseiro,
 Dar uma prova decidida
 Como alguém vence na vida
 Sem precisar de dinheiro.
 Falo sobre um nordestino,
 Que à minha terra pertence,
 É do berço alencarino,
 Um distinto cearense,
 Com o qual me relaciono,
 O nome que menciono
 É de um senhor exemplar,
 Grande amigo e protetor,
 O conhecido doutor
 José Arraes de Alencar”.

José Arraes de Alencar nasceu a 20 de novembro de 1896, em Araripe, Estado do Ceará. Filho de Miguel Arraes Sobrinho e de Maria Silvinha de Alencar Arraes. Miguel Arraes Sobrinho faleceu no dia 4 de fevereiro de 1908, como Prefeito de Araripe. Em 1910, o jovem José Arraes ingressou no Seminário da Prainha em Fortaleza, permanecendo por quatro anos como seminarista.

No dia 6 de setembro de 1916, com apenas 19 anos de idade, viajando a cavalo, chega à cidade de Ilhéus, na Bahia. Na progressista cidade do interior da Bahia, trabalhou no Jornal de Ilhéus, como gerente e co-redator. Para aumentar os rendimentos lecionou francês. A convite do Bispo de Ilhéus, lecionou no Colégio Diocesano.

Da cidade de Ilhéus deslocou-se até o Rio de Janeiro, submetendo-se a um concurso no Banco do Brasil, tendo assumido o cargo de bancário na agência do Banco do Brasil de Ilhéus, no dia 6 de fevereiro de 1918. Trabalhou nas agências das seguintes cidades: Fortaleza, Belém, Teresina, Natal, Campina Grande e Manaus.

Casou-se no dia 23 de julho de 1921, com D. Alda Pequeno Arraes de Alencar, em Belém Estado do Pará. Do casamento com D. Alda Pequeno,

nasceram os seguintes filhos: Miguel Alfredo Arraes de Alencar, Josoaldo Pequeno Arraes de Alencar, José Pequeno de Arraes Alencar e Alfredo Pequeno de Arraes Alencar.

Em 1927 foi nomeado gerente do Banco do Brasil em Fortaleza; em 1928, gerente no Maranhão; em 1930, gerente do Banco do Brasil em Recife. No ano de 1932 solicitou demissão da gerência do Banco do Brasil em Recife.

Instalou, na qualidade de gerente o Instituto do Açúcar e do Alcool, permanecendo alguns meses nessa função, retornando ao seu cargo anterior no Banco do Brasil. Foi Inspetor do Banco do Brasil, por vários anos. Aposentou-se em 18 de abril de 1948.

Sobre a produção intelectual de José Arraes de Alencar, disse o Ministro Ivan Lins, em 22 de abril de 1969:

“Só hoje posso agradecer-lhe o esplêndido trabalho “Divagações Filológicas” e a cópia da carta que, em 26 de abril de 1943, dirigiu, em inglês, a um de seus sobrinhos. Se retardei esse agradecimento é que, estando muito assoberbado de serviço, não queria fazê-lo antes de lê-lo com o devido vagar. Foi o que fiz, em Petrópolis, no último fim de semana, e não me arrependo de haver retardado a sua leitura, porquanto pude aproveitá-la muito mais, na amenidade do clima serrano. São dois trabalhos magníficos, como todos os de sua lavra, e que demonstram sua enorme, profunda e variada cultura”.

O professor José Pedro Machado apresentou a seguinte opinião, sobre uma produção de José Arraes de Alencar:

“... só a dias, mandei compor as “Divagações Filológicas”. Esse belo artigo deve sair no número de março ou abril da Revista de Portugal. Recebi, no dia 28 de fevereiro, o belo estudo denominado “Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem”, que já comecei a apreciar, em leitura entusiástica e muito proveitosa. Muito lhe agradeço o encantador volume, a gentileza da lembrança e ainda mais os ensinamentos que nele já comecei a recolher. Espero que em breve nos envie mais colaborações para a Revista de Portugal, que se sente muito honrada com ela” (Lisboa, 8 de março de 1964).

Saudando o escritor José Arraes de Alencar, quando do seu ingresso no Instituto Cultural do Cariri, declarou o saudoso imortal Jefferson de Albuquerque e Sousa:

“Mas a sua dedicação ao Banco do Brasil não o impediu que continuasse lendo, estudando, produzindo, aumentando e atualizando a sua cultura filológica. E nos dá “Filosofia e Poesia da Linguagem – Vocabulário Latino por Famílias Etimológicas”, “Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem”, “Uma Candidatura à Academia”. Lavourando nesse campo, obteve a melhor e justa acolhida. Foi exaltado por seus méritos. Não só no Brasil. Em Portugal também. Como crítico literário, como epistológrafo, novamente adapta-se José Arraes de Alencar ao protótipo cearense: do escrever brota simplicidade, originalidade, bom gosto, alento e vida, amizade e compreensão...”.

E mais adiante, ressaltando o caráter de José Arraes de Alencar, declarou Dr. Jefferson de Albuquerque:

“Postulando à Cadeira Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, apesar de contar com o apoio de vários acadêmicos, desistiu de levar avante a sua candidatura: seria essencial pedir votos, o que feria a sua modéstia”.

Analisar a produção literária de José Arraes de Alencar é algo que gratifica o espírito, pois nos faz navegar em águas densas de sabedoria, beleza e prazer. O escritor e jornalista Arraes de Alencar tem o dom de criar, de esculpir com palavras obras ricas, e sobretudo fascinantes, que nos eleva espiritualmente, além de povoar de ensinamentos o nosso cérebro. Podemos nesta noite afirmar, e aqui não há nenhum exagero, que graças principalmente ao seu universo literário e a sua extraordinária qualidade humana, José Arraes de Alencar transformou-se num dos filhos mais valorosos deste nosso Cariri. Um exemplo de determinação, coragem e amor às coisas do saber.

Arraes de Alencar produziu as seguintes obras:

Filosofia e Poesia da Linguagem; Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem e Uma Candidatura à Academia.

José Arraes de Alencar faleceu no dia 6 de dezembro de 1978, no Rio de Janeiro.

Minhas senhoras, meus senhores:

Ao assumir como membro vitalício do Instituto Cultural do Cariri, a minha responsabilidade aumenta, pois dignificante e sedutor é ocupar esta

cadeira de número 18.

Para finalizar o meu discurso, e não tornar-me enfadonho aos sensíveis ouvidos desta respeitável platéia, creio que, é absolutamente indispensável mencionar um grande poeta, e resolvo destacar dois pensamentos contidos no livro *O Discípulo de Emaús*, do fecundo poeta mineiro Murilo Mendes, que profeticamente nos ensinou:

“O sofrimento dos poetas, dos artistas e dos santos torna-se estrume espiritual da humanidade”.

E mais à frente, diz Murilo Mendes:

“A poesia não pode nem deve ser um luxo para alguns iniciados: é o pão cotidiano de todos, uma aventura simples e grandiosa do espírito”.

Boa noite, muito obrigado!

Crato, 24 de julho de 1998

Os Caminhos da Existência

Pedro de Araújo Bezerra, membro do Instituto Cultural do Cariri

Insondáveis são os caminhos da existência.

Insondável é a dor da despedida,
 Mas tu soubeste enfrentar a força da adversidade
 Como se fosse um rochedo,
 Como se fosse uma muralha,
 Como um verdadeiro guerreiro
 Que não se abate diante da brutal força da morte.

Ah, Raimundo nos teus quase sessenta e dois anos de existência
 Muitas sementes foram semeadas
 E foram espalhados grãos de amor ao próximo, grãos de coragem
 E muitos grãos de dignidade.

Encontramos nos teus retos passos
 Um canto de louvor ao homem,
 Um poema de amor ao Crato
 E num misto de médico e homem público
 Uma heróica lição de vida.

Ah, Raimundo Bezerra
 Inevitavelmente teu corpo teria que repousar
 Numa cova tão larga, tão grande, tão funda
 Do tamanho de teus exemplos
 E assim dorme teu corpo nos férteis braços da Chapada do Araripe
 Abrigado na Capela de São Francisco de Assis.

Sombra e Luz

José Emerson Monteiro Lacerda

A China preserva uma tradição milenar, vistas as técnicas de registro que desenvolveu como nenhuma outra civilização. A propósito, a lembrança de que fabricou o papel, aperfeiçoou a porcelana e a seda, além de produzir instrumentos de orientação, depois usados pelos ocidentais, quando em suas viagens marítimas para conhecer o resto do Planeta.

Dentre os consagrados gênios do pensamento chinês, a figura do Imperador Amarelo, se ressaltava pelas pesquisas no campo da Ciência Universal. Sábio consciencioso, voltou-se para o ser humano em sua busca de adaptação com a natureza. E dos conhecimentos que legou à posteridade um aqui avaliamos: o Princípio Único da Bipolaridade, isto é, tudo tem de ter o seu contrário para poder existir. Ou Yin/Yang, a Lei Universal da matéria, base de todo progresso tecnológico.

Sobre o assunto alguma coisa mais pode ser falada. Após passarem a existir, sem que avaliemos o mérito disso, os seres animados e inanimados se vêem submetidos ao equilíbrio desses dois extremos de força, o centrífugo e o centrípeto. Na energia elétrica, são eles os dois pólos, negativo e positivo, o terra e a fase.

Caso analisados sob o prima dialético, fenômenos e objetos se apresentam dentro da obediência desse princípio. Lua e Sol. Noite e dia. Açúcar e sal. Mulher e homem. Escuro e claro. Baixo e alto. Frio e quente. Esquerdo e direito. Tudo tendo seu outro lado, possibilitando a correlação comparativa e complementar na outra extremidade. Friedrich Hegel demonstrou, na Filosofia, a essa lei, quando fundou seu método de tese e antítese a gerarem a síntese, início de nova tese, aspectos distintos do processo energético em movimento na matéria.

As religiões também se utilizam de referências idênticas, desde a mais remota, registrada em livro, o Hinduísmo, onde se lê na Sublime Canção dos Vedas (o Bhagavad Gita) o diálogo entre Arjuna, guerreiro em conflito quanto a lutar ou se omitir face batalha extrema, e Krishna, a Suprema Personalidade de Deus, que lhe indica o caminho da Verdade e mantém o seu ânimo de luta. Depois, veio o Budismo, fruto da evolução individual de Gautama, que desperta em si o Eu Búdico, ou o Buda (o Iluminado), no outro lado de si mesmo, no Eu Superior.

No Cristianismo, Jesus de Nazaré, após os 40 dias no deserto, virá às margens do rio Jordão, no Batismo, dividir a História com o advento do Cristo (o Ungido de Deus), sua outra natureza, seu lado interior, transformação que passa a transmitir em andanças persistentes através das cidades palestinas, anunciando o Reino Divino existente no coração de cada ser humano - "Sois deuses e não o sabeis." "Meu caminho é o do coração. Ninguém chegará ao Pai a não ser por mim". "Buscai a porta estreita, porque larga é a da perdição". "Não saiba a vossa mão

esquerda o que dá a vossa direita”. “Se vosso olho é mau, todo o vosso corpo é mau. Se vosso olho é bom, todo o vosso corpo é bom”. “Brilhe a vossa luz”.

A mesma lei veio também de orientar a Psicologia moderna, pois “o mesmo princípio perpassa todas as coisas do Universo”, segundo afirmativa de Hermes Trismegisto, sábio consagrado do Antigo Egito. No âmbito da pesquisa psicológica atual, os resultados denotam que a essência da personalidade compreende uma harmonia que se perfaz no funcionamento proporcional das engrenagens do Ego e do Eu Superior, os mesmos dois valores até aqui abordados. Estantes dos conceitos apenas abstratos, veremos, na composição física do corpo, em sua arquitetura, que o nosso cérebro se estrutura em dois hemisférios, esquerdo e direito, a se intercruzarem nas ramificações nervosas para com o restante dos órgãos, a coordenar lados internos e externos contrários, enquanto que se comunicam por estreita faixa denominada “corpo caloso” - uma ponte correspondente a 25% de toda a área fronteira desses dois territórios, qual traço de ligação. Estudos de funcionalidade avaliam que existe uma proporção de predominância na razão de 1 para 3, de um lado sobre o outro, as mesmas equivalências de terra e água, na face do Planeta.

Como visto, o mesmo princípio também percorre tudo o mais que existe, e ao se saber que um dos aspectos possui luz própria, no contexto da própria Lei, sem que seja necessário juízos de valor, numa inferência se conclui que a Verdade existe, independente das opções individuais das criaturas humanas, qual coisa em si, sobranceira às perscrutações e idiosincrasias das escolhas particulares. A luz do Sol é própria; a da Lua, refletida. Na energia elétrica, apenas o positivo dispõe da fase, ou fogo, com mostra a experiência cotidiana; o outro pólo, o terra, poderá ser isolado até a exteriorização da força, como se dá nos sistemas de fornecimento que utilizam apenas um cabo para eletrificação, exemplo ora adotado como alternativa de menores custos.

Nesta seqüência de raciocínio, a lógica reflete uma norma original, onde o progresso se evidencia qual declividade sutil, “as águas correm sempre para o mar”, como no dizer do povo. As trevas fogem da luz, porém a luz não foge das trevas. E o Homem se vê na condição inalienável de um dia ser feliz, pelo triunfo definitivo do Amor sobre o Ódio.

No entanto, isso compete ao livre-arbítrio de cada serciente individual, que deve evoluir por esforço exclusivo, sendo-lhe franco o plantio de uma inevitável colheita, como propõem inúmeras filosofias e religiões: “a cada um conforme o seu merecimento”.

Devemos daí mudar de lado, romper o cristal que nos divide, guindados pelo poder maior da Consciência, e passar ao outro hemisfério cerebral, que também nós somos. Para percorrer esse caminho de libertação, atravessemos o Mar Vermelho, a seiva colorida que nos iriga vasos, veias e artérias, para chegar na Terra da Promissão e viver o sonho da real felicidade. Eis o mito hebreu da Passash, ou Páscoa, a significar travessia, da escravidão para a liberdade. Quando Saulo de Tasso, na estrada de Damasco, se refazia do impacto vivido na presença da Luz, se depara com tamanha mudança interior que passa a ser conhecido por Paulo e afirma: - Não sou eu quem vive. É o Cristo que vive em mim.

Portanto, a capacidade humana de se auto-avaliar demonstra conteúdo espontâneo de um fenômeno biológico permanente, em cumprimento de trilhas rígidas e concatenadas, quais o percurso da Terra em volta de um eixo imaginário, iluminando-se ao Sol que a clareia do leste para o oeste. Do olho esquerdo para o direito - na rotação própria da evolução - quando cada olho corresponde a um hemisfério de predominância mental, abstrata, no espaço físico do cérebro.

Certa feita nos afirmaram que somos tais dois castelos, um junto do outro. O castelo da Ilusão e o da Ciência. E que entre eles uma única diferença existe! A saber: do castelo da Ilusão não vemos o da Ciência, mas do da Ciência podemos ver o da Ilusão.

A história de Jesus patenteia bem claro este enfoque, por muitos manipulado como fonte de poder temporal, revestindo de mistério o simples de sentir e viver, criando bloqueios à percepção daquilo que nos acompanha nos dias vividos. Fundaram até, em proveito de pompas e privilégios, os conceitos indeclináveis de secreto, tabu, mágico, milagroso, dentre outros, sempre em detrimento da maioria social e a favor de uma elite prestigiosa e impenitente. Com a democracia das oportunidades, veio a secularização das idéias, fase ora em ebulição, no seio da espécie. Quando massacrado pelos judeus e romanos, Jesus ficou exposto numa cruz entre dois ladrões, no Gólgota, colina próxima de Jerusalém. Observemos, no entanto, que tudo faz sentido na linguagem divina. Pois Gólgota quer dizer crânio e os dois ladrões, nossos dois olhos, a nos segregar o condão da concentração interior, arrastando-nos aos chamamentos externos das ilusões. Um ruim, outro bom, segundo a tradição; porque ambos revelam a sintonia polar da avaliação aqui proposta. Ao centro, no alto, acima da testa, uma glândula, também pesquisada pela atual ciência e por certas escolas iniciáticas, denominada terceiro olho, corpo pineal, olho de Shiva, olho de Siva, consciência cósmica, olho da vidência, etc.

No Zen-Budismo, as modalidades de despertar se dão através do samadhi, vislumbre de uma consciência nova, qual lampejo luminescente (insight) - a se completar, pela vivência ascética e virtuosa, no Nirvana, encontro definitivo com Deus. Lembremo-nos de Jesus, quando disse: - Aquele que perseverar até o fim será salvo.

Face a constatação de que se pode transmitir a energia elétrica via um único cabo, como dissemos, e ao se pensar que o Ego equivaleria ao fio terra, em nosso corpo, o Eu do Espírito (o outro lado) pode continuar vivo após o perecimento da matéria, podendo, destarte, depois, vir a se manifestar noutro corpo (pelo princípio da Reencarnação), levado que será pelo aspecto abstrato da existência energética, ou semi-material, a verdadeira natureza do Espírito imortal. Se um atributo é matéria, o outro deve se opor a tal característica, mesmo que se tangencie, de modo apenas transitório, por meio de corpo opaco de matéria perecível.

Como numa escala de graduação, as pessoas crescem para o Bem Eterno dentro de sua capacidade de comando, ou "grau de memória". "A quem muito foi dado mais lhe será pedido". E o estágio em que cada um de nós se encontra pode ser aquilatado pelo modo de seu comportamento. "Pelo fruto se conhece a árvore. Árvore má não dá bons frutos; árvore boa não dá maus frutos", nas afirmações evangélicas.

Perante a dúvida de qual hemisfério se usa como predominância, busquemos classificar

nostros próprios pensamentos, sentimentos, atitudes. Quando positivos, otimistas, construtivos para o bem - sinais evidentes da utilização do Hemisfério Direito (o do coração). Caso inverso - o Esquerdo (razão). Isso fica nítido, sobretudo neste fim de século, quando proliferam tantas escolas do pensamento positivo quais panacéias universais para muitos males.

Existem, sim, estudos avançados sobre as polaridades hemisféricas cerebrais. Ainda na década de 70, no Brasil, o jornal Movimento n°s 122 e 123, publicava artigo do teórico canadense de Comunicação prof. Marshall McLuhan, onde afirma que se a Humanidade vier a adotar o outro hemisfério cerebral solucionará os graves problemas da inflação, da fome, guerra, angústia, drogas, desigualdades sociais.

Quando se sabe do certo, despreza-se o errado - norma comezinha de inteligência prática.

Assim, decidimo-nos pela divulgação que ora fazemos dado o pressuposto de que “Deus é a simplicidade das coisas mais simples”, como aprendemos dos mais experientes na arte do bom viver. Tomamos por método compartilhar a emoção do sentir, junto daqueles que, por vezes, acham por demais remotas as possibilidades da transformação. (“Não poderá ver o Reino Divino quem não nascer outra vez”).

- Não se acende uma lâmpada para ser escondida, mas para que se eleve e ilumine toda a casa.

Sabe-se de muitos que refutarão este ponto de vista, entretanto isso jamais justificaria o desuso do direito de falar. Deste modo, como outros também fazem, apresentamos estas idéias, fruto de nossa mesma história. Quisemos “amarrar o burro nas orelhas do dono”, dizendo e mostrando, em nosso próprio corpo, ser possível a mudança de alternativa hemisférica, para aqueles que quiser ver. Contra fatos não há argumentos, num axioma clássico de domínio público.

- Uma imagem valem por dez mil palavras - afirmam os orientais.

Palavras que, faladas, funcionam à velocidade do som, a 340 metros por segundo. As imagens da visualização, à da luz, isto é, a 300.000 quilômetros por segundo, quase sem termo de comparação em nível de rapidez preferencial.

Numa outra conhecida comprovação, McLuhan fez escola ao concluir que “o meio é a mensagem”. Isso trazendo à baila Francisco de Assis, o Pobre de Deus, que defendia a tese de que “as palavras convencem, mas o que arrasta é o exemplo”. Tais estações de ondas curtas (porta estreita) e médias (larga) atuamos, face ao Universo, podendo receber e transmitir vibrações eletromagnéticas, tanto negativas, quanto positivas, cabendo-nos definir a nossa predileção. “Um vibrando para o bem equivale a milhões vibrando para o mal”, eis o que afirma Emmanuel, guia espiritual do médium brasileiro Francisco Cândido Xavier.

Muito mais ainda se dirá sobre o que aqui tratamos, e que todos possam sempre disso usufruir, livres de preconceitos e atrofiantes limitações. Mais uma vez, citamos Jesus, em frase de beleza incomparável, a informar que “os que comerem deste pão jamais terão fome. E beberem desta água jamais sentirão sede”. Então, quedemos quais crianças a escutar as notícias dos páramos da Luz Superior, no mais íntimo de nós mesmos.

Saudação de Posse a Olival Honor de Brito

O

Instituto Cultural do Cariri reúne-se agora, em mais uma noite magnífica de festa e de justificado gáudio, para cumprir o habitual e salutar roteiro de abrir suas portas e seu coração para abrigar mais um praticante das letras. Desta feita, trata-se de um voraz consumidor da boa literatura, de um apaixonado contumaz pelos livros, de um amante da vida e dos sentimentos, de um poeta de rimas ricas e versos solidários, ternos e eternos como o são seus gestos e seu pensamento. Esta Casa vive um momento maior – este momento! – em que dá as boas vindas ao poeta Olival Honor de Brito.

Olival ocupa, a partir desta majestática noite, a Cadeira nº 7 deste Instituto Cultural do Cariri. Antecipando-me ao pronunciamento que irá fazer o novel participante desta nobre agremiação literária, registro tão-somente que seu patrono é Barbosa de Freitas, poeta assemelhado a Castro Alves no estilo de viver e no tempo de morrer, já que a morte o surpreendeu ainda emergindo da adolescência. Posteriormente, foi brilhantemente ocupada pelo Capitão Otacílio Anselmo, pesquisador e historiador maior do trabalho, vida e caminho religiosos do lendário Padre Cícero. Quando eu era menino, habitante da rua da Vala (hoje Tristão Gonçalves), tive oportunidade de conhecer o Capitão Otacílio. Era amigo de meu pai. Outra vez, já médico, em Fortaleza, num encontro casual, vivi a satisfação de parabenizá-lo pela excelente obra: “PADRE CICERO – MITO E REALIDADE”. Hoje, Olival Honor de Brito embrenha-se no destino desta Cadeira nº 7. Missão árdua que ele terá de desincumbir-se. E fa-lo-á, sobranceiro, temos certeza!

Olival nasceu no Crato, na rua da Pedra Lavrada, e isto já foi a primeira dádiva com que Deus o brindou na sua chegada à vida. Foi em 10 de setembro de 1931. Oitavo filho de José Honor de Brito e de Dona Maria Eremita de Oliveira. A Casa Vitória, pequena loja comercial do meu pai, era circunvizinhada à mercearia de Seu Zé Honor. Se pouso a imaginação nos

tempos de minha infância lembro inarredavelmente da figura de Seu Zé Honor, nunca fatigado, buliçoso, administrando com eterna simpatia e otimismo o seu comércio de gêneros alimentícios. Acho que nossos pais, Olival, continuam amigos nas plácidas veredas celestiais.

Olival Honor foi concluir o curso científico em Fortaleza e por lá candidatou-se, após concurso público, a uma vaga para escriturário do Banco do Brasil, maior ambição que um jovem cultivava em nosso país daquela época. Aprovado, foi designado para trabalhar na aconchegante cidade de Patos, na Paraíba e de lá, após breve período, veio transferido para seu Crato sempre buscado, mas trazendo consigo u'a musa, Lourdinha – Maria de Lourdes Medeiros de Brito – a mulher que ficou em sua vida, que lhe inspirou poemas inúmeros e filhos, cinco. Desta saudável congregação familiar, já nasceram dez netos e uma bisneta.

Olival Honor de Brito estudou na escola de Dona Vicência Garrido, na de Dona Cesídia, no Grupo Escolar Municipal e no glorioso Colégio Diocesano. Todos no Crato. E ainda no Ginásio Lourenço Filho, em Fortaleza. Desenvolveu fecundos cursos universitários na Faculdade de Filosofia do Crato e na Faculdade de Direito de Caruaru, em Pernambuco.

Exercitou seu incipiente pendor literário no Grêmio Cívico Literário do Colégio Diocesano do Crato. Romperam-se ali os limites de seu casulo. Passou a enfrentar platéias. Desmoralizou a natural timidez que naturalmente envolvia a gente humilde de nossas cidades. Sobretudo na primeira metade de nosso século, quando a educação familiar e escolar não propiciavam muita liberdade aos anseios juvenis. Mais tarde, no semanário ECOS DA SEMANA, jornal fundado pelo brilhante jornalista Osvaldo Alves de Souza, foi habilitando seus dotes jornalísticos. Depois incursionou pelo teatro, precisamente no Grupo Teatral de Amadores Cratenses. Publicou dois livros de poesias: SEXTO SENTIDO – 1991 – e VAGALUMES – 1996 -. Neste, eu tive a satisfação de escrever sincero comentário na contra-capá. Nesta noite, em que assume a Cadeira nº 7 do Instituto Cultural do Cariri, o poeta o faz em grande estilo, comungando a emoção deste momento com o lançamento de um livro de trovas – O TROVADOR.

Homem de formação multifacetada, desdobrou sua sensibilidade às

esferas sociais. Sua vocação ideológica para o socialismo lhe valeu perseguição e prisão políticas e transferência compulsória do Banco do Brasil para outras plagas. A escuridão do ideário da ditadura militar é intolerante ao brilho da luz do poeta e de sua inspiração. Mas nem por isto Olival emudeceu o estro que mora em sua intimidade e continuou fazendo seus belos poemas nas terras das Minas Gerais.

Sinto-me rigorosamente à vontade para falar sobre este Homem, este Poeta e sobretudo, este grande Amigo que vem enriquecer e ilustrar, desta noite em diante, a trajetória destemida, ousada e memorável que nosso ICC vem impondo em seu inarredável curso histórico. Esta Casa desafia a intempérie mutiladora da vida e a quase constante má vontade dos poderes constituídos em todas as esferas administrativas. Desdenha-se do que aqui se cultiva, ignora-se o que aqui é germinado, esquece-se do que aqui é pensado: a Cultura, pilastra basilar que norteia um povo, que orienta uma nação, que forma um caráter e dá personalidade a uma gente.

Senhoras... Senhores...

Perdoem-me a emocionalidade que burlou a disciplina nesta minha fala e deixou que a minha passionalidade assumisse as rédeas deste discurso e o endereçasse para uma denúncia surda e doída, talvez inútil, provavelmente estéril e certamente ingênua. Mas não poderia ser diferente no instante em que abro meus braços para saudar Olival Honor, ele que, além das características imprescindíveis para ingressar neste amado sodalício, reúne também um temperamento forte e vencedor, querelante quando se faz necessário, entusiasta sempre, acovardado jamais, colecionador de vitórias em todos os seus desideratos.

Olival também armazenou lágrimas machucadas. Seu Zé Honor em 1959, sua filha Maysa em 1981 e sua Lourdinha em 1997 faleceram, ou melhor, citando Guimarães Rosa, “encantaram-se”.

Senhoras... Senhores...

Há dois anos, o poeta retornou ao Crato. Voltou em definitivo, todos esperamos e desejamos que assim o seja. Veio para exercer a advocacia. Para beber o usufruto de sua aposentadoria. Para enriquecer as barricadas e as trincheiras que este Instituto Cultural do Cariri necessita para a sua sobrevivência. Para deixar nascer mais e mais poemas. Para amar e deixar-se amar cada vez mais por esse Crato que, como uma cicatriz, marca a gente para a eternidade.

Poeta Olival, estamos todos de parabéns com a sua chegada. Faça como Irene, de Manuel Bandeira, que, chegando ao Céu, recebeu de São Pedro a regalia absoluta. – “Entre Irene, você não precisa pedir licença...”

Seja bem-vindo, poeta Olival Honor de Brito.!!! A Casa é nossa!!!

Discurso proferido por Wellington Alves em 03 junho 99.

Discurso de Posse de Olival Honor de Brito na cadeira N° 7, do Instituto Cultural do Cariri

Aqui estou para tomar posse na Cadeira N° 7 do Instituto Cultural do Cariri, **que** tem como patrono o Poeta Antônio Barbosa de Freitas e como último ocupante o Capitão Otacílio Anselmo e Silva.

Quero agradecer aos meus amigos do Instituto a benevolência do chamado, pedir aos titulares das demais cadeiras que lhes perdoem o desacato do convite e testemunhar a minha amizade aos que me honraram com sua presença.

Pretendo fazer algumas considerações a respeito da poesia como fenômeno, por ser o Patrono um poeta e porque publiquei dois livros de poemas, razão principal de estar hoje aqui.

A poesia acompanha o homem desde tempos imemoriais, não havendo registro confiável de quando se fez o primeiro poema, que foi com certeza a peça inaugural da escrita rupestre.

Teria sido o amor a fonte inicial da poesia?

Inspiraram os primeiros versos o jeito de olhar da jovem habitante da caverna vizinha, o ondular sensual dos quadris desnudos da filha do pajé ou a vasta cabeleira derramada na ocultação de seios retesos, despertando a libido do jovem seresteiro apaixonado?

Foram numerosas as noites de luar indefinidamente transcorridas em fria indiferença, ou a primeira lua cheia teria sido saudada por um apaixonado troglodita, declamando.

Ó lua, branca lanterna,
Vem clarear meu tacape
Com tua luz doce e terna,
Pra que meu bem não me escape.

Quem sabe Deus, o Poeta Maior, enfasiado de eternidade, na monotonia de um cosmos vazio e inexpressivo, de repente, em momento de divina inspiração, criou a mulher, compondo esse belíssimo poema-enigma, que o homem lê há milênios, nele e dele se deleita, mas não consegue entender nem decifrar?

A ocorrência poética, realmente, continua desafiando o espírito humano, que tem buscado explicá-la, sem resultado. São muitas as teorias, todas, a nosso ver, incompletas. Atendem a certos aspectos, outros permanecem no limbo.

Aristóteles, na “Poética”, defende a tese de que a poesia é imitação.

Abençoados imitadores, os poetas, - digo eu, - que usando o ritmo e a harmonia da linguagem, sublimam a beleza, transmudam encanto em encantamento e nos transportam, nas asas mágicas da poesia, ao reencontro de um amor ausente.

No entanto, ela é criação e invenção, no dizer de Henry Thomas, biógrafo de grandes poetas, para quem poeta é “aquele que tece palavras musicais e cria pensamentos harmoniosos”.

É ímpeto e convulsão, digo eu, quando explode em força libertária nos poemas de Castro Alves, Neruda ou Mayakovsky, despertando consciência e acordando multidões, para depois fluir como linguagem mágica de amor e emoção na poética de Vinícius e Drummond.

Percebo que o entendimento do fenômeno poético não pode circunscrever-se ao limitado espaço da razão humana. A poesia vai além, seria a síntese e o alcance, pela emoção, daquele algo mais a que se refere o filósofo e poeta Emerson, quando afirma: “Em realidade, somos mais do que conhecemos de nós próprios”.

Longe de mim, poeta menor, querer desvendar esses mistérios.

Assim sendo, não percamos tempo e passemos a falar de nosso Patrono, o poeta Antônio Barbosa de Freitas.

Os dados que transcrevo adiante, foram obtidos com o Dr. Napoleão Tavares Neves:

“Antônio Barbosa de Freitas nasceu em Jardim, no sítio Lameirão, filho espúrio de um advogado com uma moça daquele sítio. O pai não lhe

reconheceu a paternidade e aquela rejeição marcou a vida do poeta para sempre. O Juiz de Direito de então, de Jardim, quando transferido para Fortaleza, levou o jovem, matriculando-o no Seminário da Prainha, onde ele se destacou pela inteligência, mas sobretudo pela rebeldia. Viveu apenas 22 anos, falecendo de hemoptise tuberculosa na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza.

Boêmio, alcoólatra, perdulário, vivia de bar em bar, estróina de seu próprio talento.

Lendo-se os seus poemas – continua o Dr. Napoleão -, sente-se a grandeza de sua criatividade (...) Barbosa de Freitas foi gênio da poesia cearense.”

Seu estilo condoreiro lhe valeu o epíteto de “O Castro Alves cearense”, consagrado pelo Capitão Otacílio em seu discurso de posse no ICC, de que é exemplo o poema “AVE LIBERTAS”, de sua lavra, saudando o Congresso Abolicionista Cearense., em 26 de maio de 1881.

Aqueles que se interessarem por sua vida e sua obra, poderão consultar os escritos da crítica literária Ângela Leal, o livro “O Ignorante Sublime”, do Prof. José Valdo Ribeiro Ramos, ou o discurso do Capitão Otacílio Anselmo ao tomar posse no ICC, publicado no nº 13 da Revista Itaytera.

Falemos agora do Capitão Otacílio Anselmo e Silva, meu antecessor.

Para esta matéria, recebi a preciosa ajuda de meu estimado amigo J. Lindemberg de Aquino, jornalista brilhante, reconhecido arquivo ambulante dos fatos e acontecimentos da vida cultural do Crato e ex-Presidente do ICC. Meu primo Huberto Tavares, guardião de invejável acervo sobre a cultura do Cariri, me repassou parte das fontes utilizadas.

Início com as palavras do Capitão Otacílio, concluindo o seu discurso de posse neste Instituto, ou seja, “sentindo os reflexos do desequilíbrio intelectual entre mim e ele”.

O Capitão Otacílio Anselmo e Silva nasceu na cidade de Jati a 11 de dezembro de 1909 e faleceu em Fortaleza, no dia 8 de janeiro de 1982. Deixou viúva a senhora Francisca Pereira da Silva. O casal teve as filhas Tânia, Ilka Maria, Rejane Maria e Tâmara Maria, e um filho, Carlos Anselmo, que se

tornou engenheiro.

Transcrevo algumas informações sobre ele, extraídas do Dicionário de Literatura Cearense.

“Filho do boticário João Anselmo Silva e sua mulher, Josefina Magalhães e Silva, nasceu na cidade de Jati, antiga Macapá, da região cearense do Cariri, em algumas de cujas localidades, como Brejo Santo, Barbalha e Jardim, passou a infância. Nesta última cidade estudou durante dois anos em colégio particular. Ingressou nas fileiras do Exército em 1927 como simples músico de 3ª classe, e em 1930 tomou parte ativa e decisiva no levante do 23º. Batalhão, em Sousa, Paraíba. Terminada a campanha com a vitória da chamada Revolução de 3 de Outubro, esteve destacado na cidade de Juazeiro do Norte. Passou para a Reserva no posto de Capitão.

No Crato, ocupou o cargo de Delegado do Recrutamento Militar. Amante dos estudos históricos, durante oito anos estudou e pesquisou a vida do Padre Cícero Romão Batista, figura de clérigo por demais discutida, acusada e defendida. Sobre tão controvertida personalidade escreveu o livro *Padre Cícero – Mito e Realidade*”.

Sua obra prima, exaustivo trabalho de pesquisa, esse livro de 584 páginas, levou o seu autor ao renome nacional de maior pesquisador e historiador da vida do Pe. Cícero.

Pelo prestígio de Nelson Werneck Sodré, que prefaciou “*Mito e Realidade*”, destaco o seguinte trecho, que revela a autoridade de meu antecessor como intelectual, que o foi dos melhores. Referindo-se ao Padre Cícero, escreve Nelson no citado prefácio.

“Essa figura singular, destacadíssima, e de quem o autor deste livro viu com clareza, viu com isenção os traços mais característicos, valeu menos por si do que pelo que representou.

“Foi esse relevo – despindo a figura de seus pretensos atributos, do pesado manto de falsidade que, a pretexto de glorificá-la, diminuíam sua expressão e seus traços, - foi esse relevo que Otacílio Anselmo extraiu da massa informativa em que se apoiou e que faz de seu trabalho pesquisa de importância destacada, sem o conhecimento da qual, daqui para a frente, o estudo do sertão, do latifúndio, do feudalismo, da credence, do banditismo e

de tantas outras coisas ficará menor”.

Está aí contida, neste pequeno depoimento de um dos mais autênticos intelectuais brasileiros, a dimensão maior da grandeza intelectual do Capitão Otacílio, tão bem retratada e traduzida, seja como pesquisador, quer a analisemos do ângulo puramente literário, como escritor.

Seria pecado imperdoável não citar o trabalho de sua autoria, publicado pela revista A PROVÍNCIA, em seu número 2, de 05.07.1954, sobre o Colégio 24 de Abril, fundado na cidade de Jardim em 1916, pelo Juiz de Direito Dr. Francisco de Lima Botelho. A riqueza de informações contidas no artigo revela a acuidade do pesquisador que foi o Capitão Anselmo. O mesmo se pode dizer do estudo sobre a chacina de Pedra Bonita, nos sertões de Pernambuco, que ele considera “como o primeiro capítulo da história do fanatismo no Brasil”, matéria inserida no número 3 de A PROVÍNCIA, edição de 07.07.1955. Publicou mais as seguintes obras de pesquisa histórica:

“O Ceará na Revolução de 1930”, “Esboço Histórico do Município de Brejo Santo” e “A Tragédia de Guaribas”.

Da saudação do sócio deste Instituto, Antônio Correia Coelho, (revista ITAYTERA, núm. 13), introduzindo o Capitão Otacílio no ICC, transcrevo os seguintes trechos, que bem traduzem a personalidade de cidadão e intelectual do meu antecessor.

“Sua inata e acendrada vocação para as letras e para a cultura, foi motivo para que este Instituto o atraísse logo para o seu quadro social. (...)”.

“Espírito altivo e de vontade própria, temperamento lhano e cavalheiresco, e alma sensível e prestativa, são qualidades que, entre outras, ornaram a sua personalidade e lhe favoreceram o dom de formar, por onde passa, largo círculo de boa amizade. (...) Sua pena forte, vontade e brilhante jamais deixou de estar a serviço do progresso e da história da região sul-cearense, quer no campo do jornalismo ou de outros veículos onde se possa manifestar o pensamento e a cultura”.

“Quando da publicação da monumental obra ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, editada pelo I.B.G.E., Otacílio Anselmo foi o autor da parte histórica referente ao Crato, Barbalha e outras comunas do Cariri...”

Ficou famosa sua participação no programa “O céu é o limite”, onde respondeu sobre a vida do Pe. Cícero, demonstrando as suas qualidades de intelectual e pesquisador, além de detentor de prodigiosa memória.

Meus amigos, tenho a sensação de que muito ficou a dizer. Meu espírito inquieto de menino travesso, crescido jogando pião nas calçadas de laje ou tijolo batido da Rua das Laranjeiras, este meu espírito de poeta não tem a paciência nem a perspicácia que caracterizam o bom pesquisador, como foi o Capitão Otacílio Anselmo e Silva.

Resta - me o conforto de olhar para trás e perceber que não fiquei de braços cruzados sem usar as minhas aptidões, por pequenas que fossem. Usei-as bem ou mal, não sei - na medida em que me defrontei com os fatos, não permitindo que a omissão me fizesse permanecer à margem da correnteza do grande rio da vida.

Devo tudo o que fiz e o que sou às minhas musas, que me inspiraram em todos os momentos. Sintetizo em Lourdinha, a Musa Maior, a homenagem a todas elas, gravando aqui, para terminar, o poemeto que lhe dediquei ainda em vida:

Quando chegar minha vez, quero estar só.
Nem pessoas, nem ruídos...
Para curtir meu derradeiro instante
Recordando você.

(Obrigado a todos).

Como presidente do I.C.C. eu tenho adotado a praxe de todas as vezes que presido uma solenidade como esta, expor aos ouvintes a situação real em que se encontra o sodalício.

Numa posse, se não me engano, do Dr. Emídio Lemos, numa de suas cadeiras, lamentei, encerrando a reunião, o desinteresse que muitos intelectuais do Crato e da região revelam pela ocupação de cadeiras vagas, e bem assim o pouco ou nenhum apoio que vêm dando a ele os poderes públicos.

E ressaltei quão grande é a sua importância para os nossos foros de povo civilizado e culto, cujo conhecimento lá fora se tem feito através de seu órgão de publicidade, a vitoriosa Revista Itaytera.

O Dr. Napoleão Tavares Neves, que honra esta Casa como titular da Cadeira Nº 1, Secção de Ciências, que tem como Patrono o Dr. Barreto Sampaio, presente à reunião em que fiz o dito pronunciamento, publicou logo após uma crônica em que, parabenizando a instituição pelo novo e sadio sangue que se lhe inoculava, ressaltou o meu "dramático apelo" - assim o qualificou, - em prol do soerguimento da benemérita entidade cultural, a braços, então, como ainda hoje, com incriveis dificuldades, solidarizando-se comigo pela justeza das minhas oportunas considerações.

Tenho repetido pela imprensa, sem acusação mas em termos elevados, o que naquela ocasião proferi, acentuando, no entanto, que a situação de dificuldades não tem arrefecido o ânimo da sua Diretoria, empenhada em que a obra meritória de Irineu Pinheiro, Padre Antônio Gomes, Figueiredo Filho e outros continue a prestar à região, no que tange à inteligência, os seus benéficos serviços.

Celebramos um Convênio com a Secretaria de Cultura e Desportos do Estado para obtenção de meios necessários à construção da sede própria, porque a em que ora nos encontramos deixa muito a desejar para os fins que os Estatutos da entidade tem em mira, e ainda assim lá nos encontramos graças à generosidade da família do Dr. Antônio Alencar Araripe, que nos tem facultado a ocupação do prédio gratuitamente.

A burocracia, exigente como só ser, retardada demais a conclusão de obras de cunho particular, mas já conseguimos o suficiente para a infraestrutura, ou bases fundamentais do prédio.

Enquanto tiver uma parcela de responsabilidade na direção desta casa, juntamente com dedicados companheiros, imbuídos todos dos mesmos alevantados propósitos, hei de bater na tecla que venho batendo, em constante apelo às autoridades e ao público em geral, no sentido de nos ajudarem a levar avante a altruística e patriótica instituição cultural.

Apraz-me, consignar que, encorajando-nos, temos agora à frente da Prefeitura Municipal um homem que é um exemplo de operosidade e de amor ao Crato – Moacir Siqueira, que nos está dando expressiva colaboração para que consigamos realizar o sonho que desde Figueiredo Filho o I.C.C. alimenta de possuir a sua sede própria.

Ressalto com satisfação a presença nesta solenidade dos sócios titulares de Cadeiras: Emídio Macedo Lemos, Wellington Alves de Sousa, Napoleão Tavares Neves, Huberto Tavares de Oliveira, Emerson Monteiro Lacerda e o Vice-Presidente Manuel Patrício de Aquino.

Ao recipiendário Olival Honor, artista exímio da poesia, os votos para que se constitua de hoje em diante um dos baluartes do nosso querido Instituto Cultural do Cariri e continue a nos mimosear com a sua primorosa produção literária.

Por tudo, quero finalizar pedindo desculpa à distinta assistência por tomar-lhe o tempo focalizando assunto que só particularmente nos diz respeito, muito embora também de interesse da comunidade, agradecendo-lhe, ao mesmo tempo, a honra de abrilhantar, com a sua estimulante presença, esta solenidade.

Raimundo de Oliveira Borges
(*Presidente do Instituto Cultural do Cariri*)

(Encerrando a reunião do I.C.C. na posse do sócio
Olival Honor na Cadeira Nº 7 que tem como
Patrono o poeta Antônio Barbosa de Freitas).

Discurso de Apresentação do Livro Memórias - Menoridade

Raimundo de Oliveira Borges.

Este é para mim um momento feliz. O momento em que, atendendo a um honroso convite do Dr. Manuel Edmilson do Nascimento, Magnífico Reitor da Universidade Regional do Cariri, apresento à culta sociedade cratense o livro “MEMÓRIAS- MENORIDADE” – de autoria do eminente professor Antônio Martins Filho, com que enriquece ele a memorialística do Cariri e do Ceará como um todo.

Missão sobremodo honrosa, posto que difícil.

Na verdade, confesso que nunca me deparei pelos caminhos da vida, que longamente venho palmilhando, com uma incumbência que me fosse ao mesmo tempo tão agradável e de tão espinhoso desempenho como esta.

Agradável, desvanecedora, porque assim o é o encargo de focalizar personalidade de tamanha expressão intelectual, difícil, porque assim é analisar a sua obra monumental, quer como professor, quer como educador, quer como homem de letras, quer, enfim, como homem de ação e realizador notável.

Evidentemente, dentre os grandes filhos de que se orgulha o Crato, figura ao lado dos maiores o vulto inconfundível deste extraordinário plasmador e criador de Universidades.

Nascido nas paragens então incultas, e, pela dificuldade de comunicação, distante da Capital do Estado, sem contar portanto, com os recursos que só os centros adiantados podem oferecer, Martins Filho viu fluir largo trecho de sua meninice e juventude a braços com os mais inquietantes problemas para a sua índole ávida de trabalho e de ação,

Tentou, passada a fase em que a criança é indiferente às exigências da vida, engajar-se em qualquer atividade, ou ofício, que lhe

possibilitasse a necessária ajuda à sua família desprovida de maiores recursos materiais. E, não obstante, todos os canais que bem poderiam despertar-lhe maior entusiasmo na luta inicial, lhe eram desfavoráveis, quando não inteiramente hostis.

Acontece, porém, que viera ele ao mundo marcado pelas forças latentes da coragem, da tenacidade e do talento, de modo que os obstáculos para ele eram motivo de novos estímulos e novos incentivos à luta, que pode ser árdua, mas sempre compensadora para os espíritos como o seu obstinado.

Os quefazeres mais humildes, que lhe eram possibilitados, ao invés de humilhação, serviram muito ao contrário de escalada para as suas conquistas do futuro.

Isto porque a sua absorvente preocupação em todas as tarefas que lhe eram atribuídas era de executar tudo da melhor maneira, de tal sorte que os chefes, junto aos quais servia, fossem se conscientizando do seu valor e florescente, passando, em conseqüência, a dispensar-lhe maior confiança e mais aconchegante acolhimento.

Relembro apenas um fato que revela, ao vivo, essa invejável faceta de sua personalidade, seja de sua indormida dedicação aos problemas que lhe eram afetos, ou que pediam, para um desfecho feliz, a sua prestigiosa colaboração, o que ainda hoje acontece na fase provecta da sua existência gloriosa.

Quando o processo de reconhecimento da Faculdade de Direito do Crato, em trâmite pelo Conselho Federal de Educação, periclitava de formalidades, chamou-me o Professor Martins Filho, então Presidente da FUNEDUCE, a Fortaleza para que, como Diretor da Faculdade que eu era, fossemos em conjunto ao governador do Estado, Dr. Waldemar Alcântara, solicitar os seus bons ofícios junto ao mencionado Conselho, no sentido de obter a prorrogação do prazo necessário à complementação do documentário exigido.

O governador nos atendeu prontamente, e ali mesmo do seu gabinete se entendeu por telefone com o Presidente do mesmo Conselho, obtendo dele o adiamento sine die do prazo anteriormente fixado.

A direção da Faculdade cuidou sem mais delonga de agilizar

a formação do documentário essencial, e este, enviado ao Egrégio Colegiado, encontrou ali plena receptividade, seguindo-se de imediato o almejado reconhecimento, aqui recebido entre festas e públicas demonstrações de contentamento.

Por mais que o Crato tribute a sua gratidão a Martins Filho, por tudo que ele tem realizado em prol da implantação do ensino superior e da conversão seguida das escolas de 3º grau na Universidade Regional do Cariri, hoje vitoriosa, não corresponderá à extensão da obra que idealizou e construiu aqui.

Graças a ele é que o Crato foi o pioneiro, na verdade, do ensino superior na hinterlândia cearense. Di-lo aquele convite insistente, quase intimativo naquele seu modo peculiar de preparar grandes cometimentos, ao Professor José Newton Alves de Souza, para que este viesse de Salvador, onde residia, a Fortaleza, a fim de tratar, com ele, da fundação da Faculdade de Filosofia do Crato. E de seu persistente empenho não só para vê-la criada como também consolidada, com sede própria e instrumental didático necessário ao seu cabal funcionamento.

Dos filhos ilustres desta terra, uns deram-lhe projeção política, escrevendo-lhe o nome nas páginas fulgurantes da história; outros, pelo trabalho, opulentaram-lhe o patrimônio econômico; outros plantaram, nos seus primórdios, a semente da instrução na terra fértil, a qual vem, através dos tempos, se reproduzindo e aprimorando em casas de cultura e de aperfeiçoamento intelectual de suas sucessivas gerações; Martins Filho a engrandeceu ficando aqui o marco inicial da arrancada educacional no campo próprio do ensino superior, fiador indiscutível do impulso desenvolvimentista que hoje empolga o progresso regional, envolvendo todos os setores das atividades na extensa e ubérrima região sul-cearense.

O retrato de corpo inteiro do ínclito Professor foi por ele mesmo traçado na frase lapidar inserta na capa do livro – “MEMÓRIAS-MENORIDADE”-, e que bem define a sua personalidade excelsa:

“Sonhar é fácil.

Difícil é transformar
o sonho em realidade.

- este, o desafio que sempre

enfrentei, ao longo da vida”.

Homem de visão aquilina, viu longe o horizonte da glória a que chegaria, alcandorando-se, realmente, do pouso rasteiro da planície aos cimos da montanha, reservados somente aos triunfadores dos grandes feitos e das grandes causas.

Fui, com muita honra, um dos operários da sua messe como professor e diretor das Faculdades que hoje integram a Universidade Regional do Cariri.

Posso enfim dar o meu testemunho pessoal e veraz do seu devotamento, da sua indormida devoção à causa do ensino superior no Cariri, depois de implantar na Capital, empenhando-se numa luta de gigantes, a Universidade Federal do Ceará, hoje já de gloriosas tradições e em cuja trajetória o seu nome nunca foi suplantado, ao contrário, continua cada vez mais vivo ali pela marcha, continuidade e aperfeiçoamento insuportáveis com que dotou a benemérita instituição, que se apresenta, no contexto universitário brasileiro, como padrão pelos rumos certos que imprimiu, desde o início, o seu dinâmico e perpétuo primeiro Magnífico Reitor.

Este livro é um exemplo a seguir pelos moços de nossos dias e um consolo para aqueles que também sofreram na vida e algo realizaram de objetivo e útil em bem da coletividade.

Exemplo de quanto valem para a conquista de um lugar ao sol a tenacidade, e coragem, a fé nas forças invencíveis das nobres convicções.

Consolo porque aquele que se doou em atividades e realizações em prol da humanidade, deve regozijar-se ao volver o olhar para trás e contemplar, na estrada percorrida, os marcos indelévels das benemerências que distribuiu e quedar-se, a alma rica de generosidade, no repouso merecido de uma aposentadoria.

Só que Martins Filho não se aposentou, nem se aposentará nunca, como disse, traçando-lhe o perfil, o escritor Moreira Campos: “...repelimos, no caso, a palavra aposentadoria, tão difícil será aposentá-lo.”

Nele, o que mais surpreende e admira é que, atingindo as alturas que atingiu, recebendo honorarias das mais altas instituições culturais do País e do estrangeiro, privando com vultos de fama mundial nas ciências e nas letras, como o grande historiador ARNOLDO TOYNBEE, a quem conferiu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Ceará, JEAN PAUL

SARTRE, filósofo, teatrólogo, autor do existencialismo; agraciado com a Cruz da Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha, com a Comenda da Ordem do Mérito da República da Itália, recebido pelo Instituto de Cultura Hispânica, em Madrid, participando de conclaves internacionais; apesar disto tudo, dessa projeção só conquistada por brasileiros da maior notoriedade, nunca esqueceu o chão modesto do seu Cariri, as paragens onde viu decorrer a sua infância nem sempre “risonha e franca” e a sua juventude irrequieta e sonhadora. O seu Crato da rua da Pedra Lavrada, do Poço da Escada, da sua Banda de Música, da sua Academia dos Infantes, em que ensaiou os primeiros passos no mundo das letras.

Esta, para mim, a faceta que mais lhe enobrece a personalidade.

Cresceu sem esquecer o lugar em que foi pequeno...

Porque eu conheço também outros filhos da terra que se tornaram famosos e pouco ou nada se interessaram, se interessam ou fazem pelo torrão de origem.

A cabeça febricitante de planos a realizar, do ponto de vista material, como supedâneo à edificação das obras de cunho estritamente espiritual, ele, ainda assim, encontrava e encontra tempo para dedicar-se às lucubrações aprazíveis das belas letras, a sua inclinação irresistível.

Ressalte-se que em plena atividade advocatícia, da cátedra e da Universidade, já ensaiava a elaboração destas Memórias, dando vaza à sua expansão sentimental de homem teluricamente ligado ao interior, à sua terra, à sua gente. E deu-nos assim trabalhos, quer no campo da ciência, quer no das letras, que ficarão para sempre na memória cultural da terra cearense.

Catedrático, aprovado em brilhante concurso na Faculdade de Direito do Ceará, não se limitou ao currículo da matéria que lecionava, produziu obras jurídicas que bem revelam a sua cultura na ciência dos imortais CLÓVIS BEVILÁQUA e RUI BARBOSA.

Definiu a sua política universitária em “O Universal pelo Regional”, “Aspecto da Problemática Universitária”, “Três Anos de Funeduce”, “O Outro Lado da História”, “A Universidade no Brasil”, “Conquista do Espaço Aéreo”, “Reflexão sobre Augusto dos Anjos”, revelando destarte, no trato de assuntos tão diversos, a polimorfia de suas atividades mentais.

E agora vem nos brindar com “MEMÓRIAS-MENORIDADE”,

trabalho literário de subido valor não somente pelas lições de vida que oferece, como também pelo fino sabor lingüístico, de grandioso e fascinante estilo. De uma minuciosidade extraordinária, de um poder de lembranças que estarrece, descrevendo as passagens, os fatos, os episódios, ao mesmo tempo as cenas mais corriqueiras como as mais importante da vida, em que se viu envolvido, sem baixar à trivialidade. Permanece límpido, escorreito no trato do vernáculo que maneja com sabedoria, amoldando-o às circunstâncias de cada meio, de cada momento, quer do convívio social, quer da privatividade familiar.

Escreve na verdade com tanta espontaneidade e clareza, com tão saboroso estilo, que o desejo de quem abre a primeira página do seu livro é seguir, sem interrupção, até o fim. Fica-se a pensar no encanto que nos reserva o desdobramento posterior da obra de maioridade, da madureza dos anos, para a repetição da boa leitura, que o argentino JORGE LUIZ BORGES conceitua como uma das formas de felicidade.

Ledor impenitente de tudo que sobre Memórias me vem às mãos de luminares das nossas letras-Agripino Grieco, Afonso Arinos de Melo Franco, Gilberto Amado, Erico Verissimo, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Pedro Nava e outros-digo-o com serenidade, nenhuma das Memórias deles calou na minha sensibilidade tão profundamente como estas de Martins Filho.

Sou, como ele, sem, é óbvio a sua altissonante cultura intelectual, um eterno enamorado das coisas do sertão, das coisas do Brasil de “alpercatas e chapéu de couro” de Olegário Mariano. Sou, visceralmente, ligado, preso a estas plagas encantadoras do Cariri, emolduradas pelas escarpas verdes do Araripe, que Zuza de Figueiredo imortalizou numa formosíssima composição poética.

Aliás, desejo ressaltar que é esta uma das feições mais elogiáveis da Família Martins, o seu apego aos pagos nativos da terra sul-cearense.

Veja-se Fran Martins, meu colega de turma da Faculdade de Direito do Ceará, com sua alentada e brilhante bagagem literária, com “Dois de Ouros”, “O Amigo da Infância”, cujas cenas, ou enredos decorrem na maior parte no interior, especialmente nas ruas de Crato - Pedra Lavrada, Fundo da Maca, e por aí afora; Cláudio Martins, meu colega de turma também, poeta primoroso, Presidente da Academia Cearense de Letras, que perpetua num poema de enternecidas evocações o Poço da Escada, ali do rio Grangeiro que

circunda o Crato, e o Cinema Paraíso do Dr. Rolim, do qual transcrevo apenas pequena parte, para não me alongar demais, nesta memorável noite de autógrafos, a minha descolorida saudação a Martins Filho.

“Naqueles tempos ditosos
o Crato tinha de tudo,
tinha o Poço da Escada
- nossa piscina de pobre -
O Cinema Paraíso
Com Carlitos
Com Tom Mix,
feiras livres
cantadores
e muitas e muitas vezes
o grande Circo Olimecha
de fama internacional.”

Está num livro de poemas que ele me ofereceu com esta dedicatória para mim uma relíquia que me lembra a turma querida de bachareis de 1937:

“Ao Borges - Companheiro, colega e amigo dos mais queridos, com a velha estima de Cláudio. Crato, 14-08-1962.”

E Martins D'Alvarez, autor do Hino do município do Crato, que a população cidadina canta e ouve emocionada nas solenidades, datas e comemorações cívicas.

Uma família padrão, uma família paradigma, que o Cariri, tão fértil em inteligências, deu ao Ceará e ao Brasil.

Terminando, elevo a Deus um pedido, filho da minha admiração ao escritor emérito, para que lhe prolongue a vida, porque, além da sua convivência tão grata a todos nós, gostaríamos de saborear também, como saboreamos as “MEMÓRIAS-MENORIDADE”, as prometidas, da madureza, as da propecta idade, mananciais por sem dúvida de ensinamentos e de sabedoria.

Raimundo de Oliveira Borges (Discurso pronunciado no salão de atos da URCA, em Crato, no lançamento do livro “MEMÓRIAS-MENORIDADE”, do Prof. Martins Filho). Por motivo justo o lançamento não se realizou, coincidência da data com o falecimento do Professor Pedro Felício Cavalcanti.

Estratigrafia e a Paleontologia da Chapada do Araripe

Plácido Cidade Nuvens - Vice-Reitor da URCA

1. Introdução

Na estrutura geológica dos continentes existem três províncias geológicas: escudos ou maciços antigos, bacias sedimentares e dobramentos modernos.

Escudos: correspondem aos primeiros núcleos de rochas que afloram desde o início da formação da crosta terrestre. Maciço é um termo descritivo, muito utilizado em Geografia, para designar as áreas montanhosas que abrangem extensas regiões e que foram parcialmente erodidas. Os escudos e os maciços foram formados por rochas magmáticas e datam principalmente das eras proterozóicas e arqueozóicas, conhecidas também por Era Pré-Cambriana ou Primitiva.

Bacias Sedimentares: correspondem a depressões que, através das eras geológicas, foram sendo preenchidas com detritos ou sedimentos trazidos de outras áreas. Estes sedimentos ou detritos podem ser das mais diferentes origens: fluvial, marinha, eólica, lacustre, vulcânica, etc.

Estes detritos, transportados e depositados, deram origem às rochas sedimentares ou estratificadas. É numa estrutura sedimentar em que ocorrem os fósseis vegetais e animais. Para a Geologia, os fósseis são os grandes indicadores da idade dos terrenos. O início das bacias sedimentares data principalmente da Era Paleozóica, há 270 a 600 milhões de anos.

Dobramentos modernos: correspondem a grandes curvamentos de forma côncava e convexa que aparecem na crosta terrestre, resultante do tectonismo que são movimentos longos e prolongados da crosta.

Esse tectonismo provoca deformações das rochas como resultado da atuação de forças interiores, originárias às altas cadeias de montanhas, formadas recentemente, na Era Cenozóica.

2. Bases Geológicas do Território Brasileiro

As informações até aqui obtidas, através destas noções elementares da Geologia, já oferecem subsídios suficientes para uma correta apreciação das bases geológicas do território brasileiro.

Das três províncias geológicas existentes nas massas continentais, o território brasileiro possui, em sua base territorial, apenas duas: os escudos e as bacias sedimentares.

O objetivo do presente estudo limita-se às bacias sedimentares, uma vez que pretende abordar questões típicas da Chapada do Araripe, uma bacia sedimentar. Estas formações geológicas ocupam a maior parte do território brasileiro, sendo sua área calculada em mais de 5,5 milhões de quilômetros quadrados, o que corresponde aproximadamente a 64% da superfície do Brasil.

Neste conjunto, há bacias de grande extensão e bacias de pequena extensão. São bacias sedimentares de grande extensão: a Bacia Amazônica, a Bacia do Meio-Norte, a Bacia do Paraná, a Bacia Sulfranciscana e a Bacia do Pantanal Mato-grossense. São Bacias de pequena extensão: a Bacia do Recôncavo Baiano, as Bacias Costeiras e as Bacias de compartimento de planalto. Estas últimas devem ser entendidas como sendo formações sedimentares que se alojam em compartimentos de planalto. Este é o caso da Bacia Sedimentar do Araripe, geograficamente situada na região limítrofe entre os estados do Ceará, Pernambuco e Piauí. Corresponde a um planalto isolado, composto por unidades estratigráficas denominadas formações: Formação Exú, Formação Santana, Formação Missão Velha, Formação Brejo Santo e Formação Cariri.

Quanto à idade geológica das Bacias Sedimentares brasileiras, os estudiosos as situam no Paleozóico ou no Mesozóico. Eventualmente são do Cenozóico, como as Bacias Amazônica, do Pantanal e as Bacias Costeiras.

Os cientistas indicam que a Bacia Sedimentar do Araripe está situada na Era Mesozóica, mais precisamente alocadas no período cretáceo.

3. O Cretáceo

A Era Mesozóica compreende três períodos: Triássico, Jurássico e Cretáceo.

O Triássico ganhou este nome por referência aos três tipos de terrenos que aparecem nesta fase: arenitos, calcários e margas.

O Jurássico tem este nome tirado do Monte Jurá, na França, onde ocorre a melhor coluna de terrenos deste período. Tem cerca de 180 milhões de anos.

O Cretáceo é um termo que vem do latim = creta = que significa giz (feito de greda, relativo a greda, isto é, barro branco). Como elemento da terminologia das Geociências, aparecem em francês = cretacé = em 1767 e em inglês = cretaceous, em 1832. Divulgou-se através da nomenclatura da geologia, sendo aplicada para designar o afloramento de giz natural dos penhascos brancos de Dover, na Inglaterra. Hoje designa o mais recente e mais longo período da Era Mesozóica. Iniciou-se há cerca de 135 milhões de anos, prolongando-se por 65 milhões de anos, sendo assim mais extenso do que toda a Era Cenozóica.

As subdivisões do período na Europa serviram de padrão para outras partes do mundo, conforme se vê no quadro abaixo. O cretáceo pode ser considerado um dos períodos mais expressivos de eventos ecológicos de grande envergadura. Foi durante o cretáceo que a África e a América do Sul se separaram definitivamente.

CLASSIFICAÇÃO DO CRETÁCEO

SÉRIE	ANDAR	LOCALIDADE TIPO
Cretáceo Superior	Maastrichtiano	Maastricht, Holanda
	Campaniano	Campagne, França
	Santoniano	Saintes, França
	Coniacino	Cognac, França
	Turoniano	Tours, França
	Cenomaniano	Les Mans, França
Cretáceo Inferior	Albino	Aube, França
	Aptiano	Apt, França
	Barreniano	Barramé, França
	Hauteriano	Hauterive, Suíça
	Valangriano	Valangin, Suíça
	Berriasiano	Berrias, França

Fonte: BRITO & CAMPOS, 1982: 198.

Do ponto de vista paleontológico, o Cretáceo marca a decadência progressiva no domínio dos grandes répteis, entre os quais figuram os dinossauros, completamente extintos no seu final e os pterossauros. Entre os invertebrados, o grupo dos amonoides, até então o mais importante, desapareceu também. A vegetação sofreu uma notável mudança com o surgimento e a rápida proliferação das angiospermas, que na fase final do período já constituíam o grupo vegetal dominante.

Viana assinala que o Cretáceo constitui um dos sistemas mais extensamente distribuídos por toda a Terra e, em geral, é muito rico em termos fossilíferos. Observa também que este período tem significativa representação nas bacias sedimentares marginais e interiores do Nordeste brasileiro, bem

como nas coberturas das bacias paleozóicas.

No Brasil, segundo Brito & Almeida Campos, o interesse pela Estratigrafia das bacias sedimentares aumentou com o início das pesquisas visando à exploração do petróleo, feitas, inicialmente, pelo Conselho Nacional de Petróleo e, depois, pela própria Petrobrás.

Estes estudos ensejaram uma redefinição, através de um novo procedimento metodológico. A orientação seguida pela Petrobrás levou à redefinição estratigráfica, baseada, até então, quase exclusivamente em unidades – a Formação. Posteriormente, Brito & Almeida Campos assinalam avanços importantes no procedimento metodológico da Petrobrás com a especificação de unidades bioestratigráficas e cronoestratigráficas, as biozonas e as cronozonas.

Assim, segundo os referidos autores, o caminho certo para a resolução do problema da classificação do Cretáceo no Brasil reside na utilização do fator tempo e na exata descrição e identificação de andares, a partir das comparações de seções tipo dos referidos andares. As cronozonas que não podem ser comparadas devem ser definidas e receber denominações locais, formais.

Vários acontecimentos importantes estão diretamente relacionados ao já mencionado fato da separação da África da América do Sul destacando-se os grandes derrames basálticos, formação e reativação de folhamentos, transgressões marinhas relacionadas à abertura do Oceano Atlântico.

No Brasil são extensos os depósitos tanto do Cretáceo inferior como do Cretáceo superior. Foram depositados em ambiente continental no interior e continental misto e marinho na faixa litorânea do Norte e Nordeste. O mar não avançou muito para o interior a não ser em certas partes do Nordeste, principalmente do Maranhão, mesmo assim com ingressões de curta duração.

Em termos gerais, sua documentação em território brasileiro é muito ampla, fornecendo subsídios excepcionais para interpretação dos fenômenos ocorridos neste período. O registro fóssil é tão abundante e diversificado que chega ao ponto de poder situá-lo como um dos períodos mais amplamente documentados no Brasil.

Levando em consideração que os sedimentos marinhos do período

se restringem à zona costeira, com exceção das incursões episódicas verificadas no interior do Nordeste, a configuração do Brasil, durante o Cretáceo, não deve ter sido muito diferente da sua atual configuração.

O Cretáceo é, pois, um dos períodos mais conhecidos no Brasil, muito bem representado nas bacias do Nordeste, na plataforma continental e, até mesmo, em áreas das grandes bacias paleozóicas.

Foi George Gardner quem reconheceu o Cretáceo no Brasil, pela primeira vez, durante sua visita à Chapada do Araripe, em 1838. Os resultados desta visita foram inicialmente publicados em 1841, quando os ictiólitos da Formação Santana foram estudados e classificados pela primeira vez por ele e por Louis Agassiz, famoso cientista suíço.

Deduz-se, assim, que no Cretáceo, o Brasil já tinha aproximadamente sua configuração atual. Nas regiões litorâneas do Norte e, principalmente do Nordeste, acumularam-se sedimentos cretáceos em fossas tectônicas, chegando mesmo a sete mil metros, como ocorre na Bacia de Barreirinhas, no Maranhão.

As seqüências das fossas não são marinhas. As aptianas contêm grande quantidade de evaporitos. As seqüências pós-aptianas são marinhas. Evidências geológicas e paleontológicas atestam a existência de um clima quente no decorrer do período cretáceo.

No Nordeste, segundo evidências geológicas também pode ser atestada uma tendência à aridez, como se comprova pela ocorrência de evaporitos entre as camadas sedimentares das fossas tectônicas.

Como se vê, sedimentos tipicamente cretáceos ocorrem em numerosas bacias, tanto costeiras como interiores. Entre as costeiras merecem destaque em razão de excelentes exposições de afloramento fossilíferos, as bacias Potiguar, Recife-João Pessoa, Sergipe-Alagoas, Recôncavo. No rol das bacias interiores, o destaque, pelas mesmas razões de notáveis afloramentos fossilíferos, deve ser dado para as Bacias do Parnaíba e do Araripe, Tucano/Jatobá e Paraná.

Brito & Almeida Campos, em 1982, identificaram para o Cretáceo três fases: uma lacustre, correspondente ao andar baiano, uma salífera, correspondente ao andar alagoano e uma fase marinha que vai do aptiano superior/albino ao mioceno.

Viana destaca que tanto na fase lacustre como na fase salífera, os sistemas deposicionais registram a ocorrência de peixes nas várias bacias.

A fase marinha é representada pelos sedimentos que vão do aptiano/albino até mesmo ao Terciário Inferior, da Formação Alcântara (Bacias de S. Luis), Formações Açú e Jandaíra (Bacia Potiguar), Grupo Sergipe (Bacia do Recôncavo), Formação Urucatu (Bacia do Almada) e a parte superior da Formação Santana (Bacia do Araripe). Estes sedimentos são marinhos e a correlação com os andares da coluna estratigráfica padrão é relativamente bem estabelecida com base em amonitas, foraminíferos e outros importantes grupos de fósseis.

Os fósseis do Cretáceo marinho do Brasil estão sendo muito bem estudados desde o século passado e sua posição estratigráfica vem sendo muito razoavelmente acertada dentro da coluna geológica internacional.

Muitas dezenas de trabalhos sobre a Geologia e a Paleontologia do Cretáceo do Brasil foram publicados nas duas últimas décadas. Por isso, Diógenes de Almeida Campos pode afirmar que, depois de pesquisas detalhadas empreendidas por técnicos da Petrobrás e cientistas da Universidade de Upsala, na Suécia, todos os andares do sistema situado acima do aptiano superior já estão definidos nas bacias costeiras do Brasil, principalmente do Nordeste, através da identificação de zonas de amonitas, foraminíferos e outros microfósseis. Isto se deve, conforme observam Brito e Campos, a um dado muito importante: “a evolução extremamente rápida de amonoides e inoceramídeos durante o Cretáceo, em combinação com sua ampla distribuição geográfica, fazem destes fósseis os mais indicados para uso num zoneamento estratigráfico de alta precisão”.

Estas informações permitem, portanto, a confirmação de alguns dados que já parecem bem consolidados na interpretação dos estudos até aqui efetuados: a configuração do atual território nordestino, as três fases que contribuíram para o delineamento desta configuração e o aprimoramento metodológico na condução do processo para se chegar às citadas conclusões.

Emerge também uma certa clareza quanto à afirmação de que parte superior da Formação Santana teria sido alcançada pela fase marinha do Cretáceo brasileiro. O procedimento seguido foi a identificação de fósseis

como amonitas e foraminíferos assinalados com indicadores confiáveis num processo de zoneamento estratigráfico.

Ressalta-se no desenvolvimento destes estudos a participação enriquecedora da Petrobrás tanto pela seriedade e precisão do seu aporte científico como pelo alcance econômico de sua contribuição. Significa dizer que o manuseio da ciência para pesquisas voltadas para o crescimento econômico determina um aprimoramento intrínseco da própria ciência em razão dos desafios inéditos que tem que superar e dimensionar a economia no seu efetivo porte científico.

4. A Bacia Sedimentar do Araripe

O Projeto Radambrasil, desenvolvido pelo então Ministério de Minas e Energia, cujos resultados foram publicados em 1981, apresenta um levantamento completo de informações sobre diversos estudos realizados com a finalidade de efetuar o mapeamento geológico e a compartimentação estratigráfica da área. Anteriormente, em 1962, Anjos havia apresentado uma síntese histórica da Geologia da Chapada do Araripe.

Em sua síntese, Anjos destaca que datam do início do século XIX as primeiras notícias sobre a geologia e os fósseis da Chapada do Araripe. Mais precisamente, no ano de 1823, quando foram publicados na Alemanha os resultados das viagens pelo Brasil de Spix e Martius, realizadas durante os anos de 1817 a 1820.

Em sua viagem pelo interior do Ceará, em 1838, o botânico George Gardner fez referências à geologia da Chapada do Araripe, assinalando quatro camadas que relacionou com a Formação Greda da Inglaterra. Gardner também colecionou alguns exemplares de peixes que foram estudados posteriormente por Agassiz.

Com efeito, em 1841, Agassiz publicou o artigo "On the fossil fishes found by Mr. Gardner in the Province of Ceará in the North of Brazil", no Edinburg New Philosophical Journal e novamente, em 1842, num trabalho para a Academia de Ciências da França, classificou e descreveu seis espécies,

datando os peixes como do Cretáceo e comparando-os com os do Senoniano Europeu.

No início da Segunda metade do século XIX foi realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro uma expedição científica com a finalidade de estudar principalmente o Nordeste brasileiro. O chefe da Seção Geológica e Mineralógica da Expedição, Guilherme Schuch de Capanema, esteve no Cariri, onde estudou a Chapada do Araripe e fez observações sobre a sua geologia, descrevendo as diversas formações, assinalando a presença de inúmeros fósseis. Seus trabalhos foram divulgados através de numerosos relatórios que escreveu.

Frederick Hartt, em 1870, menciona pela primeira vez, com detalhes, a ocorrência de folhelho betuminoso perto do Crato e faz referências aos peixes fósseis. Em 1871, E. D. Cope também se refere à fauna ictiológica, atribuindo idade jurássica aos fósseis.

Smith Woodward, no ano de 1887, faz várias referências aos peixes do Araripe e confirma a idade cretácea dada por Agassiz aos fósseis aí encontrados.

Em 1900, C. E. Bertrand assinala, em folhelho betuminoso encontrado no Ceará, restos vegetais diversos, grãos de pólen, uma alga gelatinosa raríssima, esporos, além de conchas de ostracodes.

Em 1908, J. C. Branner e D. S. Jordan descrevem novas espécies de peixes, *Brannerion vestitum*, *Tharrhias araripis* e *Tharrhias rochae*.

Em 1913 foi publicado pelo IFOCS (atual DNOCS) o trabalho marcante do geólogo Horace Small, que fez um estudo rigoroso de geologia da Chapada, visitando os Estados do Ceará, do Piauí e do Pernambuco. Nas suas observações considerou que a região da Chapada, que apresentava maior espessura – cerca de 700 metros – ficava no lado oriental e denominou a seqüência sedimentar de Série Araripe, dividindo em quatro camadas, que do topo para a base são: Arenito Superior, Formação Santana (muito característica na região de Santana do Cariri, daí o seu nome), Arenito Inferior e, finalmente, o Arenito Conglomerático, que se assenta, ao lado cearense, sobre xistos da Série Ceará.

Em 1920, D. Guimarães e L. J. de Moraes correlacionaram a

Chapada do Araripe com outras séries sedimentares do Nordeste e consideraram a Formação Santana, do Cretáceo, como base para a Estratigrafia da série sedimentar da região.

A partir de 1957, Karl Beurlen estudou e classificou numerosos fósseis coletados na região, tendo descrito novas espécies e efetuado juntamente com alunos de Geologia da Universidade Federal de Pernambuco, o mapeamento geológico da Chapada do Araripe.

Em 1962, Beurlen publicou o resumo dos seus estudos num artigo intitulado "A Geologia da Chapada do Araripe", onde ofereceu uma nova denominação Formação Exu (arenito superior), Formação Santana (siltitos argilosos, margas com concreções calcárias e bancos calcários, gipsita, calcário laminado e siltito calcário, bem estratificado, folhelho betuminoso), Formação Missão Velha (arenito inferior) e Formação Cariri (conglomerado basal).

Em seguida, vários autores como Anjos, Barbosa, Barros, Dantas, Moraes e Ramos, entre 1963 e 1974, discutem e interpretam novos dados desta seqüência sedimentar.

Com base nestes estudos, o Projeto Radam conclui que a tal respeito foi alcançado um refinamento conceitual compatível com o pensamento geológico vigente.

A sucessão dos litotipos do Grupo Araripe (denominação utilizada pelo Projeto Radam para abarcar as Formações Missão Velha, Exu e Santana) reflete o registro sedimentar de uma seqüência transgressiva oscilante (Formação Missão Velha e Santana) recoberta por fácies regressiva (Formação Exu).

O Projeto Radam chega ainda à conclusão de que toda a seqüência se encontra isenta de deformações tectônicas e de deformações magmáticas, com estratos subhorizontalizados.

Geologicamente, Anjos descreve a Chapada do Araripe como sendo formada por uma série sedimentar quase horizontal, a Série Araripe, que é constituída de quatro formações distintas que são: 1. Formação Cariri ou Arenito Conglomerático, que é o membro mais inferior, de espaço quartzítico e que aflora apenas na região do Vale do Cariri, Ceará; 2. Formação Missão Velha ou Arenito Inferior, de cores vermelhas ou amareladas, estratificação

cruzada e que está bem representada nos municípios de Missão Velha e Brejo Santo; (estes arenitos não afloram no lado meridional do Araripe, aparecendo apenas de Araporanga, a oeste, até às proximidades de Jardim. Sua espessura cresce para este, aparecendo com 40 metros em Araporanga e na região de Milagres, Brejo Santo e Missão Velha atinge mais de 130 metros); 3. **Formação Santana** que é constituída na base por um folhelho betuminoso fossilífero, seguindo-se um siltito argiloso, tendo acima calcário laminado. Ocorre ainda gipsita, cujas jazidas representam um grande valor econômico e acima um calcário margoso com concreções calcárias fossilíferas. É também a leste da Chapada que esta Formação tem maior espessura, cerca de 250 metros, na região do Crato, faltando apenas em alguns municípios de Pernambuco; 4. **Formação Exu, Arajara, Feira Nova ou Arenito Superior**, que forma o membro mais constante de toda a série e é constituído por arenitos caulínicos de cores variegadas, dispostas em camadas espessas sub-horizontais, tendo um máximo de 250 metros no Crato.

Na parte Nordeste da Chapada, a seqüência se apresenta completa e o contato entre o cristalino (xisto, granitos e gnaisses da série Ceará) e o arenito Conglomerático se encontra a uma cota média de 350 metros. No bordo meridional, a seqüência é incompleta, repousando em determinados locais, como nos municípios pernambucanos do Bodocó e Exu, o Arenito Superior sobre o cristalino, geralmente a uma altitude de 600 metros. Às vezes é a própria Formação Santana que aparece em pequenas bacias dentro do embasamento cristalino ondulado. Tais fatos revelam um mergulho geral para Nordeste, o que é refletido também pelas numerosas fontes que brotam na região do Cariri.

Ao redor da Chapada ocorrem morros testemunhos, de tamanho e forma os mais variados, principalmente na região de Pernambuco (Anjos, 1962: 133)

Morfológicamente, a Chapada do Araripe se apresenta como uma mesa, sustentada pela Formação Exu, com o eixo maior, leste/oeste, possuindo cerca de 180 quilômetros de comprimento e se estende de Brejo Santo, no Ceará, até Simões, no Piauí. O eixo norte/sul tem uma variação entre 30 a 70 quilômetros. No extremo ocidental, uma projeção de cerca de 80 quilômetros,

prolonga o platô em ângulo reto, servindo de limite entre Pernambuco e Piauí. O topo de Chapada, cuja área se estima em sete mil e quinhentos quilômetros quadrados, mantém-se geralmente em altitudes de 750 metros, com leves ondulações, sendo mais elevado o lado oriental. A superfície se apresenta plana, possuindo na parte leste, entre as cidades de Crato, Exu e Jardim, altitude superior a 900 metros. Nas vizinhanças de Araripina, no lado Pernambuco, diminui gradativamente até um pouco mais de 700 metros.

A Formação Santana ocupa a Zona de Talude, enquanto a Formação Missão Velha representa o seu pediplano.

Do ponto de vista geomorfológico, Silva Santos e Valença apresentam a Chapada do Araripe como testemunho resultante da erosão, de uma seqüência sedimentar com cerca de 600 a 700 metros de espessura depositada nesta extensa área em tempos mesozóicos, observando, porém, que a área de deposição destes sedimentos transcende em muitos quilômetros os limites da Chapada (Silva Santos & Valença, 1968: 340).

Em 1987, Kellner estudando a ocorrência de um novo crocodiliano na Bacia do Araripe, levanta nova relação de estudos paleontológicos e estratigráficos realizados nesta área: Small (1913), Price (1959), Beurlen (1963, 1971), Braun (1966), Mabeoone & Tinoco (1973), Lima (1978) e Campos & Wenz (1983), entre outros. A partir de tais enfoques, oferece a seguinte Estratigrafia da Bacia do Araripe:

Formação Exu: composta de arenitos fluviais, depositados durante o Albiano Médio.

Formação Santana: dividida nos membros Crato (calcários finamente laminados, de origem lacustre, situados na base) Ipubi: gesso e Romualdo: (bancos de calcário e margas, bastante ricos em fósseis, situado no topo). Estes sedimentos são tidos como do andar local Alagoano (sensu Brito & Campos, 1983) e do Aptiano Superior /Albiano.

Formação Missão Velha: é constituída de arenitos e argilas intercaladas com um nível de folhelhos pirobetuminosos, de idade eocretácea (Andar Bahiano, sensu Brito & Campos, 1983).

Formação Brejo Santo: formado pela alternância de pelitos e argilas avermelhadas e brancas, de origem provavelmente continental do Jurássico

Superior (Andar Donjuaniano, sensu Brito & Campos, 1983).

Formação Cariri: forma a unidade basal de toda a seqüência, situando-se sobre o embasamento cristalino. Trata-se de conglomerados e arenitos conglomeráticos do Siluriano-Deveniano.

Em matéria de Paleontologia, Kellner assinala que a Formação Santana é a mais importante da região, em razão dos diversos fósseis já encontrados, geralmente muito bem preservados.

Em 1992, Mário Luiz Assine, do Departamento de Geologia, da Universidade Federal do Paraná, publicou sua tese, apresentando uma análise estratigráfica da Bacia do Araripe. Em seu trabalho Assine fala da Bacia do Araripe como constituída por quatro seqüências estratigráficas, histórica e geneticamente distintas, limitadas por discordâncias. As quatro seqüências correspondem a quatro embaciamentos distintos dos quais somente uma fração da cobertura original está preservada, não havendo porções marginais e depocentros definidos. Os eventos de sedimentação, erosão e deformação não constituem fatos isolados, integrando-se no contexto evolutivo do farenozóico nordestino. Assine apresenta a Bacia do Araripe composta pela Formação Cariri, seqüência paleozóica, Formação Brejo Santo, Formação Missão Velha e Formação Abaiara, seqüência Juro-Neocomiana, Formação Barbalha, Formação Santana, seqüência Aptiano-Albiana e Formação Exu, seqüência Albiano-Cenomaniana.

Por ocasião do II Simpósio sobre a Bacia do Araripe e Bacias Interiores, do Nordeste, realizado de 9 a 14 de novembro de 1997, na Universidade Regional do Cariri, Celso Ponte, Rodi Ávila de Medeiros e Celso Ponte Filho apresentaram dois trabalhos "Análise Estratigráfica da Bacia do Araripe – Análise das Seqüências" e "Análise Estratigráfica da Bacia do Araripe – Análises Fácies".

Em relação à análise das seqüências, os autores informam: "Designa-se aqui o termo "tectono-seqüência" como uma unidade estratigráfica formada por associações tridimensionais de sistemas deposicionais geneticamente relacionados, limitada, no topo e na base, por discordâncias ou descontinuidades deposicionais. Foram identificadas na Bacia do Araripe, cinco tectono-seqüências limitadas por discordâncias regionais ou descontinuidades

deposicionais: a tectono-seqüência Beta, de idade neo-ordoviciana a siluriana, representada na Bacia do Araripe pela Formação Mauriti, a Tectono-seqüência Pré-Rifte, de idade mesocreatica (albo-cenomaniana?), representada pelo Grupo Araripe, que inclui as formações Rio da Batateira, Santana, Arajara e Exu e a Tectono-seqüência Zeta, de idade cenozóica que inclui coberturas de depósitos eluvionares, colivionares (tálus) e alunionares” (Ponte, 1997:17)

No mesmo II Simpósio, Arai & Coimbra apresentaram uma “Síntese bioestratigráfica da Bacia do Araripe (Nordeste do Brasil)”, cujo resumo apresenta as seguintes informações: “Estudos estratigráficos realizados nos últimos anos, vem comprovando a natureza policíclica do preenchimento sedimentar da Bacia do Araripe. Neste processo, a bioestratigrafia, efetuada com base em ostracodes e palinologia, constitui uma contribuição decisiva ao identificar as seguintes unidades cronoestratigráficas na coluna da Bacia: o Andar Dom João (Jurássico ? –Cretáceo Interior), o Andar Rio da Serra (Neocomiano) e o Andar Alagoas (Aptiano e Albo-Aptiano). Ao contrário do que supunham alguns dos trabalhos anteriores (Ghignone et al., 1986 e Cavalcante & Viana, 1992) existe um hiato extenso entre os andares Rio da Serra e Alagoas. As unidades cronoestratigráficas identificadas são coerentes com o esquema estratigráfico de Ponte e Appi (1990), apresentando as seguintes relações: Andar Dom João: Formações Brejo Santo e Missão Velha; Andar Rio da Serra: Formação Abaiara; Andar Alagoas (Aptiano): Formação Rio da Batateira e Membro Crato da Formação Santana; Andar Alagoas (Albo-Aptiano): Formação Santana (Membros Ipubi e Romualdo) e Formação Arajara (Arai, 1997:21).

Em resumo: a sedimentação da Bacia do Araripe principiou no âmbito de água doce, mas o mar invadiu a região, formando camadas de gipso e rochas associadas. Restos de peixes característicos de ambiente marinho testemunham a presença do mar. A ligação com o mar interrompeu-se temporariamente e a redução de salinidade propiciou o desenvolvimento de faunas não-marinhas. O estabelecimento da conexão é atestado pela ocorrência de gêneros de bivalves tipicamente marinhos e equinóides.

A abundância de macro e micro fósseis encontrados em diversos níveis destas formações permitiu aos cientistas uma análise paleontológica

integrada e comparativa com outras bacias sedimentares da mesma cronologia, determinando seu posicionamento entre o neocomiano e o albiano, no Cretáceo inferior.

5. A Formação Santana

Muitos estudiosos já desenvolveram análises profundas sobre a Bacia Sedimentar do Araripe, descrevendo sua importância para o entendimento correto dos fósseis aí tão abundantes. Um resumo a respeito de tais estudos inclui sempre, nas análises mais recentes, as Formações Exu, Santana, Missão Velha, Brejo Santo e Cariri.

É oportuno, pois, estudar agora a Formação Santana como “uma das mais ricas e importantes localidades fossilíferas do mundo”. Por seu turno, Martins Neto & Kellner opinam: “com relação ao conteúdo paleontológico, a Formação Santana é a unidade estratigráfica mais importante desta seqüência”.

A Formação Santana é descrita por Campos & Kellner no artigo “Panorama of the Flying Reptiles Study in Brazil and South America” como dividida em três membros: Crato, constituído por calcários finos, de origem lacustre, Ipubi, representado por gesso, que indica o fechamento do lago para o mar e Romualdo, formado por calcários e margas, muito rico em fósseis representando o retorno às condições lacustres. A mesma informação é repetida por Kellner em 1987, ao desenvolver o estudo sobre Caririsuchus camposi, um crocodiliano encontrado precisamente na Formação Santana.

A idade atribuída à Formação Santana, nestes estudos, compreende Andar local Alagoano (Sensu Brito & Campos, 1983), um aptiano/albiano.

Já em 1962, Beurlen analisando a geologia da Chapada do Araripe oferece uma descrição como que espacial e geográfica da Formação Santana. Segundo Beurlen, no referido estudo “A Geologia da Chapada do Araripe”, “a Formação Santana pode ser subdividida em três membros: os calcários inferiores, laminados, a gipsita e os calcários superiores, margosos. Os dois membros calcários separados pela camada gipsita diferem litológica e paleontologicamente.

A Formação Santana atinge uma espessura de 250 metros, como

entende Beurlen.

O perfil completo, com todos os três membros, encontra-se apenas no Nordeste da Chapada do Araripe, na região Santana do Cariri, Barbalha, Missão Velha e Jardim, onde a Formação aflora na escarpa e, normalmente, constitui uma plataforma na metade da escarpa.

Ao leste da Serra da Mandioca, isto é, na região de Exu-Caririmirim, a Formação é representada somente pelo membro superior do calcário margoso que não constitui uma camada contínua e repousa diretamente sobre o embasamento cristalino. A gipsita aparece, apenas, em uma localidade isolada ao leste da cidade de Exu, no Estado de Pernambuco, e o membro inferior, dos calcários laminados, falta completamente. A oeste da Serra da Mandioca, a Formação Santana constitui uma camada contínua na região Bodocó-Ipubi-Casa de Pedra, na planície em baixo da escarpa. Os calcários inferiores, laminados, ocorrem apenas em uma localidade perto de Bodocó, mas a camada de gipsita é contínua e bem desenvolvida por toda a região e constitui a base da Formação. Na Região de Moraes-Araripe, a Formação Santana falta. Ao sul de Araripe, em Lagoa de Dentro, Rancharia e na Serra do Inácio, há uma capa descontínua da Formação Santana em geral representada apenas pelas margas e calcários superiores. Os calcários inferiores faltam completamente. Também aqui, nesta área, a Formação Santana aflora na planície em baixo da escarpa. No lado do Piauí, a Formação é representada por intercalações pouco espessas de calcários superiores entre o embasamento e o arenito superior (Beurlen, 1962).

Em 1971, Beurlen apontou três fases de desenvolvimento da Formação Santana. A primeira apresenta camadas calcárias argilosas e silticas, finamente estratificadas e laminadas, que representam um depósito lacustre de água doce. A segunda engloba camadas de gipsita e de calcários fossilíferos sob condições salinares, devido à ingestão marinha, procedente do oeste e à forte evaporação reinando um clima árido. A terceira é constituída de camadas argilosas e silticas, depositadas sob condições de clima úmido: dulcificação rápida da Bacia até a fase lacustre final (Beurlen 1971).

Brito justifica a inclusão da “formação” Crato como membro da Formação Santana, apontando três razões: Primeira: devido à grande

semelhança dos perfis litológicos de ambas; Segunda: pela identidade paleontológica; Terceira: pela existência do caráter calcífero. A gipsita indica um ambiente de supersalinidade na deposição das camadas, seguidas de um novo ciclo de sedimentação com diminuição da citada salinidade, provavelmente em virtude de um novo fluxo de água doce na Bacia (Brito, 1979:88).

Parece evidente que o ambiente de sedimentação da Formação Santana foi de águas mansas e rasas em uma grande lagoa ou enseada quase que totalmente isolada do mar, talvez um mar epicontinental. O magnífico estado de conservação dos peixes indica a existência de águas calmas com pouco oxigênio no fundo.

Estes dois fatores eliminaram a putrefação mecânica dos espécimes mortos. O ingresso de correntes marinhas e a afluência de águas fluviais produziram grandes modificações na salinidade da lagoa causando grande mortalidade aos peixes e demais componentes da fauna (Price, 1959).

Beurlen afirma que a grande extensão da camada de gipsita e a fauna ictiológica da Formação Santana documentam certas influências marinhas e uma ligação, pelo menos, temporária da Bacia do Araripe com o mar. Esta idéia, segundo Beurlen, foi confirmada e comprovada pelos novos achados fósseis e, definitivamente, pela descoberta de um banco de equinóides.

O mesmo autor assegura que a falta quase completa de fósseis e o caráter dos calcários laminados no membro inferior da Formação Santana torna provável que durante esta fase a bacia permanecia intracontinental e de água doce. A extensa camada de gipsita do membro médio indica um aumento considerável da salinidade, isto é, uma ingressão marinha. A fauna dos peixes e dos moluscos e a ocorrência de equinóides no membro superior da Formação Santana documentam a possibilidade de um certo intercâmbio faunístico com o oceano durante esta terceira fase da Formação Santana (Beurlen, 1962:369).

Na Bacia Sedimentar do Araripe, quanto ao conteúdo fóssil, na opinião de Beurlen, "muito mais interessante, paleontologicamente, é a Formação Santana".

As localidades fossilíferas ocorrem praticamente em toda a volta do planalto, formada por escarpas de natureza erosiva. Algumas destas localidades

já se tornaram clássicas na literatura especializada, principalmente em razão da ocorrência de milhares de concreções calcárias portadoras de fósseis, sobretudo, peixes, estão situadas nos municípios de Jardim, Porteiras, Missão Velha, Crato, Nova Olinda e Santana do Cariri, no Estado do Ceará, Araripina, Ouricuri e Exu, em Pernambuco e Simões, no Estado do Piauí.

O Projeto Radam especifica 62 localidades situadas nos municípios acima citados. Sendo que repete Barra do Jardim e Jardim, bem como Santana do Cariri e Santanópolis que constituem, hoje respectivamente os municípios de Jardim e Santana do Cariri, no Ceará.

Em sumário: a Formação Santana é composta por três membros, Crato, Ipubi e Romualdo, sendo que o seu perfil completo, com todos os três membros, encontra-se apenas no Nordeste da Chapada, na região de Santana do Cariri, Barbalha, Missão Velha e Jardim. Pela apresentação da riqueza e variedade de fósseis, conclui-se que tinha razão Beurlen, quando afirmava que “muito mais interessante, paleontologicamente, é a Formação Santana”.

6. Os Fósseis da Formação Santana

*Entre os fósseis merecem destaque especial os peixes procedentes das concreções calcárias, os ictiólitos, com cerca de 30 diferentes espécies já descritas. Encontram-se também quatro espécies de peixes no calcário laminado: o *Dastilbe elongatus* e o *Cladocylus ferus*, descrito por Silva Santos e uma espécie ainda não classificada, encontrada nas escavações do calcário laminado, no Sítio Massapê, município de Santana do Cariri. Este exemplar refere-se provavelmente a um peixe celacantino. Está depositado no Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri – Urca, aguardando ainda uma classificação científica mais precisa e detalhada. Também está depositada no Museu de Santana do Cariri uma forma nova, ainda não classificada, que, segundo D. Mautill, poderá ser uma nova espécie.*

Ocorrem também quelônios, répteis, lagartos, insetos, crustáceos, ostracodes, conchostráceos, gastrópodes, bivalves, equinóides e foraminíferos, além de grande quantidade de restos de vegetais, salientado-se folhas, resinas,

troncos, ramos folhosos. A idade atribuída com base nos fósseis corresponde ao albiano (Lima, 1989: 71).

Há referências aos ostracodes a partir de Jones e Sheerbon em Woodward (1887), Ulrich em Jordan & Branner (1908), Maury (1929), Braum (1966) que descreveu na Formação Santana os gêneros Cardonopsis, Paraschuleriidae, Heterocypris e Bisulcocypris e deu aos mesmos uma idade albiana-aptiana e Bate (1972) que assinalou na Formação Santana novo gênero e espécie, com base não só no estudo de carapaças mas também nos apêndices que estão em excelente estado de conservação.

Os ostracodes são os representantes mais comuns e típicos dos crustáceos da Formação Santana. Em 1901 Bertrand (Apud Paes Leme, 1943: 881) utilizou os ostracodes para datação de camadas, atribuindo-lhes uma idade cenomaniana.

Cabe aqui destacar a contribuição de Mariano Domingues, enfocando a relação ostracodes-litologia na Formação Santana e assinalando a contribuição dos ostracodes para a paleontologia e a paleogeografia da Formação Santana (Domingues, 1979: 97)

Também ocorrem conchostráceos, crustáceos típicos de ambiente não marinho, encontrados em várias localidades tanto na base quanto no topo da Formação. Oliveira e Leonardos (1943) e Paes Leme (1943) mencionam sua abundância nos níveis de folhelhos betuminosos situados no terço inferior da seção.

Os invertebrados são representados por gastrópodes das famílias Turritidae, Naticidae, Salidae, Pteuridae, Igsognomonidae, Schalidae, Cerithiidae, Aporrhaidae. As citações de famílias, gêneros e espécies são feitas por Leal (1962), Beurlen (1963/64), Mabesoone & Tinoco (1973).

Em 1968, Rubens da Silva Santos e Joel Valença, publicam nos Anais da Academia Brasileira de Ciências um artigo apresentando o estado de arte da paleontologia da Bacia do Araripe, escrevendo sobre "A Formação Santana e sua Paleoictiofauna".

Em 1969, Duarte e em 1971 Duarte e Japiassu citaram vegetais da Formação Santana encontrados tanto em nódulos quanto em camadas de folhelhos e argilas, pertencentes aos gêneros Brachyfolium, Podezamites e

Nymphaites.

Em 1973, Mabesoone & Tinoco apresentaram um estudo completo sobre a Formação Santana e sua paleontologia com uma relação completa de fósseis conhecidos, não só vertebrados, mas também de moluscos, ostracodes e grãos de pólen e esporos.

Ainda em 1973, Price descreveu uma tartaruga marinha que identificou como *Araripemys Barretoii*.

Em 1976, Moraes, no relatório final da etapa I do Projeto Santana, apresentou uma série de resultados palinológicos de amostras desta unidade sedimentar efetuadas pelo Laboratório de Análises Mineraias (LAMIN) da Companhia de Pesquisas e Recursos Mineraias (CPRM). Das diferentes análises apresentadas, foi extraída uma relação de 25 tipos de pólenes e esporos ocorrentes na Formação Santana, sendo a maior parte classificada em nível genérico. Baseando-se principalmente nas análises bioestratigráficas obtidas, Moraes atribuiu aos sedimentos uma idade albiana-aptiana, interpretando o ambiente de deposição como de caráter transicional.

Em 1978, Lima apresentou um estudo mais abrangente das microfloras da Formação Santana, descrevendo formalmente 205 espécies. Com base nestes dados, o autor datou a seqüência estudada como sendo de idade albiana.

A partir destes dados, Lima identificou, sob o enfoque paleontológico, três fases distintas durante a deposição dos sedimentos, representadas por um ambiente inicial lacustre, seguindo de outro lagunar e finalmente pelo retorno à condição lacustre, embora distinta da fase inicial.

Conclusões paleoclimáticas foram também obtidas, evidenciando condições de clima quente e árido, informação que se adequa aos demais dados geológicos disponíveis.

No mesmo trabalho do ponto de vista paleoflorístico, Lima pode observar a transição de uma vegetação arbórea para uma arbustiva com predomínios de elementos xerofíticos.

Em 1979, Lima ainda ofereceu um estudo sobre a Paleontologia da Formação Santana, assinalando a situação do conhecimento até então desenvolvido. Apresenta uma extensa relação de componentes da Tafofauna:

Foraminíferos, Bivalves, Gastrópodes, Conchostráceos, Quelônios, Ostracodes, Copépodes, Insetos, Equinóides, Peixes, Crocodídeos, Pterossauros. Relacionam também Taoflora, focalizando Fungos, Algas, Ramos Folhosos, Resinas, Pólen e Esporos, Estróbulos e Raízes.

Na conclusão do seu trabalho, Lima sublinha que a Formação Santana é hoje mundialmente conhecida, nos meios especializados, graças a seus fósseis. Adverte, porém, que esta unidade estratigráfica é infinitamente mais rica, no sentido paleontológico, do que faz crer a fauna já estudada (Lima, 1979: 554)

Em 1985, Diógenes de Almeida Campos e Alex Kellner publicam nos Anais da Academia Brasileira de Ciências o importante artigo sobre “Panorama of the Flying Reptiles Study Brazil and South America”. Em 1983, Diógenes de Almeida Campos já havia escrito um artigo sobre “O Novo Pterossauro da Chapada do Araripe”, em que faz comunicação oficial do importante achado.

Em 1985, o Ministério de Minas e Energia publica, em Brasília, **uma Coletânea de Trabalhos Paleontológicos**, onde se destaca um estudo de Lélia Duarte sobre “Vegetais Fósseis da Chapada do Araripe”.

Em 1986, Dea Regina Bouret publicou um estudo sobre “Primeiro Registro Fóssil da Scorpionoidea da Chapada do Araripe (Cretáceo Inferior), Brasil”, descrevendo o Araripescorpius ligabuei.

Em 1987, Alex Kellner publicou o artigo “Ocorrência de um Novo Crocodiliano no Cretáceo Inferior da Bacia do Araripe, Nordeste do Brasil”, apresentado nos Anais da Academia Brasileira de Ciências daquele ano.

Em 1988, na Revista de Geologia da Universidade Federal do Ceará, Somália Viana, publica um estudo sobre “Peixes Fósseis do Cretáceo do Nordeste do Brasil”.

Ainda em 1988, Martins Neto e Alex Kellner, descrevem “O Primeiro Registro de Pena Fóssil na Formação Santana (Cretáceo Inferior), Bacia do Araripe, Nordeste do Brasil”, em artigo publicado nos Anais da Academia Brasileira de Ciências.

Em 1990, realizou-se na cidade de Crato, em plena Bacia do Araripe, o I Simpósio sobre a Bacia do Araripe e Bacias Interiores do Nordeste, cujos

resultados foram publicados em **Atas do I Simpósio sobre a Bacia do Araripe e Bacias Interiores do Nordeste.**

Também em 1990, David Grimaldi do Museu Americano de História Natural publica uma coletânea de artigos sobre “Insects from de Santana Formation, Lower cretaceous of Brazil”, no Boletim do Museu Americano de História Natural.

Em 1991, Rubens da Silva Santos publica um opúsculo de grande valor para a investigação paleontológica da Bacia do Araripe. Trata-se do sugestivo livro **Fósseis do Nordeste do Brasil.**

Em 1991, ainda, John Maisey publicou, nos Estados Unidos, um Atlas Ilustrado intitulado **Santana Fossils** com cerca de 500 páginas, onde apresenta o estado de arte dos estudos paleontológicos da Chapada do Araripe.

Em 1993, David Martill divulgou um opúsculo de largo interesse onde apresenta, igualmente, o estado da questão do estudo paleontológico da Chapada do Araripe. Trata do livro **Fossils of the Santana and Crato Formations, Brazil.**

Em 1994, Plácido Cidade Nuvens publicou **Pedras de Peixe de Santana.** Uma Introdução à Paleontologia da Formação Santana, com informações a respeito dos estudos paleontológicos da fauna e flora da Bacia do Araripe.

Também em 1994, a Revista Superinteressante, de divulgação científica apresentou uma reportagem de M. I. Zanchetta, “Yes, nós temos dinossauros”, focalizando a ocorrência de dinossauros na Bacia do Araripe. No livro de John Maisey Santana Fossils, editado em 1991, Diógenes de Almeida Campos e Kellner escrevem uma nota sobre “Dinossauros da Formação Santana com comentários sobre outras ocorrências brasileiras”.

Por ocasião do 15º Congresso Brasileiro de Paleontologia, realizado na cidade paulista de São Pedro, Francisco de Castro Bonfim Júnior apresenta sugestivo trabalho “Nova Contribuição ao Estudo do Primeiro Registro Fóssil de Lepitodosáuria, Squamata, Lacertília (lagarto) na Formação Santana, Cratáceo Inferior da Bacia do Araripe, Nordeste do Brasil”.

7. O Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri

Para desenvolver a pesquisa científica sobre a Paleontologia, colecionar e catalogar a coleção que foi sendo constituída ao longo dos anos, a Universidade Regional do Cariri incorporou, através de um Contrato de Comodato, o Museu de Paleontologia de Santana do Cariri, que foi criado pela Prefeitura Municipal daquela cidade em 1985, por ocasião dos festejos do centenário da emancipação política do município.

O acervo do Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri dispõe dos seguintes grupos de fósseis: troncos silicificados e carbonatados, impressões de samambaias, coníferas e plantas com flores, foraminíferos, moluscos, artrópodos (ostracóides, aranhas, escorpiões e insetos), peixes, tubarões, arraias e diversos peixes ósseos e condricios, anfíbios e répteis (tartarugas, crocodilianos, lagartos e pterossauros).

São peças que registram milhões de anos de valiosas informações sobre a formação da terra, a evolução da vida e a variação da paisagem nesta região.

8. Bibliografia

ARAI, M. & COIMBRA, J.C. "Análise paleontológica do registro das primeiras ingressões marinhas na Formação Santana (Cretáceo Inferior da Chapada do Araripe, em Atas do I Simpósio sobre a Bacia do Araripe e Bacias Interiores do Nordeste, *Crato*, 1991: 225-239.

— "Síntese Bioestratigráfica da Bacia do Araripe (Nordeste do Brasil) II Simpósio sobre a Bacia do Araripe e Bacias Interiores do Nordeste, *Crato*, 1997: 21.

BERTHOU, P.Y. "Le bassin d'Araripe et les petits bassins intracontinentaux voisins (N.E du Brésil) Formation dans le cadre de l'ouverture de l'Atlantique Equatorial.

— “*Comparison avec les bassins ouest d’Afrique situés dans le même contexte*” em Atas do I Simpósio sobre a Bacia do Araripe e Bacias Interiores do Nordeste, *Crato*, 1990: 143-162.

BEURLEN, K. “*A Geologia da Chapada do Araripe*”, em Anais da Academia Brasileira de Ciências (1962), vol. 34: 365-370.

“*Geologia e Estratigrafia da Chapada do Araripe*”. Atas do 17º Congresso Brasileiro de Geologia, Recife (1963): 1-47.

BRASIL, DNPM. Coletânea de Trabalhos Paleontológicos, Brasília, 1985.

BRITO, I. M Bacias Sedimentares e Formação Pós-Paleozóicas no Brasil, Rio de Janeiro, 1979.

BRITO, I. M & CAMPOS, D. A “*O cretáceo no Brasil*”. Anais da Academia Brasileira de Ciências (1982), vol. 54:179-218.

DUARTE, L. “*Vegetais Fósseis da Chapada do Araripe*”, Coletânea de Trabalhos Paleontológicos, Brasília, 1985:557-563.

GRIMALDI, D. A “*Insects from the Santana Formation, Lower cretaceous, of Brazil*”. Bulletin of the American Museum of Natural History, New York (1990): 195.

KELLNER, A. W. A. “*Ocorrência de um Novo Crocodiliano no Cretáceo Inferior da Bacia do Araripe, Nordeste do Brasil*”, Anais da Academia Brasileira de Ciências (1987), vol. 59:219-232.

MAISEY, J Santana Fossils, New Jersey, 1991.

MARTINS NETO, R. G. “Um novo gênero do Orthoptera (Insecta, Grylloidea) da Formação Santana, Bacia do Araripe (Cretáceo Inferior, Nordeste do Brasil). Anais do X Congresso Brasileiro de Paleontologia, Rio de Janeiro, (1987)599-609.

MEDEIROS, Rodi de Avila et al. “*Análise Estratigráfica da Bacia do Araripe: Parte I – Análise de Sequências*”, II Simpósio sobre a Bacia do Araripe e Bacias Interiores do Nordeste, *Crato*, 1997: 17.

NUVENS, P.C Pedras de Peixe de Santana, *Crato*, 1994.

PONS, D. & BERTHOU, P. Y. & CAMPOS, D. A. “*Quelques observations sur la palynologie de l’Apiten supérieur et l’Albien du Bassin d’Araripe (N.E. Brésil)*”, Atas do I Simpósio sobre a Bacia do Araripe e Bacias Interiores do Nordeste, *Crato*, 1990:241-252.

74 SILVA SANTOS, R. Fósseis do Nordeste do Brasil, Rio de Janeiro, 1991.

Cidadão Fortalexiense - - Padre Antônio Vieira

É muito difícil a gente ser breve, quando as emoções são mais fortes que a dialética do raciocínio. Por outra parte, é sumamente torturante, o orador dar asas e amplitude à imaginação, e ênfase aos sentimentos, supliciando a paciência e a benevolência do auditório.

Não foi sem razão, que Justiniano de Serpa classificou os discursos em quatro tipos:

Bom-bom; Bom-ruim; Ruim-ruim; e Ruim-bom.

BOM-BOM, quando era curto e bom;

BOM-RUIM, quando era ruim mais era curto;

RUIM- RUIM, quando era ruim e comprido;

RUIM- BOM, quando era ruim mais era curto.

No vestibular deste precônio epinicial, desejaria que as minhas palavras tivessem a unção de uma oração gratulatória. É que, na perspectiva do humanismo cristão e da axiologia jurídica, o Estado, no seu embasamento ôntico e no seu “fieri”, é uma síntese histórica e sociológica dos valores constitutivos da Família e da Religião, da Política e da Economia.

Lar e Templo, Estado e Justiça assumem, aqui e agora, as dimensões da maior escola e oficina do caráter, da integridade e da dignidade da pessoa humana. Ao pisar o átrio desta Câmara Municipal de Fortaleza, se me acode, por intuição aquela advertência que Deus fez a Moisés, no Deserto de Madiam:

- “Descalça as tuas sandálias, porque é santa a terra em que pisas”!!!

Nesta hora mística de deslumbramento e de emotividade, esta Augusta

Casa se me afigura, revestida de sacralidade, mais hierática do que a majestade das catedrais góticas, rasgando túnica inconsútil das nuvens, com o zimbório e as esguias agulhas das suas torres. Tem mais estilização do que os propileus e as arcadas bordadas, de capitéis, ornatos e arabescos. Inebria-se mais de fulgurações e misticismo do que as espirais de incenso, que se evolvem, em volutas, perfumando de aromas edênicos os nossos corações e os nossos sentidos. E uma aura de angélica hipnose nos transfigura ao som enlevante e às melodiosas sinfonias do cantochão.

Este é precisamente um daqueles momentos, em que Victor Hugo afirmou: “qualquer que seja a posição do corpo, a alma sempre estaria de joelhos”. Sim, e sobretudo neste instante, porque celebramos um ritual cívico, em que os eminentes Componentes desta Casa, quais sacerdotes ou Vestais, guardam, dia e noite, acesas as chamas da nacionalidade.

Aqui é a forja, onde se caldeiam e se consolidam as leis, que regem a soberania do Município, amparam e perenizam os direitos augustos e soberanos dos municípios, e celebram o sagrado himeneu com o Executivo e o Judiciário. Para este conúbio democrático, aqui convergem, numa síntese maravilhosa, o descortino do Administrador, a percuciência do Julgador e a genialidade humanista do Legislador.

Esta Casa é o Mobral da Democracia. É o Jardim de Infância do Estado. A Câmara Municipal, pela circunstância de ser o supedâneo do maravilhoso templo do Poder Democrático, e estar mais estrategicamente ligado ao povo, transforma-se, por função e finalidade, num delta ou estuário, para onde confluem todas as lágrimas e gemidos dos sofridos e dos sofredores; um Véu de Verônica, no qual todos os Cristos enxugam o seu rosto ensanguentado; uma barreira desfraldada, em meneios coreográficos; um regaço maternal, onde toda fragilidade e inocência se fortaleçam e se alcandoram.

O que melhor define e consolida o poder do Estado, em qualquer das suas modalidades e graus:

democracia com liberdade;
liberdade com igualdade;
igualdade com justiça social.

A Técnica da Administração, segundo as normas de Henry Fayol:
a união na variedade;
a consonância na diversidade;
a harmonia na multiplicidade.

Tudo isto se coaduna com o princípio da isonomia jurídica de Aristóteles: “distribuir igualmente como os iguais e desigualmente com os desiguais”, e se enquadra ainda, dentro das estruturas da Teoria do Estado preconizado por Montesquieu, quando dividiu o Poder nos três departamentos: Executivo, Judiciário e Legislativo, autônomos e interdependentes.

Como numa partitura musical ou numa tela pictórica, em que a beleza e a arte se concretizam e se objetivam na sintonia dos contrastes, tal sucede no governo das pessoas, onde o Executivo, Judiciário e Legislativo são a expressão mais perfeita da pluralidade dos governados, na unidade simbiótica dos governantes.

Aqui estou para receber uma investidura cívica, na deferência da comenda nobiliárquica de Cidadão Fortalexiense, honra que sublima mais a generosidade dos Outorgantes do que os méritos do Outorgado. Mentiria a Vós e a mim mesmo, se não confessasse que estou plenamente gratificado à Vereadora Maria Zélia Correia, que arrancou da minha voluntária solidão, e da silenciosa reclusão dos meus incunábulo, para o “foyer” deste palco, onde tantas celebridades, aqui, prontificaram com a nobilidade do seu gênio, e guindaram-se aos alcantis da glória mais sublime, graças à profundidade dos valores cristalinos da sua personalidade.

Mentiria a mim e a vós, repito, se não manifestasse a euforia espiritual e sentimental que me galvaniza as entranhas. A falsa modéstia é mais hipocrisia que humildade. Nunca pedi louvores, mas mereço justiça pelo que sou e pelo que faço. Não havia mister estas galanterias sociais e exaltações encomiásticas pelo que fazemos, se as obras falassem por si. Essa distinção, tanto mais me sensibiliza, porque Maria Zélia Correia, sem demérito aos seus pares, é uma personalidade de valores invulgares e singulares. É um vulcão em ebulição, tal é a capacidade de dividir-se em multifárias e onímodas atividades sociais, educacionais, sanitárias e humanas, em favor das classes pobres, humildes e sofridas.

Elas não se pertence a si mesma nem à família, porque de manhã à noite, está sempre ao lado dos párias sociais e dos marginalizados humanos, dando um pouco de si para amenizar-lhes o infortúnio e diluir-lhes a revolta. Aqui, estancando a fonte das lágrimas; ali atenuando o grito de fome dos miseráveis. Aqui, com a mão estendida aos órgãos oficiais, às sociedades de beneficência, aos poderes públicos, mendigando recursos e ajuda; ali, realizando a multiplicação evangélica dos pães para tantos necessitados. Aqui, dirigindo e orientando escolas, centros maternos, creches, postos de saúde; ali, providenciando o internato de enfermos nos hospitais ou sepultamentos de indigentes.

Quantas vezes preciso falar com ela, tenho que procurá-la em casa, às 10 horas da noite, exatamente, quando estava fazendo a primeira refeição do dia. Diante das ponderações e conselhos para que melhor se cuidasse e metodizasse as tarefas de trabalho, dava uma gargalhada espalhafatosa e estribilhava zombeteiramente o final do cântico de São Francisco de Assis: “é dando que se recebe e é morrendo que se vive para a vida eterna”.

Para fazer sentir quanto estou agraciado com o título de Cidadão Fortalexiense, invoco a multissecular instituição do Direito Romano, que, há mais de 2.000 anos sacralizou o humanismo assegurando o patrocínio e a salvaguarda do Estado aos direitos substanciais da pessoa humana, quando lhe outorgava o título de Cidadão Romano, privilégio que mais tarde estendeu a todo Império, mesmo aos que não fossem romanos de nascimento, como a São Paulo que era damasceno.

São Paulo, conforme relatam os Atos dos Apóstolos, por duas vezes, invocou a sua condição de cidadão romano: uma, para livrar-se da humilhação de ser brutalmente açoitado, em praça pública; e a outra, para não ser condenado pelo arbítrio de leis bárbaras, mas ser julgado, em processo regular, perante os Pretores Romanos.

Cidadão varzealegrense!...

Cidadão fortalexiense!...

Duas cidadanias! Dois direitos consubstanciados em uma única pessoa, sem que ambas condições se conflitem ou constituam duelo de afeições e sentimentos.

A Terra, em que nascemos, é como o barro de que o Divino Oleiro argamassou a estrutura orgânica do nosso corpo. A Terra, que nos recebe e acolhe como filho, assemelha-se aos lábios do Divino Criador, que se colaram aos lábios de Adão, para dar-lhe o sopro da vida, o hálito da imortalidade.

O lugar, em que nascemos, aí enterramos o nosso umbigo, sinal perene, visível e sentimental da vinculação do homem à terra. Como as águas, por onde passam e levam os coloridos das terras, assim também somos nós; jamais perdemos o ativismo ecológico com a terra, as serras, os rios, as árvores, os animais, as pessoas que constituíram o mundo, o universo da nossa infância.

Da mesma maneira, que as conchas marítimas, para onde sejam levadas, transportam, na curva das suas volutas, o rumor vago das ondas marulhantes do oceano, assim, a nossa sensibilidade e o nosso coração codaquizam todos os instantes da nossa vivência, em comunhão com a Terra-Mãe.

Dessarte, nos moldes bíblicos, o homem foi gerado duas vezes: na primeira, das mãos do Divino Oleiro; na segunda, dos seus lábios ungidos de amor.

A primeira, do barro da terra.

A segunda, do sopro do seu coração.

Quem nos concederia poder dar trela e vagar à imaginação!... Se formos atentos ao mundo, que nos cerca, como moldura ou como atuação vivencial, observamos, sem grande sacrifício, que o Sol tem dois nascimentos: um que nasce quando nasce!...

o outro que nasce, antes de nascer!...

Observai, atentamente, meus prezados amigos, que a Natureza ainda está envolvida em penumbras, quando, pouco a pouco, uma tênue e pálida claridade, vai formando contornos matizados, debuxos e clarões de luz, na policromia dos horizontes mais distantes, e nos picos altaneiros das montanhas. É o Sol que nasce antes de nascer.

Quando, de repente, é aquele impacto emocional, é aquela apoteose estonteante de irradiações, aquele disco refulgente, numa transfiguração de luz e de calor, irradiando-se, plenificando tudo, os espaços, as regiões siderais, as covancas das serras, todos os recantos mais escondidos.

É o Sol que nasce, quando nasce!...

Não estou deletreando lucubrações estilísticas, porque na descrição bíblica da Criação do Mundo, o Autor Sagrado assim escreveu:

“Deus disse:- faça-se a Luz e a Luz foi feita”!... E logo mais, o mesmo Autor Sagrado escreveu: “No quarto dia, Deus disse: - Façam-se luzeiros no firmamento dos céus para separar o Dia da Noite”.

Confirma-se assim que o Sol teve dois nascimentos: no primeiro dia, foi criado o Sol, em forma de luz. No quarto dia, foi criado o Sol, em forma de astro, de estrela, de luzeiro.

Não é pois de estranhar, e sim mais de admirar e enaltecer, que eu tenha dois nascimentos:

um nascido antes de nascer, como “Indivíduo”, ainda em forma embrionária, no útero materno, na urdidura e engenharia do corpo, da inteligência, da vontade, de todos os órgãos do contexto físico;

outro nascido, quando já nascido, ao tempo que esse arcabouço ou estrutura anímica, desprende-se da crisálida material, formando o embasamento da “Páscoa”, com gama de todos os valores amadurecidos, de um universo de conhecimentos assimilados e cristalizados na interioridade; de uma vivência existencialista, retemperando as energias do caráter, a fortaleza do coração:

Sol Luz e Sol Luzeiro!...

Vieira Indivíduo e Vieira Pessoa!...

Vieira, barro de Várzea Alegre!...

VIEIRA, brisa fagueira e amena das
Praias de Iracema!...

Suposto, por força dessa alegoria, que eu tenha dois nascimentos, qual destes nascimentos mais me aprazaria, mais me alegraria, mais deveria ser festejado, mais me engrandeceria e me daria nobilidade?

As primeiras, que constituíram os alicerces vestibulares desse precônio epinicial, já anteciparam a resposta, na equipolência axiológica entre Indivíduo e Pessoa.

Todos nós temos duas paternidades!

Nossos pais geraram o Indivíduo, com a textura biogenética do

corpo e a polivalência das faculdades, em germinação e atuação dentro de nós. E nós mesmos que geramos a Pessoa, quando colocamos todas as nossas potencialidades imanentes para fazer desabrochar, crescer, desenvolver-se e afirmar-se, aos clarões da inteligência, na disciplina do caráter, na educação da vontade, aquele ser, antes imaturo, ingênuo, inexperiente, frágil e débil, e agora na plenitude do amadurecimento, na afirmação de vitalidade, de consciência, decisão, de descortino, que somos hoje como Pessoa, auto-suficiente, autônoma, livre, provada no cadinho de fogo da realidade vivencial.

Tenho medo de mim mesmo. Tenho medo de ser traído pelo meu próprio psiquismo, pelas minhas emoções. Eu sei que a sociedade cria discriminações de todo gênero, grau, modo e tempo. Uma das mais aberrantes é a que se faz entre filho natural e filho adotivo.

Ninguém há de bom senso que ousasse afirmar haver maior prerrogativa e excelência no filho adotivo que no filho natural, porque além de ferir suscetibilidades e os costumes milenares cristalizados em nossa cultura, ainda falaria a Lei para traçar o meridiano equatorial entre os direitos de um e os direitos do outro. Ademais, o filho natural é carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue, sensibilidade da mesma sensibilidade dos pais. E a filiação adotiva é apenas uma suplementação à natureza.

Agora, porém, meus senhores e minhas senhoras, eu temo e tremo, não por mim mas por vós, ao afirmar que me parece a mim, maior prerrogativa e privilégio ser Filho Adotivo do que ser Filho Natural. No Filho Natural, fundamenta-se a preferência na filiação. No Filho Adotivo, funda-se a filiação na preferência. O Filho Natural é amado porque é filho. O Filho Adotivo é filho porque é amado. Ser Filho Natural é fortuito, ocasional. Ninguém escolhe “sponte suo” o filho, nem este o pai. Ser Filho Adotivo é ato volitivo, é merecimento.

Os filhos naturais são partos da natureza. Os filhos adotivos são partos do coração. Se os pais pudessem escolher os filhos, muitos os trocariam por outros. Adão não teria gerado Caim, nem Noé a Cam, nem Davi a Absalão, e o pai de Judas o teria trocado pelo Bom Ladrão.

Sou, como todos Vós, um peregrino, um viajor pelos caminhos e estradas da vida, guiado ou atraído como os Magos do Oriente pelo brilho de

uma estrela. À semelhança dos Argonautas gregos, que velejaram em frágeis batéis, ao sabor das ondas tempestuosas e ao embevecimento do canto das sereias, à procura do Velocino de Ouro, também nós, ao alvorecer da Juventude, deixamos o Lar dos nossos pais, o aconchego da terra que nos viu nascer, e foi cenário das nossas traquinagens, para procurar, ébrios e extasiados de fulgurações, aventuras e conquistas, qual outro D. Quixote, montado no Rocinante da nossa imaginação.

Aos 11 anos de idade, ingressei no Seminário do Crato, e aí durante 6 anos, de aprisionamento celular, com disciplina rígida de caserna, quebrei as arestas, as angulosidades do meu temperamento, da minha sensibilidade, ajustando o indivíduo inseguro e ingênuo aos moldes da integração social, e ao desabrochar da maturidade e da personalidade.

Ao 17 anos, idade em que temos os olhos mais fixos nos longes do horizonte, e o coração em pulsações taquicárdicas, no delírio dos sonhos e projetos de colher entre as mãos as estrelas, que brilham como miragem, ou o mergulho cego nas profundezas dos mares para como escafandrista colher as pérolas, que aljofram o silêncio misterioso das águas. Nesta idade, ingressei no Seminário da Prainha, que naqueles memoráveis idos de 1937 a 1942, tinha o porte e o “status” de uma Universidade Européia.

Foi exatamente, nesse período áureo da minha vida, que se consolidou a minha personalidade, que o Indivíduo saiu da crisálida para voitar, de asas pandas, sobre todas as maravilhosas e beleza da Natureza. Fortaleza foi ainda o cenário, o palco, onde debutei como jornalista, escritor, conferencista, político, e consegui definir os roteiros da minha vida e destinação histórica.

Várzea-Alegre me deu a vida!

Fortaleza me deu a imortalidade!

Bem cabe, no fecho desta oração gratulatória, a célebre exclamação de Cícero, o renomado orador romano:

“PATRIA EST UBIQUE BENE EST!...

Nossa Pátria é onde somos amados e admirados!...

FORTALEZA, 13 de Março de 1980.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA.

De Kosovo a nossa Casa

Jorge Emicles Pinheiro Paes Barreto.
Advogado

O jornalista José Arbex Júnior, na edição de Maio de 99 da revista Caros Amigos (número 26, editora Casa Amarela), traz relevantes conclusões sobre a Guerra de Kosovo, que atormenta humanidade nos últimos meses com torrentosas cenas de criminoso desapego a vidas humanas em particular, e aos direitos humanos como um todo. Deveras é espantoso observar-se a que ponto degradante chega a raça humana às portas do século vinte e um, como se as lições históricas apreendidas ao longo de séculos de civilização não bastassem para comprovar os malefícios das guerras. Chegamos mesmo ao ponto de indagar para que serviram milhares de “bruxos” mortos na fogueira em nome de uma impossível hegemonia da Igreja Católica, ou mesmo o indiscriminado extermínio de judeus ao longo da penosa Segunda Guerra Mundial.

O problema de Kosovo, segundo é entendimento quase pacífico na imprensa oficial não traz qualquer mistério: os Estados Unidos, na qualidade de “polícia plantária” sente-se na obrigação de defender o sofrido povo albanês da carnificina étnica perpetrada pelos sérvios, que têm ainda por cima como máximo líder o neo Adolf Hitler – Slobodan Milosevic.

Assim mesmo, algumas perguntas permanecem sem resposta, na clara indicação de que os interesses políticos não resumem-se ao que é diariamente publicado na imprensa: por que a “polícia do planeta” não intervém no conflito entre hutus e tutsis, que desde 1994 vem deixando um indisfarçável rastro de sangue a corroer a indiferença das grandes nações civilizadas de nossa era? Serra Leoa, Zaire, Ruanda, dentre outras também não seriam nações dignas do de-sapego humanitário tão proclamado pelos Norte Americanos na defesa dos kosovares? Israel e Turquia, a exemplo dos sérvios, igualmente não estariam subjugando outros povos do direito a uma pátria? Que interesses geopolíticos teriam então os Estados Unidos e seus aliados na derrota do

povo sérvio?

José Arbex Júnior, na matéria já mencionada, com muita propriedade, introduz argumentos e fatos que fazem-nos rever totalmente a lógica da guerra tal qual a conhecemos. Primeiro, geopoliticamente falando, derrotar os sérvios significa colocar a OTAN (Organização Tratado Atlântico Norte) em plena fronteira da Rússia, o que talvez explique o inarredável propósito de ver Kosovo supervisionada por forças da própria OTAN. A Alemanha, certamente um dos membros da aliança militar mais empenhados na defesa dos kosovares de etnia Albanesa, historicamente tem seus próprios planos de exploração da região em guerra. Explica-se. É que naqueles confins do mundo, segundo ainda o jornalista José Arbex Jr., há abundantes “reservas de petróleo”, além de “jazidas de cromo, níquel, cobre, ouro e platina”. Para piorar a situação, dois aliados da OTAN, a Grécia (cristã ortodoxa) e a Turquia (muçulmana) certamente, não fosse a intervenção militar da Aliança, diretamente envolveriam-se na guerra, cada qual na defesa de seus interesses de potências regionais em posições rivais no campo de batalha, o que invariavelmente redundaria no fim da OTAN.

Explicadas as razões, nem um pouco humanitárias do interesse Norte Americano no conflito interno entre sérvios e albaneses pelo controle da cidade de Kosovo, certamente que fica insustentável qualquer explicação plausível para a carnificina generalizada que vem acontecendo sempre com mais frequência nas escolas Norte Americanas, pelas quais seus adolescentes imotivadamente matam-se uns aos outros. Deveras, é no mínimo ridículo ouvir em pronunciamento à nação o presidente Bill Clinton ensinando a seu povo “que a violência não leva a nada”. A sociedade Norte Americana é sem dúvidas vítima de seus próprios mitos, ao auto consagrar-se como nação mais poderosa do mundo, que subjogou a ameaça comunista da antiga União Soviética e policia o mundo para impor-lhe a paz (mesmo que para isto tenha de bombardear o próprio povo a que se propõe defender). Esquece-se, no entanto, da incontestável lição histórica que descreve, por exemplo, a queda do império romano e o declínio da própria Igreja Católica no fim da Idade Média. Nenhuma potência mundial o é para sempre.

O Brasil, de seu lado, além de ser uma nação nova, que conta com quase quinhentos anos de descobrimento e menos de duzentos de

independência, embora nunca tenha no cenário mundial pretendido impor seus interesses em desfavor de outros povos, mas bem ao contrário, sempre foi fiel serviçal de interesses estrangeiros, onde estaria no meio de tão maquiavélicos interesses?

Antes desta análise, porém, e para melhor esclarecer a posição brasileira, historicamente até aqui imutável, na intransigente defesa de políticas alienígenas contrárias aos interesses de seu próprio povo, colhamos alguns exemplos do que se fala: não são poucas as publicações, embaçadas sempre em pesquisas sérias realizadas por renomados estudiosos, que dão conta da intervenção direta dos Estados Unidos, tanto com apoio logístico, tais como treinamentos, como até mesmo financiando determinadas operações para que fosse derrubado, em primeiro de abril de 1964 o presidente eleito João Goulart, o que redundou no golpe militar daquele mesmo ano. Também em 1935, foi imprescindível a participação não apenas da CIA mas igualmente da polícia política alemã para o desmantelamento da revolução comandada por Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). As obras de Zuenir Ventura (1968 – o ano que não terminou) e Fernando Morais (Olga), são fabulosos relatos do que se afirma. A abolição da escravatura, não se tenham dúvidas, também restou de fortes pressões diplomáticas da potência da época, Inglaterra, que tinha em jogo fortes interesses comerciais. A independência e o próprio descobrimento, da mesma forma, se analisados com a seriedade devida, igualmente que não levar—nos-iam a diferentes conclusões.

No meio deste amontoado de fatos, aparentemente desligados entre si pelo tempo e pelo espaço, é forçoso chegar a uma conclusão: a violência não é simplesmente uma criação da própria sociedade, não é apenas um mecanismo da incessante luta dialética que moveu, desde os primórdios da civilização, a humanidade para a realidade que hoje enfrentamos. É antes de tudo, a própria razão de ser do Estado, que por meio dela e com a justificativa teórica de tolher suas asas na busca da paz social impõe-na tanto a outros Estados na busca de hegemonia geopolítica, assim como em tantas vezes a seus próprios súditos, no único escopo de manter um poder que paulatinamente perde sua razão de ser.

Se os Estados Unidos por um lado impõe, por intermédio da OTAN,

pesados bombardeios ao povo sérvio, por outro também exerce sua soberania silenciosamente, através da imposição de sua cultura aos quatro cantos do mundo, e eis a Coca Cola para não nos deixar mentir. Seja de uma forma, seja de outra, não é possível negar que é a violência (física ou cultural) que se impõe.

Qual das duas é menos maléfica é difícil sopesar, pois se de um lado as bombas causam morte quase instantânea de milhares de pessoas, por outro a exploração cultural, que por sua vez é indispensável suporte à exploração econômica é a responsável pela criação de bolsões de miséria, que conseqüentemente também levam à morte de outras milhões de pessoas. A segunda talvez tenha a vantagem da ausência do constrangedor barulho de explosão e ligação direta entre a exploração capitalista daqueles que detêm os meios de produção contra os proletários (numa simplista definição da luta de classes, conforme era do conhecimento geral até a queda do muro de Berlim, que simbolicamente teve a capacidade de relegar ao ostracismo o Alemão Karl Marx).

Daí, outra conclusão também se impõe e tem validade mais que nunca, no atual mundo globalizado. A guerra de Kosovo e a miséria brasileira tem inegável interdependência, na medida em que tanto uma quanto outra são perversas conseqüências da exploração de umas nações sobre as outras. E mais, o fracasso e vitória que uma ou outra nação conquistar ao termo desta guerra certamente repercutirá também entre nosso povo, como conseqüência dos novos contornos geopolíticos do planeta, o que implicará numa menor ou maior dose de exploração sob nosso país.

De outro lado, os problemas internos que os Estados Unidos vem enfrentando nos últimos tempos, longe de ser um fenômeno social isolado dos demais acontecimentos do mundo, é certo prenúncio de um declínio que está por vir. Afinal de contas, lembre-se, nada o é para sempre e a história, conforme já exemplificamos, está recheada de exemplos a este respeito.

Chegadas a estas conclusões, além de podermos afirmar que a violência que nos cerca cada vez maior, é em última análise conseqüência dos ardilosos meios de exploração utilizados ao longo da história como forma de nos subjugar ao poderio alienígena, bem como nada que acontece no mundo tem razão em si mesmo, isoladamente, igualmente temos de dizer que, em tendo repercussão sobre nós fatos ocorridos praticamente do outro lado do mundo, é nossa obrigação também termos posição a seu respeito.

Não que isto signifique que devemos levantar bandeiras em apoio ao sérvio Milosevic, nem muito menos acharmos justo o genocídio de um povo sob o outro, mas também o silêncio não nos cabe bem nesta questão.

A coerência, neste tópico impõe uma posição racional, no sentido de que é impossível a conquista da paz pela guerra. O termo dos bombardeios se impõe como única medida capaz de por a salvo não apenas os refugiados Albaneses de Kosovo, como também a própria população civil sérvia, que antes da guerra não via com bons olhos a liderança exercida por Milosevic, e que em última instância, assim como os miseráveis que povoam nossas favelas, não têm qualquer responsabilidade pelos ataques ditatoriais de seu presidente. Até porque, a exemplo do conflito entre árabes e judeus em Israel, o embate entre sérvios e albaneses possui raízes históricas profundas.

Tal solução bem pode parecer estapafúrdia, até porque os interesses estratégicos da OTAN não mais permitem recuos, mas é exatamente isto que prega, por exemplo, a Liga Democrática do Kosovo, movimento de resistência civil que propõe a imediata suspensão dos ataques da OTAN como único meio plausível de poupar milhares de vidas humanas.

Desta forma, a sociedade civil organizada, deve tomar a iniciativa de pressionar o governo para que, no âmbito de suas relações exteriores, tome indeclinável posição pelo fim incondicional da guerra. Não que a posição brasileira tenha fundamental peso na solução do conflito, afinal imaginar isto é o mesmo que afirmar que a Força Expedicionária Brasileira (FEB), enviada à Itália quase no final da Segunda Guerra, tivesse decisiva atuação para o fim daquele conflito.

O problema, no entanto, não se coloca nesta órbita. O caso, na verdade, está em, no meio de tantos interesses sermos capazes de fazer valer os nossos próprios, o que paulatinamente repercutirá na conquista de nossa verdadeira soberania e independência. Quanto maior nossa resistência ao domínio estrangeiro, mais próximos estaremos da solução de tantas mazelas sociais que há séculos nos perseguem.

Daí, Kosovo não é tão distante quanto imaginamos. Daí, a dor dos sofridos refugiados daquelas paragens, por mais que não queiramos, também nos diz respeito.

Crato, 31 de maio de 1999.

Um Símbolo da Religiosidade de Jardim

Napoleão Tavares Neves

Tenho bem viva na lembrança a presença daquele histórico cruzeiro de madeira fincado em frente desta Matriz de Sto. Antônio de Jardim como símbolo e marco da fé do seu povo. Um dia o levaram para a sacristia e em seguida para o nosso cemitério, morada derradeira dos nossos maiores. Nunca entendi porque o removeram do seu canto em nome de um progresso que, francamente, poderia muito bem com ele conviver. A sua sobriedade com cara de História fez muita falta ao conjunto desta histórica Matriz de seculares tradições.

Hoje, graças a Deus, em muito boa hora, Jardim recebe de volta, festivamente, o símbolo maior da sua fé: o célebre cruzeiro do Frei Vital de Frascarolo ou Frei Vital da Penha aqui plantado no dia 29 de Junho de 1799, portanto, há precisamente duzentos anos, como coroamento das Santas Missões aqui realizadas e pregadas pelo célebre pregador sacro e missionário capuchinho italiano do Convento da Penha de Olinda.

O histórico cruzeiro deixado por Frei Vital volta ao seu primitivo lugar, infelizmente sem a sua oração, bem como, sem as relíquias de Santa Doroteia cujo destino ignoramos. Aqui não vai nenhuma crítica a ninguém. O próprio Cristo disse no seu Evangelho: “Não julgueis para não serdes julgados”. Aliás, o seu traslado deve ter sido fundamentado em boas intenções, faltando-lhe, entretanto, sensibilidade histórica que não é virtude genérica.

A professora Beatriz Neves lutou 57 anos por este raro momento que a administração Fernando Luz enseja para todos nós. Desde menino habituei-me a ouvi-la, inconformada, com o quase esbulho da nossa memória histórica hoje aqui devidamente resgatada sob as bênçãos de Deus. Portanto, que não se mexa mais nesta relíquia histórica a pretexto de nada! Preservar a memória histórica é preciso. O Cruzeiro volta devidamente restaurado sob o

comando do artista plástico jardinese, Luiz Pereira Lemos. DEUS SEJA LOUVADO!

Para os que não sabem, a histórica oração embutida no madeiro do cruzeiro dizia o seguinte, em bom latim: "EIS A CRUZ DO SENHOR. Fugi ó partes adversas, venceu o Leão da Tribo de Judá, Raiz de Davi, Aleluia, Aleluia, Aleluia!" Que beleza!

Frei Vital da Penha deve ter sido, com certeza, o redator desta prece de rara beleza e muito simbolismo!

Povo de Jardim!

Preservar o nosso passado é garantir o futuro nele inspirado! Guardar o que o passado nos legou é cultivar nossas raízes e nossas caras tradições, mantendo a nossa identidade cultural pelos tempos afora! Esta identidade cultural é a nossa personalidade como povo, é o que faz de Jardim ser realmente Jardim! Com este histórico cruzeiro aqui ora restaurado resgatou-se um pedaço bem vivo da nossa melhor história tão rica em lances épicos!

Antes tarde do que nunca.

Esta providencial restauração de há muito se impunha. Tenho certeza que Jardim sonhava com ela desde 4 de fevereiro de 1942.

Que bom que isto haja acontecido no apagar das luzes do último ano deste século e deste milênio com Jardim sempre fiel às promessas de Frei Vital de Frascarolo, missionário itinerante pelas ínvias estradas dos sertões, plantando cidades, construindo templos, missionando e fincando cruzeiros como este que é símbolo e referencial histórico da caminhada de Jardim na crista dos séculos.

Sua simbologia é muito interessante: Vejamo-la:

A escada que ele mostra simboliza a escada com que José de Arimateia desceu Jesus Crucificado da cruz do seu Calvário!

A lança nele mostrada simboliza a lança que deu o golpe mortal no corpo do Crucificado de Nazareth!

Já o galo simboliza a negação de São Pedro mostrando nossa fragilidade humana! Quanta simbologia apenas na madeira! Portanto, uma rica simbologia de fé que Jardim deverá preservar pelos séculos sem conta como sinete da sua identidade cultural e religiosa.

O Histórico Cruzeiro aí está para ser admirado, preservado e zelado, em lugar de destaque, de preservação, de continuidade!

DEUS SEJA LOUVADO por esta imperiosa reparação da nossa História e da nossa Fé.

Frei Vital deve estar muito feliz com isto, missionando lá longe entre as estrelas do céu! É lá a eterna morada dos justos e dos santos.

Jardim hoje dorme feliz com o guardião de sua identidade cultural e religiosa restaurado sob as bênçãos do Pároco, Padre Benedito Evaldo em nome da Igreja de Cristo! Por tudo, DEUS SEJA LOUVADO!!!

Jardim, 29 de junho de 1999.

Informe Publicitário

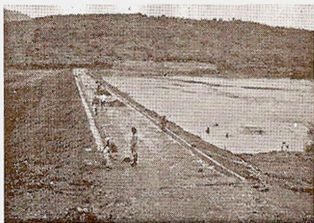
NÃO FOI CONSTATADA NENHUMA IRREGULARIDADE, SEGUNDO A CPI DO FUNDEF NA CIDADE DO CRATO.

Pode-se afirmar que o prefeito Moacir Siqueira, através de sua secretária de Educação, Maria Isa Pinheiro Cardoso Gonçalves, continua dando provas de sua honestidade à frente da máquina pública municipal, tratando os recursos



com a devida seriedade e com destino totalmente dirigido ao que é traçado pelas diretrizes competentes. Diante deste relatório o prefeito Moacir Siqueira causa alegria e vai conquistando a preferência absoluta do povo na sua administração, "afinal ver o CRATO fora deste contexto, só aumenta o nosso orgulho e a nossa satisfação em saber que existe um homem honesto na prefeitura municipal de Crato" disse João Pereira Crisóstomo, 50 anos, morador do Seminário, em Crato, electricista e profundamente orgulhoso completou: "por ver o dinheiro público ser aplicado para o povo e dando um verdadeiro retorno para à cidade do Crato pode-se chamar o Crato de a jóia do Cariri".

PREFEITO MOACIR ENTREGA AÇUDE EM DOM QUINTINO



Uma das principais realizações da administração Moacir Soares de Siqueira, em seu primeiro ano, foi a construção do Açude Mandante, no distrito de Dom Quintino. Sonho antigo daquela comunidade rural, o Mandante com

capacidade para 595 mil litros cúbicos de água, beneficia, não só aos moradores de Dom Quintino, como das comunidades circunvizinhas.

Construído com verbas próprias da Prefeitura Municipal Cratense, o açude, além da produção de peixes, também serve de lazer, estimulando o turismo no nosso município, e, de uma forma ou outra, melhorando a condição de vida do povo cratense.

2º NATAL DE LUZ

Inaugurado pelo prefeito, dia 10/12/99, à noite, na Praça da Sé, o 2º Natal de Luz superou o sucesso do 1º, contando com a apresentação do coral da Sociedade de Cultura Artística de Crato (SCAC) e a banda de Música Municipal, inspirando á todos sobre a beleza e a verdadeira mensagem do Natal, a festa foi inesquecível.

Desde aí todos os dias a

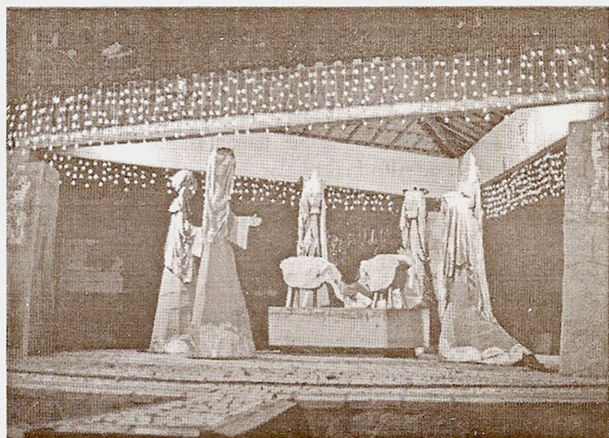


cidade contou com apresentações artísticas nas ruas e praças da cidade, espaço livre para os músicos e grupos folclóricos do município do Crato, entre eles a apresentação de reisados adulto e infantil do distrito da Bela Vista, reisado do sítio Coqueiro, reisado do distrito da Santa Fé, banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto, lapinha do Alto da Penha.



Foram ornamentadas as seguintes praças: Cristo Rei, São Vicente, Siqueira Campos, Pimenta, Jambo, Batalhão, São Miguel, Cruz do Século, Arco da Prefeitura, Petrobrás, Seminário, Asa, praça da Sé, além da Câmara dos Vereadores, Batalhão, Rodoviária, Seminário São José e Museu da cidade de Crato.

Outra novidade do 2º Natal de Luz foi a apresentação de aproximadamente 500 crianças, representando escolas públicas e associações de bairros do Crato, juntaram-se ao Pequeno Coral da SCAC, na última sexta-feira, 24-12-99, à noite, na praça da Sé, para orar, brincar e cantar músicas natalinas, no ponto alto da programação do 2º Natal de Luz, coordenado pelas secretarias de Trabalho e Ação Social e Cultura do município de nossa cidade. A professora da SCAC, Divani Cabral, funcionários da



prefeitura e voluntários, trabalharam em equipe com brincadeiras e cantigas de roda, levando as crianças a uma intimidade com o natal e cantando as maravilhas de Deus no tradicional e religioso canto de natalino.

Com a presença do prefeito Moacir Siqueira e da primeira-dama, Maildes de Siqueira, do presidente da Câmara Florisval Sobreira Coriolano, a criançada, após a apresentação, saiu em cortejo pelas ruas Senador Pompeu, Bárbara de Alencar, João Pessoa, Miguel Limaverde e Dom Quintino, com a animação da Banda de Música Municipal, até o tetro Raquel de Queiroz, onde receberam lanches e brinquedos comemorando assim o natal dos Canarinhos.

O encerramento do 2º Natal de Luz, foi quinta-feira, dia seis de janeiro de 2000, nas ruas e praças centrais, no período da noite, com a comemoração do Dia de Reis. Onde o folclore popular tomou conta das ruas e praças como em todo o período natalino, deixando o povo feliz e compenetrado no espírito do Natal.

O secretário Carlos Rafael Dias, comentou que este festejo remonta aos tempos da Europa medieval, quando festas

populares, até hoje celebradas, passaram a homenagear os três reis magos, que saudaram o recém-nascido Deus menino trazendo a luz de Deus para todos os que se abrem para o verdadeiro sentido do Natal.

ELETRIFICAÇÃO RURAL

Energia para as comunidades da eletrificação rural do projeto São José, governo do Estado do Ceará, tem se constituído como uma das prioridades da administração Moacir Siqueira. Mais de cinco mil metros de eletrificação beneficiaram estão sendo entregues beneficiando diretamente mais de duas mil pessoas, totalizando-se um investimento na casa de quase R\$ 100.000,00. Já foi inaugurada a energia nos sítios Valentim, Fernandes, Urucum, Cajazeiras, Monteiro 1 e Monteiro 2, conjunto habitacional Nossa Senhora da Penha, vila São Bendito, tendo ainda o sítio Lagoinha por inaugurar.

Ter luz em casa é um sonho que a Administração Moacir Siqueira realiza nos recantos mais longínquos da cidade e distritos

REINICIADAS OBRAS DO CINE TEATRO MODERNO



No prédio em construção, o prefeito do Crato, secretários municipais, veteranos do teatro e da cultura cratense, vereadores, convidados e povo em geral, prestigiaram a

assinatura da ordem de serviço da segunda etapa de construção do Cine Teatro Moderno.

Na ocasião o escritor e teatrólogo, B. de Paiva, saudou o prefeito pelo empenho e realização da obra.

O Cine Teatro Moderno foi fundado em 1935 e já estava desativado há vários anos. Sua reforma, na segunda etapa, custará R\$99.272,33 (Noventa e nove mil, duzentos e setenta e dois reais e trinta e três centavos) e tem a previsão de 90 dias para conclusão desta etapa. Os trabalhos envolvem a demolição do revestimento antigo e conclusão de toda parte de esquadrias (portas e janelas).

Para o prefeito Moacir Siqueira esta obra além de resgatar a história e a cultura do nosso povo, também tem a finalidade de gerar empregos, uma das prioridades do seu governo.

ESPORTIVAS

Tido como um dos maiores desportistas da região do Cariri, o prefeito Moacir Siqueira não decepcionou os desportistas do Crato. Ao assumir a prefeitura, ele garantiu total apoio ao esporte, tanto amador como profissional do município.

A nível amador, Moacir continua dando credibilidade ao projeto desenvolvido pela Fundação Municipal de Desporto e Lazer (FUMDEL), que desenvolve um trabalho com crianças e adolescentes, em suas escolinhas de iniciação esportiva, nas mais diversas modalidades, entre elas, capoeira, karatê, natação, futsal, hidroginástica, etc. O Projeto AABB-Comunidade-FUMDEL, onde 350 crianças de escolas públicas da cidade, recebem assistência nas áreas social, cultural, lazer, médica-odontológica, além de reforço escolar e alimentar, conta com o incentivo do chefe do executivo cratense. A prefeitura paga os monitores e banca, diretamente, cem crianças.

Ainda no setor amador, os Jogos Estudantis Cratenses (JEC's), reunindo mais de dois mil estudantes, das escolas públicas e particulares do município, foram resgatados por Moacir Siqueira.

O futebol profissional não poderia ser esquecido pelo "Prefeito Desportista". O Crato Esporte Clube, nosso representante no Campeonato Cearense, recebeu em 1999,

durante a 2ª divisão, total apoio financeiro da administração municipal. Mensalmente, 15 mil reais eram repassados para diretoria do clube. O Crato conquistou uma vaga na 1ª divisão e, este ano, Moacir Siqueira, novamente chegará junto à equipe. O Estádio Mirandão recebe, diariamente, manutenção de uma equipe de funcionários, pagos pela prefeitura.

Através de um convênio com a EMBRATUR, respaldado pelo Ministro da Cultura, Turismo e Desporto, Rafael Grecca, com o apoio do deputado federal José Arnon Bezerra, o Parque Municipal, já esta com um convênio assinado de sua reforma e o projeto da reforma da Quadra Bi-Centenário está nas mãos do ministro Rafael Grecca que garantiu, em visita ao Crato, dar total atenção a este. Ete é mais um goooool de placa do "prefeito Joinha".

ACÇÃO PARTICIPATIVA



Dentro do contexto social e humanitário, a administração Moacir Siqueira implantou o Projeto Ação Participativa. Uma maneira de levar às comunidades, ao mesmo tempo, todas as ações desenvolvidas pelo Poder Executivo. Até agora, já foram realizadas sete edições: distrito de Santa Fé, distrito de Ponta da Serra, bairro Seminário duas vezes, distrito de Bela Vista, distrito de Dom Quintino e bairro Alto da Penha. Os principais serviços são prestados nos setores de educação, cultura, infra-estrutura, limpeza pública, saúde, lazer e de assistência social.

Durante o domingo, das 08h00 às 17h00, equipes de todos os órgãos vinculados à Prefeitura ficam à disposição dos moradores da comunidade, concedendo palestras, orientações jurídicas, atendimento médico e odontológico,



realizando vacinação, coleta de lixo, recreação, obras de infraestrutura, emissão de documentos, distribuição de mudas frutíferas, limpeza, saneamento, pavimentação enfim, todo um trabalho em busca de oferecer melhorias nas condições de vida da comunidade.

SAAEC CIDADÃ

A Sociedade Anônima de Água e Esgotos do Crato (SAAEC), tendo como presidente, o professor Francisco Cunha, desenvolveu ao longo do ano de 1999, um trabalho de busca de uma consciência coletiva junto à população cratense, quanto a importância de se evitar o desperdício d'água: O Programa SAAEC Cidadã.

O primeiro passo para que a nossa cidade se integrasse neste programa, foi a instalação de 10.000 hidrômetros nas residências e prédios comerciais, cujas instalações se iniciaram no mês de fevereiro. Realizou de junho a outubro, o Concurso de Educação Ambiental, destinado a alunos de escolas públicas e particulares, e teve como tema: "Usar racionalmente a água, para não racionar o uso Como não desperdiçar água".

Iniciou ainda, as obras de saneamento do Crato, começando pelos bairros Vilalta e Independência. Uma obra relevante para cidade do Crato. As obras tiveram início no mês de

dezembro. O projeto está orçado em 1.164.000,00 (Hum milhão, cento e sessenta e quatro mil reais) a fundo perdido e sem contrapartida e consta de construção de uma rede coletora de esgotos, uma estação elevatória com capacidade para receber 56 litros por segundo e jogar igual volume numa estação de tratamento de esgoto, que terá uma área de 70.000 (setenta mil m².) Tal obra atingirá uma média de 7.000 (sete mil) habitantes beneficiados e que além disso, terão aproximadamente 1.500 (mil e quinhentas) ligações domiciliares nos dois bairros. O projeto tem o objetivo de oferecer à população dos bairros Vilalta e Batateiras, mais saúde e melhor qualidade de vida, diminuindo assim, o índice de doenças de veiculação hídrica.

Temos ainda, a perfuração do poço São Raimundo, o segundo de seis conseguidos junto à Fundação Nacional de Saúde, pelo prefeito Moacir Siqueira com o apoio do senador Lúcio Alcântara. O primeiro poço perfurado foi o do bairro Batateiras. Com a perfuração do poço São Raimundo, o bairro Seminário, que tem uma população de 27 mil habitantes, terá uma melhoria no seu abastecimento d'água.

É a SAAEC desenvolvendo o Programa Cidadã, em prol de uma melhor qualidade de vida para a população cratense.

Escrever a História...

*Padre Neri Feitosa**

Deixar por escrito a história dos acontecimentos; biografar personalidades; pesquisar datas e origem de nomes; relatar faustos, guerras e comoções sociais, com circunstâncias e interpretação de causas e conseqüências; tudo isto é muito difícil.

Escrever o que o povo diz, as tradições orais e as versões que passam de geração em geração, é coisa muito fácil. Não é fazer história; é escrever crônica. E o gravador de crônicas pode ser chamado pelo historiador de “croniqueiro” (Ant^o Bezerra, *Algumas Origens do Ceará*, 130).

A história é um blefe

Pilatos fez a Jesus uma pergunta ambigua: “Que é a verdade?” (Jo 18, 38). A que se referia ele: à verdade filosófica? À verdade doutrinária ou teológica?

A verdade histórica não é ambigua: a verdade exige que a história prove com documentos a fidelidade aos fatos, às datas, aos números, às palavras citadas de outras pessoas.

A verdade histórica rejeita acomodações, preferências, projeções (no sentido adotado pela psicologia), diplomacia prudencial e omissões cautelares por respeito a pessoas importantes ou violentas.

É dentro deste contexto que o autor Carlos Heitor Cony diz que a história é um blefe (*Informações ao Crucificado*, 91).

Documentos

Historicamente nem todo documento é documento verídico. Digo e provo: 1^o - Em 1953, eu estava em Missão Velha e fui ao Crato com a Cruzada

Eucarística Infantil, por ocasião da visita da imagem peregrina vinda de Fátima, Portugal. Foi feito um ligeiro monumento de marmorito, ao lado da catedral, com a data da visita. E a imagem avariou-se em Cratéus, não veio, voltou a Portugal, para reparos e só um ano depois veio de fato.

E o monumento passou anos com a data falsa. Quem copiou, pensou estar com a verdade, mas falhou;

2º Ao chegar a Madalena, em 1975, encontrei numa praça um marco em bronze, comemorando a criação do município em 1964. Foi criado realmente por lei, mas antes de ser instalado a “revolução” o derribou e de fato só foi criado e instalado cerca de vinte anos depois.

Quem copiou aquele “documento”, tomou um documento falso;

3º - Minha certidão de batismo não confere com o registro civil, quanto ao dia do nascimento: um cita o dia 4 de abril e o outro o dia cinco. Uma certidão cartorial de nascimento ou de batismo certamente é documento: mas, é verídico? Os mesmos documentos de um irmão meu trazem diferença de um ano; e uma parenta afim encontrou diferença no registro cível de cinco anos sobre o dia exato.

4º - Um jornal de Fortaleza noticiou a morte, com datas e circunstâncias, do Padre Leopoldo Fernandes, colaborador daquele jornal e então residindo em Brejo Santo. O Padre Leopoldo, ao ler surpreso a notícia, surpreendeu os leitores de outro número do jornal, com os comentários sobre sua anunciada morte... O historiador que invocar só o número anterior do jornal, pensa citar um documento...

Vamos evitar os assuntos polêmicos

Em 1996, o Instituto Memória de Canindé quis registrar em folheto os 25 anos da tragédia da Japuaara. Tomamos por método de trabalho:

1º - ouvir a versão dos atores vivos, antigos moradores;

2º - ouvir a versão do lado oposto, o comprador da fazenda;

3º - consultar a imprensa da época;

4º - elaborar o texto.

Ao tomar os depoimentos dos moradores, o líder, Pio Nogueira,

informou que atirou com um revólver que Frei Lucas Dolle emprestara a ele; outro informante disse: “emprestou, não! Deu, porque a gente não tinha arma”.

Redigida esta versão e remetida ao lado contrário para dar a sua versão, Frei Lucas escreveu ao autor destas linhas que o processaria, se publicasse aquela versão. Antes de chegar a mim esta ameaça, Fernando Honorato, do lado de César Campos, já me chamara à parte e dissera, sem pedir reserva: “Pior é que Frei Lucas peitou dois sujeitos para me matarem; um era meu amigo e me avisou... Digo e sustento”.

Levado o assunto à cúpula do Memória, o senhor Francisco Karan alvitrou: “Vamos evitar os assuntos polêmicos”...

Assunto polêmico? É o que desdoura um poderoso? E aí a história deve calar?

A história é um blefe.

História póstuma

“Queima de arquivo” hoje tem vários sentidos e este é um: queimar a história do que se passou de fato, omitir, para não melindrar grandes envolvidos.

A história só pode ser verdadeira como obra póstuma aos envolvidos e aos seus descendentes próximos. Se não pode dizer-se a verdade do que se passou, porque melindra pessoas, a história fica sujeita às conveniências e trai a verdade dos acontecimentos.

Por muito tempo escreveu-se a história dos Quilombos, de Tiradentes e de Canudos, segundo a visão do regime vigente, o Império. Um século depois é que se pôde escrever a história vista do outro lado, do lado das vítimas: outra história, outra versão. Talvez falte escrever a síntese, a versão verdadeira. Faz lembrar aquele Ministro da Educação que, diante das dificuldades, dizia: “Já ouvi a versão de um lado; falta ouvir a versão do outro lado; só depois disto chegarei à versão verdadeira...”

Autoridade no assunto

Quem é autoridade em história? Qual é o historiador que não tem o pedantismo de corrigir outro historiador?

O Padre Antônio Gomes julgava-se autoridade máxima na história do Cariri. Ridicularizou o militar Carlos Studart Filho, por deslizar em seu livro “A Revolução de 1817” e o general revidou com uma verrina que fragmentou o que ele qualificou de ‘um dos donos da história do Cariri’ (p.6).

Antônio Bezerra arrogou-se a prerrogativa de começar a história: tudo o que se escreveu antes dele “não passava seguramente de um montão de invenções ridículas e narrações disparatadas” (Antelóquio, p.I). No entanto, escreveu (Alg. Origens do Ceará, p.12) que os índios potiguares mudaram o nome do rio Pirangi para rio Ceará; ora, são dois rios com cursos diferentes e distantes e ainda hoje conservam seus nomes.

Antônio Gomes de Freitas (Rev. Do Inst. Do Ceará, 1967, p.333) faz-lhe correções, atenuando a discrepância, dizendo que a responsabilidade foi dos informantes...

Doutor Vinícius Barros Leal, membro do Instituto, publicou na plaqueta “Canindé”, editada pelo BNB, que Francisco Xavier de Medeiros declarou-se pessoalmente paraibano na certidão de batismo de 30 de janeiro de 1779. Fui ao livro de origem e quem era paraibano era o avô do menino batizado...

Não cite autoridade em história sem comprovar a assertiva. Não confie!

Conclusão – Vai estudar a história? Cuidado que ela pode ser “diplomática” e conter só meia verdade, só a verdade conveniente!

Vai escrever história? Tenha cuidado com o informante e com os documentos de apoio: não sei em que dia nasci, por causa dos documentos...

Vai citar historiador? Se ele for “autoridade” no assunto, desconfie dele, porque ele fabrica história em cima da sua ignorância.

** O Padre Neri Feitosa é membro do Inst. Cultural do Cariri e escritor.*

*Endereço do autor –
Caixa Postal 14 – 62700-000 – Canindé – CE*

A Lei dos Royalties do Petróleo

Flamínio Araripe



Universidade Federal do Ceará (UFC) poderá receber cerca de US\$ 3 milhões por ano para aplicar em pesquisas no setor petróleo, da extração ao refino e indústria petroquímica. É um valor oriundo da Lei dos Royalties do Petróleo, regulamentada em novembro de 1998, que vincula a destinação de no mínimo 40% para o Norte e Nordeste, US\$ 24 milhões para as universidades e centros, para pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico da indústria de petróleo na região.

Os recursos já estão sendo repassados pela Agência Nacional de Petróleo (ANP) para o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), gerido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MC&T). Mas só poderiam ser usados depois que o MC&T constituísse um Comitê de Coordenação para definir como serão aplicados os US\$ 60 milhões anuais da Lei dos Royalties em todo o País.

O Comitê de Coordenação foi empossado no dia 26 de maio pelo ministro da Ciência e Tecnologia, Bresser Pereira, em Brasília. O novo organismo administrará a aplicação de parcela dos royalties da produção nacional de petróleo e gás em programas de pesquisa científica e tecnológica voltados para o setor petrolífero.

Como a Lei dos Royalties é de agosto de 1997, e esteve em vigor em 1998, quando em novembro foi regulamentada, nenhum centavo pôde ser utilizado para pesquisa, e o FNDCT ficou com o Tesouro Nacional. Só com a nomeação do Comitê, que deverá lançar os editais de concorrência para financiar as pesquisas, as universidades e centros vão poder dispor desse dinheiro, que significa uma revolução nos mínguaos financiamentos do setor, cujos recursos próprios estão limitados a pagamento de pessoal.

Para a liberação dos recursos, terão ainda de ser vencidos trâmites políticos e burocráticos. Com este objetivo, já está em curso no âmbito da UFC a elaboração do estudo denominado “Estratégias para o Desenvolvimento Tecnológico da Região Nordeste Associada à Indústria do Petróleo”, que conta com financiamento de R\$ 70 mil do Banco do Nordeste. O trabalho é coordenado pelo PhD Célio Cavalcante Jr., coordenador do Departamento de Engenharia Química da UFC.

Como parte do estudo, já foram visitadas 24 universidades e cinco centros de pesquisas nas regiões Norte e Nordeste. Foram identificados 90 grupos de pesquisa, que produzem conhecimento tecnológico com aplicações no campo do petróleo e derivados, como prevê a Lei dos Royalties. Segundo Célio Cavalcante, o objetivo do estudo é oferecer ao MC&T perfis da pesquisa que está sendo realizada, para promover o casamento destes estudos com os interesses da indústria de petróleo.

Partiu do Escritório Técnico do Banco do Nordeste (Etene) a proposta de estender o estudo da UFC a toda região Nordeste, para identificar o potencial dos grupos de pesquisa que já atuam ou podem vir a atuar no campo que a Lei dos Royalties quer financiar. O mapeamento procura ainda identificar o que a indústria de petróleo precisa, para saber em que a universidade ou os centros de pesquisa podem atender, diminuindo a distância entre os dois segmentos.

Célio Cavalcante disse que quer gerar namoro entre a pesquisa e a indústria, para que dessa aproximação sejam gerados os projetos que vão captar os US\$ 30 milhões. “A Petrobras já está pagando os royalties todo mês para a Agência Nacional de Petróleo. Uma parte dos recursos vai para os estados e municípios, e outra para o Tesouro Nacional, na rubrica do FNDCT”, informa.

Com os resultados do estudo da UFC, o Banco do Nordeste quer se credenciar junto ao Ministério da Ciência e Tecnologia para ser o interlocutor financeiro na aplicação do FNDCT na região. O BN já opera e participa com 50% do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Industrial (Fundeci), em parceria com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), que entra com 50% dos US\$ 4 milhões disponíveis em 1998, para atender a todas as áreas

científicas na região.

O orçamento da UFC está comprometido com pagamento de pessoal, e nada sobra para financiar pesquisa. A pesquisa no Centro de Tecnologia da UFC é financiada por agências federais como a Finep, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e convênios com empresas, mas não atinge a US\$ 1 milhão por ano, informa Cavalcante. Para ele, a Lei dos Royalties “é uma oportunidade de ter recursos, que vão mudar definitivamente a cara das nossas universidades”.

Cavalcante diz que a velha queixa de que os pesquisadores não conseguem equipamentos para fazer bons projetos tem uma boa oportunidade de ser atendida com a Lei dos Royalties, que vai injetar recursos nas universidades e centros. Para ele, a UFC tem campo para aplicar só no setor de petróleo US\$ 3 milhões por ano.

Como áreas para aplicação das pesquisas no Ceará, o pesquisador cita a Fábrica de Lubrificantes (Lubnor), a refinaria de petróleo do grupo Tysson-Krupp, o pólo petroquímico, o gasoduto e a unidade de tancagem criogênica, no Pecém. O estudo visa ainda o aperfeiçoamento dos recursos humanos para aumentar a interação com o setor industrial, através da prestação de serviços, disse o pesquisador.

O diretor da Agência Nacional de Petróleo, Eloy Fernandez y Fernandez, disse num encontro para discutir a Lei dos Royalties na UFC que a ANP já fez a parte dela, porque o dinheiro já está no Ministério da Ciência e Tecnologia e agora a liberação “só depende de vocês”. Segundo Cavalcante, o estudo da UFC talvez consiga agitar o MC&T para a nomeação do Comitê que vai elaborar o regimento e definir o plano de investimento do FNDCT.

No Ceará, Célio Cavalcante informa que a bancada federal foi mobilizada diante da necessidade de agilizar no MC&T a nomeação do Comitê de Coordenação do FNDCT, assim como o presidente do Centro Industrial do Ceará, Lima Matos e o secretário da Ciência e Tecnologia, Ariosto Holanda. Os reitores do Nordeste também.

O mapeamento de toda a área tecnológica do petróleo e dos grupos de pesquisas no Nordeste foi concluído em abril. A urgência dada à mobilização política teve como objetivo fazer o MC&T andar, para que no meio do ano

sejam publicados os editais, a tempo de usar os recursos ainda este ano, US\$ 60 milhões.

O estudo fez a seleção prévia das seguintes áreas relacionadas ao setor petróleo: exploração de águas profundas, recuperação avançada de petróleo, refino/catálise, dutos, novas fronteiras exploratórias, aprimoramento de produtos, desenvolvimento de novos produtos de maior valor agregado, meio ambiente, engenharia de poços e gás natural. Com base nestas áreas, serão identificados os interlocutores do setor científico, industrial e de serviços técnicos do petróleo.

Segundo o estudo, “não existe na região uma estrutura técnico-científica expressiva destinada ao setor petróleo”. Como solução deste quadro, afirma que “a edição da Lei dos Royalties para o setor de tecnologia representa uma oportunidade que em curto prazo pode transformar radicalmente a história da região no segmento industrial e tecnológico do setor petróleo”.

O estudo fez na primeira fase a identificação preliminar das áreas essenciais do setor petróleo, com mapeamento das áreas de produção, indústrias, portos, universidades e centros de pesquisa. Na segunda fase, está sendo feita a identificação de cooperações potenciais e vantagens competitivas no setor. A terceira fase é de proposição das estratégias a serem adotadas pelos segmentos para a busca do desenvolvimento tecnológico, de modo a capitalizar as oportunidades da Lei dos Royalties.

Reflexão sobre a Evasão Escolar

*Nailée Monteiro de Macêdo.**

Muitos motivos levam a criança à evasão, à desistência. Entre eles podemos apontar o trabalho infantil, a desmotivação e a Avaliação. É este último que pretendo dar maior ênfase.

O trabalho infantil tem se constituído uma das chagas da sociedade contemporânea. Milhões de crianças são obrigadas desde cedo, a incorrer no processo mesquinho e desumano de exploração da mão-de-obra e o que é mais grave ainda, continuam alijadas do grande sonho de toda criança: freqüentar a ESCOLA e aprender a LER. Para essas crianças não existem direitos. Desconhecem a existência do Estatuto da Criança e do Adolescente, (que aliás só existe no papel). A prova aí está. A maioria delas são exploradas, espancadas, reprimidas... Esta é a realidade de muitas crianças brasileiras. Mas ainda assim, vivem na expectativa de melhores dias, de um futuro mais claro e promissor, embora não passe de um sonho mal interpretado. Por outro lado, observa-se um desestímulo total. As famílias, na mais das vezes, desestruturadas, analfabetas, não têm condições de ajudar e acompanhar o processo de ensino/ aprendizagem trabalhado na escola. Vivendo essa realidade, as crianças se sentem desestimuladas, não realizam as tarefas de casa, os pais não participam da vida da escola. Esta, por sua vez nem sempre vivencia momentos agradáveis, onde a alegria, o entusiasmo, os conteúdos significativos históricos, vinculados à realidade social do aluno, fazem parte do cotidiano escolar. Diante de tudo isso, freqüentar a escola, para a criança, torna-se uma obrigação, uma rotina, ao invés de se constituir em um espaço de prazer e satisfação.

Outra causa do alto índice de evasão está intrinsecamente ligada ao processo de avaliação que vem sendo desenvolvido pela escola.

A avaliação não tem contribuído para o crescimento do educando, ao contrário, tem sido fonte de castigos e punições pelos seus erros e por não atingirem os objetivos da escola e do professor. E aqui, cabe questionar: quais objetivos? Que filosofia norteia a escola? Que visão de homem e de sociedade é aqueles da escola!

Na prática docente, necessário se faz um redimensionamento do processo avaliativo. O educando não deve ser avaliado apenas mensalmente, através de PROVAS. Aliás, existem outros instrumentos como: ficha de acompanhamento, registro de avaliação, avaliação oral, participação do aluno nas atividades planejadas, enfim, o importante mesmo é fazer da avaliação um momento de parada, de reflexão dos fatos, dos acontecimentos, dos progressos de cada aluno.

Carlos Cipriano Luckesi faz uma abordagem interessante sobre o processo de avaliação escolar, através de fita-cassete em vídeo, o que recomendamos sua leitura àqueles engajados no processo educacional.

O índice de repetência é assustador todos os anos. Até que ponto somos nós, educadores, cúmplices dessa situação? Será que a causa maior da repetência está no educando? Quantas vezes fizemos nossa auto-avaliação ou avaliação da nossa prática? De uma forma ou de outra, quer-se dizer também que o índice de evasão poderá diminuir desde que se pense numa pedagogia voltada para o crescimento e desenvolvimento do ser humano.

** Nailée Monteiro de Macêdo.
Licenciada em Letras e Pedagogia.
Pós-graduada em Educação.*

Frustração Vingada

Miguel Costa Barros

O tempo já tinha engolido quatro anos da década de 60.

O inverno fora bom. Geraldo Amâncio abatecera, digo, abastecera os paióis de arroz e feijão. Das seis tarefas de milho tirara espigas somente para as pamonhas, canjicas e os pães. Um pão de milho zarolho passa a perna em qualquer pão de trigo. Sabor ímpar. E correndo uma mão de leite de coco, com café encostado, aí é que o pau quebra... No final de agosto, quebraria o milho e empaiolá-lo-ia para alternar a alimentação da família e engordar alguns capados. A porca mais velha estava amamentando uma manada de doze. Ninguém distinguia qual o mais nédio e bonito. Ao tempo da engorda, haja milho. Também seu chiqueiro de cabras não fazia vergonha. De dezembro a fevereiro, os cabritos desocuparam as barrigas das mães. Talvez passando dos cinquenta. Uma diversão, à tardinha, vê-los saltitar variadamente no terreiro que D. Eunice varria, mal o sol botava a cara de fora. Antes mesmo de preparar o quebra-jejum do marido e quatro filhos menores.

A vida de Geraldo e Eunice corria às maravilhas. Um amor de união matrimonial. Os camponeses todos da vizinhança prezavam demais o casal. A presença deste nos forrós familiares dificilmente falhava. E os dois dançavam divinamente: marcha, valsa, mazurca e xote. E no xote aberto atraíam as atenções.

Rosa raramente perdia um bate-coxa. Pé de ouro. Não lhe faltava parceiro dançarino. Na redondeza era a dama de quem os cavalheiros pediam mais bis. Além desse dom artístico do ritmo e da cadência, o diabinho era uma coisa!... Morena trigueira, olhos pretos e bem ativos. Cabeleira viçosa, tratada com espuma de casca de juazeiro. Boa altura. Pescoço longo, parecendo-se com uma novilha nelore. Seios sensualmente horizontais, nunca desleitados como os da sua irmã Eunice. Bonita pra chuchu. Bunda e quadris

Pa macho nenhum botar defeito. Mulher violão, encostando nos vinte e dois anos.

Na lua crescente de julho, o casal fora convidado para um forró. Era o aniversário de Marieta, esposa de João Carvalho. Na Fazenda Olho d'água, uma légua bem puxada...

Geraldo livrou os animais das selas e das bridas. Ficaram os cabrestos para impedir que as cavalgadas os deixassem a pé. Ao se juntar à sua mulher, encontrou-a conversando com a irmã, a dona da casa. Um aperto de mão e poucas palavras serviram de saudação aos cunhados.

E o forró já solto dentro da noite...

Perto da madrugada, Geraldo sentiu falta de Rosa na enorme sala. Foi até a cozinha, onde D. Eunice mourejava por botar em dia os assuntos, com a irmã e amigas. Aceitou um café oferecido pela dona da casa. Não viu a cunhada caçula nem comentou com a esposa. Agradeceu a Marieta, teceu elogios à festa e retirou-se. Deu um bacolejo ao redor do casarão. Neco de cunhada. Parou no terreiro. Alongou a vista em circuito. Nem parença. Chegou-se a ele uma conhecida de idas datas.

- Seu Geraldo procura quem?

- Rosa, irmã de Eunice.

- Vi, sim, siô. Faz marromeno uma mêa hora qu'ela tomou aquele camin. – E apontou com o indicador direito.

- Sozinha?

- Não siô. Ia cá pessoa qui ela tava dançano.

- Obrigado, D. Chiquinha.

- De nada, Seu Geraldo.

O marido de D. Eunice enveredou. A lua já tinha baixado lá por trás da mata de caatingueiras. Mas ainda se podiam vislumbrar as silhuetas de tudo, à boa distância. Quando ia fazendo a curva do caminho, sofreu um pequeno susto. Detrás da moita à sua esquerda, um cabra saiu correndo com as calças no ombro. Não o reconheceu, tamanha a rapidez da criatura. Uma voz feminina fez-se ouvir em demorada expressão, misto de pergunta e admiração:

- Ge...ral...do?!...
- Você, Rosa?!
- Cunhadinho, pelo amor de Deus, pela alma de sua mãe, não comente com ninguém. – Suplicava, enquanto recompunha a roupa.
- Volte pra sala, vá dançar. E mande dizer a meu sogro, por uma de suas companhias, que você vai lá pra casa. Eu ajeito a garupa do cavalo de Eunice. Vá na frente. Se ela perguntar por mim, diga que estou acertando com o compadre Venâncio a quebra do milho, na semana que vem. Não demoro.

Rosa alinhou os cabelos e foi. Meio sem jeito, ainda às vistas do cunhado. Apenas chegou ao terreiro, certo cavalheiro tirou-a para dançar o xote que o sanfoneiro começara, há bem pouco. O requebro dela superava o das outras vezes. Dir-se-ia estar recapitulando a página amorosa, vivida, fazia uma meia hora, com o fugitivo covarde. Terminada a parte, pediu ao companheiro que a esperasse um pouco. Precisava falar com sua irmã. Encontrou-a na cozinha, em companhia de outras senhoras:

- Com licença, minha gente! Eunice, vou com vocês. O pessoal com quem vim só quer voltar de manhã. Falando com Geraldo, soube que vocês vão antes das três horas.
- Que conversa é essa, Eunice?
- É, Marieta. Geraldo tem precisão de voltar bem antes de amanhecer o dia. Vai assinar os bichos. E você sabe que não presta com o sol quente, pior na parte da tarde.
- Assim, tá certo. Mas o meu gosto é que vocês ficassem até o fim de tudo.
- Isso inda vai acontecer, minha irmã, se Deus quiser...

Rosa voltou à sala do furdunço, e as mulheres prosseguiram nos assuntos. Vendo-a de volta, o filho mais velho de Seu Venâncio estendeu-lhe a mão para a mazurca solicitada ao tocador. Ela se desculpou, confessou lamentar muito, porém deixara alguém à sua espera. Que ele aguardasse a próxima parte. O rapaz aguardou e não se arrependeu. Adorou o remelexo da filha de Seu Luiz de Carlos. E os dois só desgrudaram quando D. Eunice bateu no ombro da irmã:

- Nós já vamos.
- Certo; a parte termina já, já.

Um beijo boca a boca, adicionado a uma prensa mútua, pôs termo àquilo tão gostoso. Rosa apressou-se ao terreiro. Já eram quase três horas da madrugada. Há um quarto de hora, Geraldo estava com os animais ajaezados. Despediram-se os três do casal anfitrião, que lamentou irem antes de a barra quebrar.

- A sua festa está boa demais, Marieta, mas a gente precisa voltar agora – explicou Geraldo Amâncio. Tratei com o compadre Raimundo Dantas para a assinatura da cabritama. E a ocupação dá bom resultado, se terminar cedo, não é, João?

- Tá certo. E carregar a mão na cinza da caatingueira. Sara ligeiro, e o ovo da mosca não prospera.

Abraçaram-se. Geraldo deu as mãos ao pé esquerdo de Rosa, que alcançou fácil a garupa da montaria da irmã.

- Adeus, minha gente! – Ainda falou Eunice.

- Adeus! Boa Viagem! Na lua de agosto, a gente vai por lá tomar um café – garantiu Marieta.

- Vão mesmo! – retrucou Eunice, dando rédea a Papilim, que não levou a mal o peso de Rosa no seu traseiro.

O céu sem nuvens deixava a luz tênue das estrelas chegar até os viandantes. Nenhum dos três tinha vista curta. As cavalgaduras enxergavam bem. E ambas eram baixas. Geraldo pagara bom preço a um mestre para treinar os animais de sela em duas marchas prediletas: trote e bralha.

Distanciados da casa da aniversariante – quase não ouviam mais os repiques do pandeiro – D. Eunice começou a tecer comentários à festa. Os cunhados ouviam, completavam e davam pareceres. Tudo foi comentado. Não, não... não deu tempo chegar ao conhecimento dela o desaparecimento provisório da irmã caçula, para viver aquele momento de prazer, só a dois, com o cabra da peste que abriu nos paus. E Geraldo já tinha decidido não badalar o caso. Iria dar um tempo...

Chegaram. Ninguém pensou em dormir até raiar o dia. As mulheres

foram pra cozinha cuidar em alguma coisa para os três forrozeiros restaurarem as energias perdidas, na noite. Geraldo, arrumar os animais e ordenhar cinco vacas.

Durante o quebra-jejum, D. Eunice pediu à irmã que passasse uns quinze dias com ela. Queria ajuda para terminar umas costuras. E Rosa aquiesceu. À tarde, o cunhado selou-lhe Papilim. Ela foi à casa dos pais buscar algumas roupas.

Três dias depois, vindo da roça para o almoço, Geraldo Amâncio deslumbrou-se com uma visão esplêndida e provocante. Tendo descido à beira do açude para um banho, viu Rosa. A cunhada já havia tirado toda a roupa. Qual ninfa sertaneja, imponentemente sensual, ia, aos poucos, tomando posse daquelas águas. O cunhado pasmou diante de tanta gostosura. Aquietou-se atrás de uma latada de mofumbo. Assistiu, até o fim, com todos os detalhes, à higienização da “moça”. Ao desaparecimento desta, na curva do caminho à casa da irmã, ele atravessou o açude e enveredou na mesma senda. Enquanto isso, a imaginação pôs-se a funcionar. Guardaria para sempre o segredo que a cunhada pediu. Em troca, deveria aceitá-lo como um dos participantes das suas aventuras de amor.

No dia seguinte, voltou para o almoço mais cedo. Atravessou logo o açude e escondeu-se num pereiro baixo e bastante frondoso. Meia hora mais ou menos decorrida, ouviu passos no xerém de pedras do caminho. Seu coração acelerou as batidas. Todo o seu ser ficou tomado de uma emoção bastante diferente. Rosa depôs em um lajedo a toalha, a roupa para trocar, o sabonete Alma de Flores e um vidro com água de casca de juazeiro. Em traje de Eva, ouviu seu nome:

- Rosa, vem cá.

Muito rápida, ela tomou a toalha e envolveu-se.

- Onde?

- Aqui no pereiro baixo.

Ela procurou, ao redor, com a vista protegida do excesso de claridade, àquela hora, e percebeu um braço acenando entre a folhagem do arbusto.

- Quem é?

- Geraldo, seu cunhado.

Pensou a banhista que ele estivesse passando mal. E jamais pôde imaginar que ele a desejasse. Por isso aproximou-se de toalha mesmo.

- Que há, Geraldo?

- Nunca vou abrir a boca com relação àquilo, na festa de Marieta.

Em compensação, nós vamos fazer amor. E agora, sem perder tempo.

Disse e puxou a toalha de supetão. Antes que ela corresse, já estava enlaçada pelos braços vigorosos do camponês. Beijou-a, mordiscou-a no pescoço, chupou-lhe os seios lindos, apalpou a volumosa bunda, passou a mão na flor-de-amor. E Rosa neco de concordar:

- Geraldo, não faça isso não. Sou sua cunhada. Nunca que vou trair minha irmã.

- Conversa, home! Você dá aos outros e não dá a mim?!...

Quando ela notou que ele tentava alcançar uma corda...

- Espere, Geraldo! Também não precisa disso tudo. Quer me fazer de animal? Tire sua roupa, que eu vou forrar o chão.

Solta, desabalou para o açude. Geraldo ficou acentuadamente aporrinhado. Tentou acalmar-se, quando se lembrou da hora do almoço. A mulher já deveria estar preocupada. Aproximou-se da beira do açude e falou para a cunhada ouvir:

- Acabou-se segredo da minha parte!

- Se abrir a boca, conto a Eunice o espetáculo que você fez comigo.

- Não demore para o almoço. Sua irmã já deve de estar preocupada.

Quando Geraldo chegou, a esposa indagou:

- Eita, homem de Deus! A fome não chegou por lá não?

- Chegou, Eunice. Mas foi o jeito, quando eu vinha, tapar dois buracos numa cerca da vazante de batata e jerimu. O bodama anda pastando lá por perto.

- Não viu Rosa por aí?

- Pra onde ela foi?

- Foi tomar banho.

- Levou alguma roupa pra lavar?

- Acho que não.
- Então já deve tá chegando.

A cobiçada não tardou.

- Eh! Minha irmã!... Já ia atrás. Talvez alguma cobra tivesse picado você. Vamos agir, que já estou me tremendo.

A fome, demais. Por isso a conversa era pouca.

Os dias iam-se sucedendo... Geraldo nada de desistir da idéia de possuir aquela potra gostosa, cuja presença mexia com todo o seu cabedal de sertanejo másculo. Ficar sem gozar daquela preciosidade? De jeito maneira. Guardava um segredo dela. Os outros comiam, e ele jejuava. Sofrera uma frustração da gota serena. E o diabo da vontade na cunhada até o fazia perder horas de sono. Mentalizou um plano. Ou satisfaria seu desejo, ou iria tudo pra caixa-prego...

Véspera de Rosa voltar para a casa dos pais. Cedo, Geraldo largou o serviço e amoitou-se no pereiro baixo, equipado conforme planejara. Perto da hora do almoço, o impreterível banho da cunhada. Ao defrontar-se do pereiro, uma voz:

- Rosa, quero você aqui. Ou me bota na lista dos seus machos, ou eu me mato.

- Geraldo, deixe de loucura! Nunca que vou trair minha irmã.

- Pum!...um!...um!...um!...

A passarada assombrou-se toda. Correu bicho pra tudo que foi lado.

Uma bala de lazarina-36, encravada no coração, deixou o corpo de Rosa inerte no caminho do açude...

Crato, 235 anos

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal do Crato, Vereador Florisval Coriolando, a quem saúdo os demais vereadores aqui presente.

Magnífica Reitora: Dr^a Violeta Arraes

Reverendíssimo: Senhor Pe. Francisco Edmilson – Representando a Diocese

Comandante: Erivano Macedo – da 5^a Companhia da Polícia Militar

Excelentíssima Senhora Doutora Maria Lucia Falcão

Digníssima Juiz Diretora do Fórum Hermes Paraíba

Tenente Coronel Araújo Andrade

Comandante do 2º BPM.

Secretários, Assessores e Funcionários Municipais

Madre Feitosa e Madre Esmeraldo

Srs. Secretários Municipais

1^a Dama Maildes de Siqueira

Coronel: Leonel Alencar

Corpo de Bombeiros

Demais autoridades Cívicas, Militares e Eclesiásticas

Minhas Senhoras, Distintos Senhores, Juventude de Minha Terra.

235 anos de luta, sucesso, paz, harmonia, liderança e sobretudo de berço de família, onde, especificamente, se encontram enraizadas as virtudes de uma sociedade que mesmo sendo pacífica e ordeira, é intelectualmente rica e comprometida única e exclusivamente com os nossos anseios, assim podemos definir em poucas palavras o que é o nosso querido CRATO;

Mesmo com toda determinação, a luta, o ímpeto de nossa gente e mais do que isto, a vontade imensa de fazer o Crato uma cidade cada vez

mais desenvolvida, nossa terra ainda se recente de vários projetos, além do industrial que começa a ser implantado, tais como, a Educação – olhando a Universidade Regional do Cariri – URCA; a saúde que desejamos e sonhamos inclusive com a preventiva; a agricultura sem estradas vicinais, em algumas localidades ainda sem eletrificação rural; o turismo tão divulgado; a falta inclusive de sistema de esgotamento sanitário, sem comércio forte, sem registrar aqueles que anos após anos se tem escrito e falado tanto da necessidade de se varrer do nosso meio a fome, o analfabetismo, o desemprego e a miséria, somente para ficar nos citados, que funcionam como bandeiras de muitos embates políticos, mas que são relegadas ao esquecimento no decorrer dos anos;

O evento que ora assistimos, tem um significado próprio, qual seja, o de comemorarmos os 235 anos de emancipação de nossa querida cidade de Crato.

Por isso trago à população do meu município, o CRATO, que hoje, está completando 235 anos de existência, a minha solidariedade aos amigos e ao querido povo desta tão simpática terra, que Deus me iluminou para que aqui nascesse, me criasse constrísse minha vida e daqui elevo minha voz para parabenizar o POVO CRATENSE, na pessoa do Excelentíssimo Senhor Prefeito Municipal Moacir Soares de Siqueira, quando o nosso município celebra mais um ano de lutas, queixas e alegrias, em fim procurando abrir caminhos para dias melhores do seu sofrido povo;

Senhor Prefeito, distintos Vereadores, autoridades aqui presentes, desejo trilhar o desempenho do mandado que a maioria do povo de minha terra me outorgou, voltada inteiramente para os elevados interesses de minha cidade e de minha gente, esperando uma cooperação firme dos meus conterrâneos no sentido de poder carrear para o CRATO e o Cariri, recursos e ações governamentais e privados, contribuindo assim para proporcionar melhores dias de vida aos que aqui residem;

Lembramos com gratidão eterna os que, demonstrando lealdade e bravura exemplares, souberam honrar o nome do nosso município, para que o espírito que nos emana continue vivo na autenticidade de nossas tradições mais arraigadas;

A responsabilidade de representar a nossa querida cidade de Crato no Parlamento Estadual é por demais grandiosa, além de cobrir um espaço que de há muito tempo ficou vago, temos a responsabilidade de nos igualar no intelecto e na luta como figuras públicas como que representaram a nossa cidade, entre os quais: o Eminentíssimo Senador e Ministro Wilson Gonçalves, Cel. Filemon Teles, Humberto Macário, Hermano Teles, Décio Cartaxo, Derval Peixoto, Heitor Muniz, Raimundo Coêlho Bezerra de Farias, sem deixar de mencionar entre outros o nome do meu ilustre amigo Prof. Kleber Calou.

Esta recordação nos sugere exprimir ao Senhor o nosso reconhecimento pela paz que nos oferece nestes 235 anos de existência;

Somos agradecidos a Deus por nos permitir atravessar épocas de tantos tormentos sem que a incompreensão e o ódio pudessem impedir a convivência tranqüila de governantes e governados;

Que, entre nós Cratenses, continuem lado a lado, homens de todas as raças e origens, nobremente empenhados na missão de engrandecer nossa querida cidade de CRATO;

Finalmente devo agradecer ao POVO DO CRATO a oportunidade que me foi oferecida para na condição de mulher, representar o povo desta tão querida cidade, por isto não podendo abraça-los todos, o faço lembrando o nome histórico da nossa heroína Bárbara de Alencar e tantos outros filhos e amigos do CRATO, que com sua inteligência e sabedoria, escreveram as paginas mais dignas da expressão autentica, do pensamento e do sofrimento de nossa gente.

Parabéns Crato, avante na busca de melhores dias e por uma sociedade mais digna e justa.

*Discurso proferido pela deputada estadual
Fabíola Alencar nas comemorações do dia do Município
(21 de junho de 1999) na Praça da Sé.*

Você sabe o que é Palíndromo?

Rômulo Marinho

Se você não sabe o que é palíndromo, tem duas alternativas de imediato: ir ao dicionário procurar a palavra ou ler este texto até o final. De qualquer forma, não se encabule se, por acaso, desconhecer o termo.

Afinal, a maioria esmagadora das pessoas a quem fiz essa indagação, dos mais variados níveis intelectuais e sociais, também ignorava esse vocábulo e seu significado. Apenas uma, em cada cem pessoas, se tanto, ousou dizer, soube responder.

Mas se, ao contrário, você sabe a resposta, ainda assim sugiro que prossiga na leitura, pois farei, a seguir, revelações interessantes sobre o tema.

Vejamos, primeiramente, o que é palíndromo.

Trata-se de uma curiosidade literária cuja criação é atribuída ao poeta grego Sótades, que viveu no III século a.C., e que consiste em produzir uma frase que permanece igual quando se lê no sentido contrário. É conhecida, também, como anacíclico ou verso palíndromo.

Não sei se você é uma daquelas pessoas que, pelo menos de vez em quando, por mera curiosidade, costuma reparar que certas palavras, lidas ao contrário, dizem a mesma coisa, tal como, por exemplo, rever ou anilina.

Pois bem, são vocábulos assim, com essa característica, e números, como por exemplo 1001, além da espécie de frase mencionada, que chamamos palíndromo. Os exemplos citados são os naturais, isto é, existem sem que alguém os tenha construído com esse intuito; nasceram quando as palavras foram inventadas.

Mas o objeto promordial deste artigo são os palíndromos artificiais, isto é, as frases elaboradas com esse propósito.

Importante enfatizar, inicialmente, para melhor compreensão do assunto, que nessa raridade lingüística, espaço entre palavras, acentos, cedilhas e sinais gráficos de um modo geral, na leitura ao contrário poderão mudar de

posição conforme exigência do texto. Na mesma hipótese, letras isoladas poderão ser incorporadas a palavras e estas podem ser divididas em dois ou mais vocábulos e/ ou letras.

Eles existem em todos os idiomas.

Em português, considero ROMA ME TEM AMOR o mais antigo, uma vez que é o único que consta no primeiro dicionário da língua portuguesa, produzido no Brasil, primeira edição de 1789 (Antônio Morais da Silva 1757/ 1824). O mais conhecido, porém, seria SOCORRAM-ME, SUBI NO ÔNIBUS EM MARROCOS.

O mais extenso da nossa língua, pelo menos entre os que já vieram a público, é de minha autoria: O GAL. LENO ROCA, À PORTA DA CIDADE, A PORTADOR RELATA FATAL ERRO DA TROPA E DÁ DICA DA TROPA A CORONEL LAGO.

Considero a elaboração de palíndromos uma das mais agradáveis distrações intelectuais.

O exercício habitual dessa curiosidade literária teve sua fase áurea durante a idade média. Inspirados vates, como o francês Apolinaire e o inglês Camden, criaram alguns que transmitem belíssimas mensagens poéticas.

Agora que você já sabe a resposta à minha indagação, faça como eu, quando li pela primeira vez a palavra, e duvide das definições dicionarizadas, que dizem se tratar de “frase ou palavra que, ou se leia da esquerda para a direita, ou da direita para esquerda, tem o mesmo sentido” (Aurélio).

Ora, a palavra ou frase palindrômicas, quando lidas em sentido contrário, não têm apenas o mesmo sentido. É mais que isso. São idênticas. Assim, a definição correta me parece ser: palavra, frase ou número que, lidos da esquerda para direita ou vice-versa, são literalmente iguais.

Os mais conhecidos em todo mundo são os criados em latim, não obstante essa raridade lingüística tenha sido inventada por um poeta grego.

Está entre os latinos, aliás, o mais antigo que se tem notícia, com aproximadamente 2.000 anos, envolto em mistério e misticismo, composto com cinco enigmáticas palavras da nossa língua mãe: SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS, cujo significado, se é que, realmente, tem algum,

ainda hoje é muito discutido.

Essas cinco palavras, em algumas regiões do interior do Brasil, são tidas e havidas como milagrosas, capazes de sarar diversos males. As pessoas costumam escrevê-las numa folha de papel, costurá-la num pedaço de pano e, assim, preparado o bentinho, pendurá-lo no pescoço do enfermo. Dizem que para curar picada de cobra, sarampo, catapora, etc. É tiro e queda.

Esse remotíssimo anacélico latino possui uma característica muito peculiar: dispostas as palavras em linhas, pode ser lido da esquerda para a direita, vice-versa, de cima para baixo e de baixo para cima, que terá sempre a mesma leitura. Assim, além de palíndromo, é um acróstico perfeito. Vejamos:

SATOR
AREPO
TENET
OPERA
ROTAS

Essa espécie denomina-se quadrado mágico.

Todas as suas traduções, e são muitas, realizadas por intelectuais brasileiros e estrangeiros, suscitaram, e ainda suscitam, intermináveis polêmicas. Eis duas delas: Arepo, o semeador, segura as rodas durante o trabalho". "Sator, o pastor, tem suas obras encaminhadas".

Segundo o grande filólogo e folclorista brasileiro João Ribeiro, entretanto, as palavras que compõem esse palíndromo, à exceção do TENET, não querem dizer absolutamente nada. São intraduzíveis. Para o mestre patricio, a frase seria, apenas, uma espécie de jogo onomástico criado a partir dos nomes dos Três Reis Magos. Daí, creio eu, a credence popular que se eternizou em torno do mesmo.

Justamente por causa dos mistérios que cercam esse anacélico, há alguns anos me interessei pelo assunto. Desse momento à criação dos meus foi só uma questão de tempo. Já estava atacado pelo vírus palindrômico. O primeiro nasceu bem sucinto: A BASE DO TETO DESABA. A partir deste, os demais foram surgindo aos borbotões. Entre os que criei, segundo os leitores,

os mais interessantes seriam os seguintes:

- A base do teto desaba.
- A droga do dote é todo da gorda.
- Laço bacana para panaca boçal.
- Seco de raiva, coloco no colo caviar e doces.
- O teu drama é amar dueto.
- O terrível é ele vir reto.
- E até o Papa poeta é.
- Tucano na Cut.
- Reter e rever para prever e reter.
- Ele pode, por acaso, sacar o pé do Pelé?
- Em roda, tropa, após a sopa, à porta dorme.
- Oto come doce seco de mocotó.

Vejamos, agora, algumas curiosidades que detectei sobre o assunto.

A mais extensa palavra palindrômica da nossa língua é o superlativo intensivo de omisso, **OMISSÍSSIMO**, com onze letras. A mais longa de todos os idiomas é a finlandesa **SAIPPUAKIVIKAUPPIAS**, com doze letras, que quer dizer vendedor de soda cáustica.

O verbo da língua portuguesa que contém maior quantidade de tempos palindrômicos é somar: **SOMAMOS**, **SOMÁVAMOS**, **SOMÁRAMOS** e **SOMEMOS**...

As palavras soco e sopapo, além de serem sinônimas, quando no plural, se transformam em palíndromos.

A palavra radar (formada de quatro termos da língua inglesa: radio detecting and ranging), por ser homógrafa, pelos menos, em sete idiomas (inglês, português, francês, espanhol, alemão, italiano e polonês) é palindrômica em todos eles.

Há, também, um palíndromo natural que constitui grave ofensa pessoal, certamente criado pelo vulgo sem perceber que estava construindo uma curiosidade literária: **É A MÃE!**

IN GIRUM IMUS NOCTE ET CONSUMIMUR IGNI é o anacélico que considero o mais lírico, entre todos que li, em cerca de dez

idiomas. Foi escrito na idade média. Seu autor é o poeta francês Appolinaire, que se inspirou nas mariposas a voar em torno de sua lanterna. Tradução: giramos à noite e somos consumidas pelo fogo.

O mais politicamente correto, para usar expressões em voga, de autor ignorado, foi criado em inglês: CIGAR? TOSS IT IN A CAN, IT IS SO TRAGIC. Assim se traduz: charuto? Jogue-o no lixo, é muito trágico.

O mais objetivo, como sói acontecer com as produções germânicas, é escrito em alemão: EIN ESEL LESE NIE. Tradução: um burro não lê.

No meu livro revelo inúmeras outras curiosidades sobre o tema, inclusive um telegrama e um poemeto palindrômicos.

Agora que você já sabe o que é palíndromo, tente criar o seu; mas não desista se, eventualmente, nas primeiras tentativas, não conseguir êxito. Verá que é uma desafiadora porém agradável distração intelectual.

Padre Vieira

José Emerson Monteiro Lacerda

Neste dia 14 de junho de 1999, há exatos 80 anos, nascia neste município de Várzea Alegre, no sítio Lagoa de Órfãos, atual Cristo Rei, no distrito de Calabaça, ao sopé da Serra dos Cavalos, um filho ilustre da terra cearense, Antônio Batista Vieira, o nosso padre Vieira, filho de Vicente Vieira da Costa e Senhorinha Batista de Freitas.

Inteligência flamejante, além de exercer o sacerdócio católico, Vieira destacou-se em diferentes áreas e ofícios como filósofo, poeta, jornalista, professor, orador sacro, jurista, escritor, parlamentar e ecologista.

Iniciou os seus estudos em escolas da zona rural, vindo a cursar o Seminário São José, em Crato, e o Seminário da Prainha, em Fortaleza, efetivando as graduações de Teologia e Filosofia, ordenando-se em 27 de setembro de 1942. No seminário cratense ministrou as disciplinas de latim, grego e italiano, tendo ensinado também na Universidade do Rio de Janeiro e em vários municípios do Ceará nos quais desempenhou suas funções sacerdotais, dentre outros Crato, Icó e Iguatu.

Sua participação política, na fase histórica do regime militar instaurado com o golpe de 1964, levou-o, com esmagadora margem de sufrágios, ao Congresso Nacional para um mandato de deputado, quando exercitou sua fibra sertaneja nas mais diversas ocasiões, de verbo eloqüente e denunciador em prol da verdade, da liberdade, da democracia, dos direitos do homem, da legalidade e da justiça social, marcando sobremaneira o período histórico em que ponteeu a preencher grave lacuna da liderança popular neste país. Tal desempenho abalou as estruturas dominantes, vindo daí ser incluído no rol dos cassados, porquanto não conseguiu amornar o seu empenho no cumprimento do dever que o povo, nas urnas, legitimara.

Em resposta a esse gesto espúrio do totalitarismo vigente, ele retornou

aos bancos escolares, vendo-se aprovado em primeiro lugar no vestibular de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bacharelando-se com louvor.

Querido pelos nordestinos dada à sua espirituosa personalidade, de verve humorística a florada, sabe conquistar e preservar os admiradores que faz nas diversas categorias da sociedade. Ensaísta e cronista dotado de rara maestria no trato com a palavra, padre Vieira já publicou muitos livros, a saber: 100 Cortes sem Recortes, 1963; O Jumento, Nosso Irmão, 1964; O Verbo Amar e suas Complicações, 1965; Sertão Brabo, 1968; Mensagem de Fé para quem não tem Fé, 1981; Penso, logo Desisto, 1982; Pai Nosso, 1983; Bom dia, Irmão Leitor, 1984; Por que fui Cassado, 1985; A Gramática do Absurdo, 1985; A Igreja, o Estado e a Questão Social, 1986; A Família (Evolução histórica, sociológica e antropológica), 1987; Senhor, Aumentai a Minha Fé, 1988; Filosofia, Política e Problemas Jurídicos, 1988; Eu e os Outros, 1988; Roteiro Lírico e Místico sobre Juazeiro do Norte, 1988; e Eu sou a Mãe do Belo Amor, 1988.

No que tange ao seu apostolado cristão, numa das paróquias que ocupou, a de São Francisco, em Crato, dedicou ao padroeiro templo dos mais belos, no bairro Pinto Madeira, edificação primorosa que enriquece a arquitetura citadina.

Outra facete marcante de seu caráter: o amor extremado pelas coisas da Natureza, sobretudo pela preservação da principal alimária do sertão, o jumento, que adotou como objeto da imensa cruzada conservacionista de reconhecimento mundial, qual, a bem dizer, motivo maior de sua existência, incorporando-o às atividades diuturnas, denunciador das injustiças que sofre a espécie desse prosaico bicho.

Na internet, na página da EMBRAPA, acha-se registrado que: “A defesa do jumento pelo padre Vieira começou em 1954, quando ele denunciou a matança de mil jumentos por mês, em Fortaleza e outras capitais, para a produção de vacina anti-rábica. Dez anos depois, o padre publicou o livro O Jumento, Nosso Irmão, de 308 páginas, que desencadeou uma série de iniciativas como a JECANA, corrida de jumentos de Petrolina PE e o Clube Mundial dos Jumentos, fundado em 1966, na cidade cearense de Iguatu, e

destinado a criar um clima de simpatia e amizade pelo jumento.

“Em nome do clube, o padre Vieira costuma distribuir amistosos diplomas de sócio a autoridades, jornalistas e outras pessoas. Segundo Vieira, o jumento está ameaçado de extinção, tanto que sua população caiu de 17 milhões para 2 milhões entre 1969 e 1981, por culpa de abate indiscriminado em frigoríficos que exportam sua carne”.

Minha aproximação com o padre Vieira se deve ao respeito que lhe tenho pela coragem de aplicar seus conhecimentos e demonstrar solidariedade aos menos favorecidos, caso do jumento, esse aliado incondicional de pobres e ricos do Nordeste, e tão pouco reconhecido. Além disso, eu e o padre convivemos nas hostes literárias, sendo ele o prefaciador de um dos meus dois livros, e eu, leitor de suas produções, as quais refuto de conteúdo rico e elaboração valiosa.

Dentre os sonhos dessa criatura exemplar, existe um em fase de plena maturação e em vias de ser consubstanciado, qual seja: estabelecer em seu torrão natal o Memorial do Jumento, onde haverá museu, biblioteca, hospital, banco de sêmen e atividades culturais, isto a totalizar amplo esforço em favor de causa nobre e justa para a Humanidade, projeto abraçado pelos seus concidadãos.

Ao emérito aniversariante, falando nesta hora pela Universidade Regional do Cariri, em nome de sua Reitora, prof^a. Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, desejo, de coração, que realize este projeto que perenizará, num sítio geográfico, pitoresco, atração certa para muitos visitantes de outros lugares, a legenda de quem, graças ao esforço individual, materializou em tantas realizações o ideal da sua profícua existência. Destarte, parabéns, padre Vieira!

Coronel Belém do Crato

*José Cláudio de Oliveira,
do Instituto do Ceará*

O Dr. Raimundo de Oliveira Borges – na juventude dos seus 91 anos – ex-diretor da Faculdade de Direito do Crato. Presidente do Instituto Cultural do Cariri, escritor, jornalista e, sobretudo advogado ofereceu-nos o seu último livro “O Coronel Belém do Crato”, em defesa daquele ilustre homem público, intendente da bela “capital do sul cearense”, 3º vice-presidente do Estado do Ceará, homem de lutas e convicções, injustamente crucificado pelos seus fervorosos adversários. Este livro vem esclarecer e enriquecer a História do Cariri e a História do Ceará, como um todo.

O coronel Belém de Figueiredo, da Guarda Municipal, nasceu a 31 de janeiro de 1853, na fazenda “Exu”, Município de Milagres. Agricultor de reconhecida capacidade de trabalho, aos 32 anos mudou-se para o Crato, constituindo a firma Belém & Irmão, com um desempenho dos maiores no comércio do ubérrimo Vale do Cariri. O Crato, com dona Bárbara de Alencar e seus filhos, o padre José Martiniano de Alencar – senador e duas vezes Presidente da Província, pai do romancista do mesmo nome – e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, também Presidente da Província, foi palco das epopéias de 1817 e 1824. Hoje, sede de vitoriosa universidade, plantada pelo gênio criador do mestre Antônio Martins Filho, reitor magnífico e perpétuo, esta cidade tem a dirigi-la, com muita proficiência, o jovem médico Raimundo Bezerra, ex-deputado estadual e ex-deputado federal.

O novo livro do Dr. Raimundo Borges, editado pelo Dr. Maurício Xerez, verdadeiro Mecenas a amparar e prestigiar os escritores cearenses, é de agradável leitura e enriquece as bibliotecas, pelos depoimentos que elucidam um período de turbulência nos governos Acioli e Pedro Borges. Nesta oportunidade, devemos dizer aos jovens de atuação no Fórum de Fortaleza que o Dr. Raimundo Borges, nascido na data histórica de 2 de julho

(independência da Bahia) no ano de 1907, foi o orador de sua turma em 1937 da Faculdade de Direito no Ceará, tendo como colegas, Flávio Marcílio, Cláudio Martins e José do Nascimento, dentre outros luminares da Ciência do Direito entre nós. Agradecendo a sua gentil dedicatória, mandamos um caloroso abraço aos companheiros do notável Instituto Cultural do Cariri e ao dínamo Lindemberg de Aquino. Desde J. Figueiredo Filho, temos simpatia por este sodalício, do qual nos fez “sócio correspondente”.

(Tribuna do Ceará, 18.08.98)

Dom Vicente de Paulo Araújo Matos In Memoriam

Quando Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, por motivo de saúde, renunciou ao munus episcopal, o Crato prestou-lhe merecida homenagem. Fizeram-se ouvir, na solenidade da despedida, diversos oradores, entre eles, proferi eu a seguinte ligeira oração:

“Sinceramente, é com o mais profundo pesar, que dirijo estas poucas palavras a Vossa Excelência Revma., por motivo de sua renuncia ao Bispado do Crato.

Sabemos todos nós cratenses, que o estimamos e admiramos, das circunstâncias imperiosas que ditaram a sua resolução.

E só por isto nos conformamos, embora contristados, com a descontinuidade de uma salutar convivência de tantos anos.

A Diocese, o Crato, a comunidade como um todo guardarão, no entanto, pelas gerações em fora, a sua imperecível memória, como fazem com os inesquecíveis Bispos que o antecederam e que tanto engrandeceram esta terra.

As obras, as realizações, os benefícios inúmeros aqui levados a efeito por Vossa Excelência ficam aí atestando sua operosidade e o seu amor à cidade em que deixa gravada, idelevelmente, o seu nome. Para não falar, propriamente, no zelo apostólico com que soube conduzir o rebanho que lhe foi confiado pela Santa Madre Igreja.

De mim, sirvo-me do ensejo para expressar-lhe o meu reconhecimento e a minha gratidão pelas provas de amizade e de confiança com que, por mais de uma vez me distinguiu, já nomeando-me Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, que obedecia à sua esclarecida orientação, já quando no exercício da Presidência do Instituto de Ensino Superior do Cariri, que V. Excia. dirigia com a maior dedicação e o mais invulgar dinamismo, me distinguiu com a Vice-Presidência.

Os meus votos, bem como os do Instituto Cultural do Cariri, que ora presido, são para que o Altíssimo restabeleça a sua preciosa saúde, conservando-o ainda por muitos anos no seio amigo dos seus familiares e na consideração do reconhecido povo cratense”.

Infelizmente, para nós, Deus o levou para a sua gloriosa Mansão, em que, de certo, como bom Pastor que foi, continua a zelar pelas suas ovelhas, saudosas com o seu lamentável desaparecimento.

Raimundo de Oliveira Borges

Posse na Presidência do Conselho de Reitores das Universidades Cearenses

Violeta Arraes Gervaiseau

Como Reitora da Universidade Regional do Cariri (servidora pública que, portanto, sou), é com humildade, senso de responsabilidade e espírito de cooperação que assumo os encargos de coordenação do Conselho de Reitores das Universidades Cearenses. E o momento exige que, sob essa atitude, o façamos.

É que as Instituições de Ensino Superior, como as demais da vida social, estão passando por uma aguda e produtiva crise existencial, em meio a um clima geral de ruptura de paradigmas. Aqui como em todo o Planeta, elas não mais se contêm, como no passado, protegidas por fossos medievais. Ao contrário, são impelidas, para que sobrevivam, a arrear suas pontes levadiças e cair em campo a buscar espaços crescentes de trabalho compartilhado. É sob esse signo que pretendo pautar minha passagem por este Conselho, que outra razão não teria senão a de cimentar e articular ações.

Mudança é a característica fundamental dos tempos presentes. Vivemos, com efeito, tempos de profundas, contínuas e aceleradas mudanças. Muito além das mais ostensivas transformações de natureza política ou geopolítica, que, em grande parte, hoje varre a face da Terra – mudanças têm havido em todos os domínios e condições da atividade humana, nas últimas décadas. E, na raiz de todas elas, epicentro e base, de todo esse processo, figura, como parâmetro maior desse quadro, o conhecimento.

Nesse cenário, alarga-se o espectro do conhecimento, tal como antes convencionalmente o entendíamos. Efeito dessa nova visão, tornam-se cada

vez mais exigentes os padrões da formação, dos perfis e das trajetórias profissionais. É cada vez mais clara a consciência de que o desenvolvimento e a qualidade de vida, em uma nação, mais do que nunca, agora dependem de seu nível cultural e científico e, por força disso, de sua educação superior, de suas universidades, que devem ser transmissoras não apenas de conhecimento mas de valores também.

Em nossos dias e em todo o mundo, existe o consenso de que a educação superior é importante vetor no processo de desenvolvimento tanto econômico como social. É ela, com efeito, responsável pela formação dos quadros da vida econômica e social. É dela que saem as cabeças de onde brotarão as grandes decisões na cena política e organizacional. Dela, emanam professores, educadores e cientistas. Nela, forjam-se as principais matrizes profissionais. Nela, preparam-se as lideranças, o pensamento, os ideários, a pauta da vida enfim.

No Ceará, a educação superior é de vital importância para o processo de desenvolvimento, sobretudo no atual e decisivo estágio, que atravessamos. Em realidade, superado parece estar o primeiro momento: - de saneamento básico de nossa "cultura política". Experimentamos, agora, um segundo momento, com ousados passos de criação das indispensáveis obras infra-estruturais. Sabemos, no entanto, que tudo isso só alcança eficácia e sentido se, pela educação, investimos no homem. É pela educação que tornamos o homem personagem e desaguadouro de todas essas ações.

Iniciamos já esse terceiro momento. E marcas desse esforço estão por toda parte: na intensificação da matrícula das crianças em idade escolar, no ensino fundamental; na ampliação da oferta de ensino médio; na preocupação com os excluídos, com programas especiais de educação dos adultos e jovens; no articular de políticas para a educação profissional. Nesse quadro, aguçá-se como desafio maior e crescente, a educação superior, onde o desconforto nos acompanha, quando nossa situação se compara com a de outros países e mesmo de outras regiões do Brasil.

Nos países desenvolvidos, a juventude senta-nos nos bancos universitários num percentual na casa dos 80%, como na Europa e nos Estados Unidos. Em países pobres como a Bolívia num percentual de 35%. No Brasil,

nos tacanhos 14% e, no Ceará, num índice de 7,8%. Isso, sem se falar nas demais faixas etárias, todas hoje, num fluxo permanente de capacitação a bater, de início e de volta, às portas das instituições de educação superior.

Não há que se negar. A educação superior cearense tem de acertar seu passo com o desenvolvimento do Ceará. E isso em duas principais direções. De um lado, atendendo à palavra-de-ordem da Conferência Mundial sobre Ensino Superior, promovida pela UNESCO, de abertura crescente dos espaços de universalização gradativa do acesso ao ensino superior; de outro, ajustando os seus programas (de ensino, de pesquisa e de extensão) ao projeto de desenvolvimento de nosso Estado.

Esses, os parâmetros fundamentais para o pacto em torno dos quais se configure o Sistema Compartilhado de Educação Superior do Estado, a agregar os naipes institucionais todos, em suas diferentes cores: as públicas e as particulares, todas vistas como “bens sociais”, irmanadas pelo interesse público, em sua conotação societária e coletiva.

Esse Sistema Compartilhado de Educação do Estado vem firmando crescentes passos em sua configuração e tem, no CRUC, o seu próprio sinal. O CRUC, na verdade, criou-se como a expressão desse sistema em construção. E assim vem tentando ser, em gradativas abordagens, desde quando teve o então Reitor Antônio Albuquerque de Sousa Filho (da UFC), até a gestão do Prof. José Teodoro Soares (da UVA), passando pelo trabalho do Reitor Antônio Colaço Martins (da UNIFOR) e do Prof. Paulo Petrola (da UECE).

Hoje, podemos dizer que, no Estado, há condições para que esse sistema assuma configuração mais ousada e, dentro dele, que o CRUC tome dimensão mais larga: 1º) transpondo os ainda limitados limites de um “conselho de reitores” para assumir conotações mais institucionais e coletivas; 2º) abrindo-se ao convívio do universo do sistema e não apenas às universidades; 3º) procurando o diálogo constante com as instituições sociais, estatais e governamentais.

Nessa dimensão, encontrará em cena dois outros importantes atores: de um lado, os conselhos de educação, responsáveis pela política e o acompanhamento da vida acadêmica (o Estadual e o Nacional, em constitucional e legal regime de colaboração); de outro, a coordenação, que

no âmbito do Governo Estadual, exercida pelo Vice-Governador Beni Veras, ora se concebe e se estrutura para uma ação planejada na área da capacitação da população cearense. É a oportunidade, pois, para que as instituições de educação superior, ao tempo em que participam das instâncias estratégicas de nossa sociedade e governo, encontrem rumos, por outro lado, para que possam dar pauta e sentido a seus programas.

Há, em realidade, muito chão por andarmos. E, nessa caminhada, por diferentes que sejam as instituições a compor o Sistema de Educação Superior Cearense, um lema não pode deixar de nos servir como referência. Refiro-me à missão que universidades do mundo inteiro pactuaram em encontro promovido pela UNESCO, em outubro de 1998: “servir à pessoa humana e à sociedade”.

Olhos nesse horizonte, um mandamento primeiro nos aponta a estrada: a da universalização gradativa do acesso dos cearenses à educação superior, em condições de igualdade para todos, de acordo com o mérito e a capacidade de cada um. Mas que o “mérito” e a “capacidade” de cada um, não se tornem biombos por trás dos quais se oculte a perversa “lógica da exclusão”. No acesso à educação superior, surgem desigualdades de toda ordem e de origem geográfica, econômica e social. No Nordeste, no Estado e no Interior, tal afirmação soa eloquentemente.

Para a construção de um país mais democrático e mais justo, é imperativo que rompamos com esse quadro, em nome da “lógica da inclusão”. E, em nome dela, é preciso que se ensaiem formas de maior equanimidade para o acesso à educação superior, que os convencionais “exames vestibulares”. Tais formas não de se converter em pontes e passareles para que as ilhas geográficas, econômicas e sociais desapareçam.

Nesse esforço, haveremos que equipar as instituições das novas tecnologias e dos recursos áudio-visuais e de educação à distância, que aí estão nos colando à disposição novos paradigmas de espaço, de tempo e de interação, num democrático processo de ampliação do acesso aos programas de ensino.

Parece oportuno que, em nosso trabalho, exorcizemos a solidão, em todos os entidos. A educação não pode ser ilha. Nem tomada como um

processo “fim em si mesma”, sem configurar-se como ferramenta de capacitação humana e social. Nem ainda como um processo esquisofrenizado em fases estanques (infantil, fundamental, superior etc). É importante que a enxerguemos como uma “cadeia única”, que vai da educação inicial à educação permanente. Sob essa perspectiva, a educação superior não há de se ver como um estágio em separado de todo o processo educacional. Ao invés, deve não apenas a este integrar-se como definir sua responsabilidade no pensar e no acompanhar de todo o processo, estabelecendo suas responsabilidades com a educação básica.

Penso que, no plano simbólico, estamos aqui a fazer história. Hoje, a educação cearense, em tom constituinte, pactua-se como um compartilhado sistema. Celebra-se um contrato social. Elegem-se caminhos. Assumem-se responsabilidades. Talvez as estradas ainda não se apresentem bem nítidas. Mas o caminho (já se disse) faz-se ao caminhar. O importante é que, com os olhos fitos no horizonte, todos nos demos as mãos. A URCA, por meu intermédio, estende as suas. À obra, portanto, que a população cearense aí está à espera!

Três Comentários

Armando Lopes Rafael ()*

Crato pobre em monumentos

Em 1967, e lá se vão 32 anos, o intelectual Levi Eptácio, orador oficial do sesquicentenário da Revolução de 1817 reclamava: O Crato era uma cidade pobre em monumentos. De lá para cá nada mudou! Aliás, piorou. Pois o monumento comemorativo à proclamação do dogma da Assunção de Nossa Senhora (em boa hora erguido por Monsenhor Rubens Lóssio, na Praça da Sé) foi destruído na última reforma do logradouro. Numa cidade com foros de cultura como o Crato só a revista A Província reclamou... São poucas as cidades com a tradição e história da antiga Vila Real do Crato tão indigentes em monumentos públicos. E dos poucos existentes alguns merecem maior cuidado. Como o obelisco do centenário, localizado na praça Juarez Távora, encoberto por duas mal localizadas mangueiras que já devem ter comprometido o alicerce do monumento. Louve-se a iniciativa da atual administração municipal em mandar erguer um busto a Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, terceiro bispo da diocese do Crato. Bem que a Prefeitura, com ajuda das forças vivas da comunidade poderiam reparar a mais gritante das injustiças: o esquecimento a que foi relegado Frei Carlos Maria de Ferrara, fundador do Crato. Um monumento poderia ser erguido na Praça da Sé. E embora não conheçamos a fisionomia do santo frade, pelo menos uma cruz, ou algo estilizado, para lembrar o Frei Carlos, e a sua epopéia, ao fundar a Missão do Miranda que deu lugar a atual cidade do Crato...

Rua Imperatriz Leopoldina

Os vereadores Ailton Esmeraldo e Edna Almino, atendendo a pedido

do Círculo Monárquico do Cariri apresentaram projeto de lei denominando de Imperatriz Leopoldina uma rua do Crato. No dia da apresentação o projeto não foi aprovado pois os vereadores cratenses desconheciam a vida da Imperatriz. Felizmente tiveram o bom senso de convocar uma pessoa para fazer palestra sobre a nossa grande imperatriz. Após isso, o projeto só não foi aprovado por unanimidade porque o vereador Amadeu de Freitas, do PT se absteve. Não é culpa dos vereadores. Por deficiência do nosso ensino pouca gente hoje conhece a história do Brasil.

Quando crianças aprendemos nos livros escolares que o verde estampado na nossa bandeira representa nossas matas. Já o amarelo significa nosso ouro. Pura balela! Na verdade a bela bandeira brasileira foi criada em 1822, pelo pintor Debret, sob inspiração do Imperador Dom Pedro I. Naquela ocasião ficou definido que as cores do Brasil seriam o verde (a cor da Casa de Bragança, de Dom Pedro I) e o amarelo (cor da Casa de Habsburgo da Imperatriz Leopoldina). Após o golpe militar de 15 de novembro de 1889, que implantou a república, as novas autoridades preservaram a Bandeira, já querida pelo povo, e que tinha tremulado vitoriosamente nas batalhas da Guerra do Paraguai. Apenas substituíram o belo escudo com as armas do Império, por uma esfera azul e as palavras Ordem e Progresso, ranço positivista dos militares golpistas. Menos mal.

Outra curiosidade: após a proclamação da república os golpistas decidiram mudar o nosso hino nacional, àquela época conhecida como Marcha Imperial. Divulgaram um concurso e o novo hino escolhido foi apresentado em noite de gala, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Presente estava o presidente “provisório”, Marechal Deodoro da Fonseca. Após a exibição da peça musical (na verdade muito bonita, autoria de Leopoldo Miguez), o velho marechal, àquela altura já decepcionado com seus companheiros do novo regime, deu o veredicto: “Prefiro o velho!”.

Foi quando ficou preservado para o futuro o nosso belo Hino Nacional, cujos acordes iniciais (“Ouviram do Ipiranga às margens plácidas”) mexe com nossa sensibilidade cada vez que o ouvimos...

O rei Fidelis de Sigmaringa

Ouvindo umas histórias cabeludas, sobre o comportamento de alguns advogados que atuam no Crato, lembrei-me de São Fidelis de Sigmaringa. Para quem não sabe este santo é co-padroeiro da nossa Catedral. Sim, pois quando Frei Carlos Maria de Ferrana erigiu, em 1740, a capelinha, dando origem à cidade do Crato, dedicou esse templo à Virgem da Penha, à Santíssima Trindade e São Fidelis de Sigmaringa. Sábio esse Frei Carlos! Quem sabe o santo frade, ao escolher o então Beato Fidelis de Sigmaringa como co-patrono do humilde templo teve uma premonição de que um dia a Missão do Brejo do Miranda teria uma Faculdade de Direito, a lançar, todos os anos, dezenas de advogados na praça. Ou previu a ingratidão dos cratenses no final do milênio. Até hoje Frei Carlos nunca recebeu uma homenagem da ingrata cidade que fundou. Sequer é nome de rua. Talvez, lá do céu, ficasse satisfeito em ser patrono de uma ruazinha, ainda que insignificante! Nem precisava ser do elegante bairro Granjeiro. Lá mesmo do “Rabo da Gata” (que deu nome de um chapeado a uma das ruas) pois faria companhia ao Imperador Dom Pedro I, patrono de outra ruazinha do conjunto Mutirão, ou Cafundó, como é mais conhecido. Mas voltemos a São Fidelis de Sigmaringa.

O co-patrono do Crato é outro esquecido da Terra de Bárbara de Alencar! Na Catedral nada existe que lembre a presença desse frade, filho espiritual de São Francisco de Assis, patrono da Congregação da Propaganda Fidei. Modelo de leigo e advogado católico, de religioso e mártir. Marcos Rey (esse o nome de batismo de Frei Fidelis) é descrito como “de elevada estatura, bela presença, semblante sério e sereno, respeitado pelos professores e admirado pelos discípulos que, por sua ciência e virtude cognominaram-no de o “Filósofo Cristão”. A conduta do advogado Marcos Rey devia servir de exemplo para os advogados de hoje! O futuro Frei Fidelis preferia as causas dos pobres, às dos ricos, para poder defendê-los gratuitamente. Em suas defesas, jamais utilizou recurso algum que pudesse tisonar a honra da parte contrária. Ao ser repreendido por um colega que disse ser o Dr. Marcos Rey um tolo, este respondeu: “Sempre cri que todo gasto inútil e os devidos à incompetência e descuido do advogado, são outras tantas dívidas que este contrai com seu

defendido. E nem o tempo nem a experiência far-me-ão mudar de opinião. À nobreza de nossa profissão corresponde proteger o inocente, defender a viúva e o órfão oprimidos ou despojados pela violência ou pela astúcia. Nosso labor não é de mercenários. Devemos ter por glória o fazer respeitar as leis. Quem pense o contrário será indigno de exercer tão nobre profissão"... Um "otário" para os padrões de hoje! A exemplo do Padre Ibiapina, Frei Fidelis de Sigmaringa decepcionou-se com a advocacia, fez-se religioso e foi santificado em 1746. Este o grande e esquecido co-padroeiro do Crato.

() Historiador*

Fundação Pró-Memória de Barbalha Resgata Ponto Turístico!

A recém-criada Fundação Pró-Memória de Barbalha, encarnada pelo inteligente e irrequieto advogado barbalhense, Dr. Josafá Magalhães, em hercúleo esforço, acaba de resgatar o antigo e abandonado Ponto Histórico de Barbalha, “Fuzilados do Alto do Leitão”, cujas cruces alí foram fincadas pelo povo em 5 de janeiro de 1928!

Naquele ermo local foram sumariamente fuzilados pela Polícia do sargento José Antônio, nada menos de 5 pessoas: Marcelino, último remanescente do famigerado “Grupo dos Cangaceiros Marcelinos”, conhecido por “Lua Branca”, Manoel Toalha, Pedro Miranda, Joaquim Gomes e João Gomes, irmãos. Aquele ponto histórico de Barbalha vivia no mais completo abandono, com suas cruces já carcomidas pelo cupim e destruídas parcialmente pelo tempo. Agora, a Fundação Pró-Memória de Barbalha vem de restaurar as cruces, cercar a área de 10 ms² doadas pelo proprietário, Sr. Dantas, cobrir tudo com telha colonial, urbanizar o local e deixá-lo devidamente pronto para visita dos interessados pelo turismo histórico.

Alí está o mais evidente marco do arbítrio policial e coronelesco da década de 30 no Cariri! Sua restauração se impunha, pois.

Vale a pena visitá-lo!

Barbalha, 20.06.99.

Napoleão Tavares Neves.

Convite

O MOVIMENTO PRO-MEMÓRIA DE BARBALHA convida você e sua família a participarem, dia 20, Domingo, às 16 horas, da abertura à visitação pública da cruz dos Fuzilados do Leitão no sítio Santa Rosa.

Programa

Santa Missa e Bênção das Cruzes
Prece dos Penitentes
Canto de Incelências

Barbalha, 16 de junho de 1999

P.S. Haverá sinalização indicativa do local.

Monumento “Fuzilados do Leitão”!



a fria madrugada do dia 5 de Janeiro de 1928, o cangaceiro “LUA BRANCA” e mais quatro companheiros de infortúnio, foram retirados da cadeia pública de Barbalha, vetusta construção do Imperador Dom Pedro II, de 1877, sem ordem judicial e a pretexto de serem recambiados para Fortaleza e em seguida, sumariamente fuzilados no sítio “ALTO DO LEITÃO”, à margem da chamada “estrada da feira” Crato-Barbalha.

Este lutuoso acontecimento guarda todas as características de “queima de arquivo humano”, envolvendo em um mesmo caldo de cultura, “coronelismo”, polícia e cangaceiro.

Ao restaurar as abandonadas covas mortuárias dos chamados “FUZILADOS DO LEITÃO”, a Fundação Pró-Memória de Barbalha quer apenas resgatar um sangrento episódio da História do Cariri, como marco imperecível do arbítrio então vigente, ficando a advertência: Fuzilados, nunca mais!

Portanto, longe da Fundação Pró Memória o sentimento de cultuar o cangaceirismo, porque apenas um objetivo a impulsiona neste momento: resgatar um ponto histórico da evolução sociológica do Cariri, 71 anos após a sua consumação.

E viva o respeito à dignidade humana para sempre!

Barbalha, 20 de Junho de 1999

Fundação Pró Memória de Barbalha.

Lygia Ayres de Alencar, legenda educacional que desaparece.

A professora Ana Lygia de Alencar foi das maiores educadoras do Cariri em todos os tempos!

Filha do competente rábula e ex-prefeito de Jardim, Luiz Ayres de Alencar, concluiu o Curso Normal em 1930, no Colégio das Dorotéias, de Fortaleza. Chegando em Jardim com a cabeça cheia de sonhos, não encontrou escola para lecionar. Em face disto, lutou denodadamente e fundou com outras mestras as famosas “Escolas Reunidas de Jardim”, esquina da Rua Padre Miguel Coelho com Octaviano Alves Feitosa. Alí ela conseguiu realizar-se como exímia educadora, com notável folha de serviços a Jardim e regiões limítrofes, inclusive de Pernambuco.

Inteligente, virtuosa, mestra por excelência, Dona Lygia, como era conhecida, dedicou toda a sua vida à instrução da juventude da sua terra! Foi entrega total e sem limites porque, sendo inupta, não teve filhos e fez dos seus numerosos alunos os seus filhos espirituais.

Excelente poetisa, fez quase todos os hinos das instituições de Jardim, sem falar nas dramatizações e variados poemas para declamação dos seus alunos que sempre tiveram nela uma mestra, uma amiga, uma defensora e uma mãe! Lygia Ayres de Alencar nunca teve namorados e fez da instrução a inspiração maior e única da sua vida. Oradora, sempre representou Jardim nas solenidades cívicas da sua terra, sempre com belos discursos.

Recentemente, fiquei emocionado quando, ao visitar a “Feira de Ciências e Artes”, do Colégio Adauto Bezerra, de Jardim, deparei-me com uma barra em homenagem à educadora Lygia Ayres de Alencar, numa prova insofismável de que Jardim não a esquecerá jamais na generosidade da sua juventude que estuda. Naquela justa homenagem verifiquei que havia alí a planta simbólica das “Escolas Reunidas” por ela fundadas e que teve início

com apenas um banco e oito cadeiras!

Até este pequeno detalhe a juventude de Jardim guardou do seu vigoroso exemplo de educadora vocacionada, voltada para o BEM e para DEUS!

Espiritualista ao extremo, idealista como ninguém, Lygia Ayres de Alencar deixou marcas que Jardim jamais poderá esquecer.

Fecunda poetisa, sua família reuniu no livro "Gotas de Orvalho" o melhor da sua inspiração, brindando as gerações futuras com a beleza do seu pensamento poético no melhor estilo clássico.

Mansa, prudente, justa, tais qualidades ajudaram-na a viver cerca de 95 anos de uma vida dedicada ao próximo, à religião e a instrução da juventude da sua amada terra, Jardim, onde sempre viveu e a quem deu o melhor das suas energias e da sua fecunda vida de mestra.

Por tudo isto, é que afirmo alto e bom som: a educadora Ana Lygia Ayres de Alencar foi uma verdadeira lenda educacional de Jardim, desde 1930 até 1990, polos extremos da sua vida semeando auroras nos espíritos!
SALVE SOL!

Barbalha, 6.6.99.

Napoleão Tavares Neves.

Um pouco de História

Raimundo de Oliveira Borges

Em 1956 estive no Rio, em comissão com o Dr. Hildegardo Belém e Nerolf Sampaio, como emissários do Cariri junto ao então Presidente da República Juscelino Kubitschek com o objetivo de obter dele o aceleramento da eletrificação desta região pela energia de Paulo Afonso.

Contávamos com o apoio integral da bancada do Ceará, nas duas casas legislativas, para o bom êxito da missão que nos confiaram as prefeituras do Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

Mas, lamentavelmente, a omissão só não foi total porque tivemos ao nosso lado o então deputado federal cearense Colombo de Souza, graças ao qual, unicamente, conseguimos a almejada entrevista com o Presidente no Catê. Os demais representantes deste Estado primaram pelo alheamento da finalidade da nossa presença ali.

Certo dia, fiz uma visita de cordialidade ao nosso ilustre conterrâneo publicista Raimundo de Monte Arrais, um dos cearenses cujo valor sempre tive na maior conta e consideração.

A nossa conversa, a certa altura, inclinou-se para o terreno da política do Norte e sobre a falta de apoio que nós, os integrantes da comissão, estávamos sentindo por parte dos nossos deputados. Arrais observou, incisivo: “Enquanto as bancadas de todos os Estados do Norte não se reunirem em defesa dos interesses comuns da região, frente às poderosas forças políticas do Sul, permaneceremos de mãos estendidas, mendigando favores do governo.”

Lendo, recentemente, “Presença na Política”, da consagrada obra de Gilberto Amado, deparei-me com este trecho de uma carta a ele escrita por Artur Bernardes, quando o sergipano foi preterido na representação de seu

pequeno Estado – Sergipe.

“Tive conhecimento do seu sacrifício na composição da chapa federal em seu Estado. Não é possível ocultar-lhe a penosa impressão causada a meu espírito por essa resolução dos políticos de sua terra, excluindo de sua representação quem a abrilhanta por seu talento e a eleva por sua cultura. Aliás, meu caro Gilberto, é essa instabilidade política do Norte que tanto prejudica na União aquela região considerável em grandeza e importância. A seu grande espírito não terá escapado, por certo, a observação. Filho do Norte, pleno de vida, dotado de energias e de valor, cumpra-lhe pugnar, quanto lhe caiba e possa, para dar maior estabilidade ali, sobretudo à política. Só assim aquela parte do nosso amado Brasil conseguirá imprimir nítido relevo e melhor expressão à política nas relações com a Federação. Os cenários políticos dos Estados do Norte se mudam com tanta rapidez que inspiram pouca confiança ao espírito conservador do resto do país.”

Ainda hoje, como ontem, o panorama é o mesmo de Bahia para cá. As investidas contra os interesses do Norte são as mais desconcertantes. Haja vista a mais recente, da presidência da República, contra a Sudene e contra o DNOCS.

Foi, certamente, por isto, por esta falta de confiança a que se referiu Bernardes na sua carta, que ele, na presidência da República, praticou aquele gesto impatriótico suspendendo a construção de Orós, iniciada por Epitácio Pessoa, injustiça felizmente reparada anos depois por outro mineiro, o grande Juscelino Kubitschek de saudosa memória.

A exortação de Bernardes a Gilberto Amado não teria sido remorso, ou uma espécie de complexo de culpa pelo retardamento que com o seu irrefletido ato causou à construção do grande reservatório na terra das sêcas?

Atendendo sobre esta passagem da nossa história, verifica-se à evidência que os nossos representantes continuam cada vez mais indiferentes às suas precípuas obrigações para com o povo, e que, mais hoje, mais amanhã, terão, já tarde, a consciência corroida pelo irreparável complexo de culpa, diante das dificuldades cada dia maiores em que se debate este pobre Nordeste.

A “Princesa do Cariri”

Raimundo de Oliveira Borges

Muita gente, alheia às lições da história, pode pensar que o título de “Princesa do Cariri” dado ao Crato, é manifestação de bairrismo, ou gratuita pretensão de seus filhos.

Nada disto.

O cratense ama a sua cidade, adora-a, mas nunca a enaltece sem motivo justo.

Vem de longe ese batismo heráldico, essa gratificante designação, conferida não por filhos da terra, mas por pessoas a ela estranhas, encantadas, ao visitá-la, com suas majestáticas belezas.

Já em 1909, há, portanto, quase um século, quando aqui estive em desobriga pastoral, o Bispo de Tales, D. Manuel, Coadjutor da Diocese do Ceará, assim se expressou no Termo de Visita:

“Térmo da visita pastoral de D. Manuel Antônio de Oliveira Lopes à paróquia do Crato. Nesse documento, diz Irineu Pinheiro, dá o Sr. Bispo suas impressões sobre a matriz cratense, o Colégio S. José que funcionava no prédio do Seminário, a Casa de Caridade, etc. Encerrou a descrição de sua estada no Crato com as seguintes palavras: “Não terminaremos este Nosso ato episcopal sem consignar aqui os nomes dos sacerdotes que concorreram com dedicação para o bom êxito da visita pastoral, e com seus afetos para o Nosso bem estar nesta paróquia. São eles. Além do Revmo. Vigário e seu digno – coadjutor Revmo. Padre Juvenal Colares Maia, e dos Nossos incansáveis companheiros de viagem e missão, os revmos. Pes. Antônio Tabosa Braga, Frei Marcelino de Milão e José Alves Quinderé, os seguintes: padres Francisco Silvano de Sousa, Augusto Barbosa, Teixeira de Abreu, Raimundo Bezerra, Monsenhor Miceno, Vicente Bezerra, Horácio Teixeira,

Luiz Furtado Maranhão, João Casimiro, Monsenhor Monteiro, Joaquim Soter, Pedro Esmeraldo, Emílio Cabral e Joaquim F. de Melo. A todos a mais sincera expressão de Nossa gratidão paternal. Povo do Crato, grande povo para quem o futuro se desenha glorioso, crede na solene afirmação que aqui deixamos: Sentimo-nos feliz no meio de vós. As pompas esquisitas das manifestações que nos fizestes, os custosos aprestos da família cratense por ocasião de Nossa visita a esta cidade insígne, GENTIL PRINCESA DA PARTE SUL DO CEARÁ, (o versal é nosso), a galhardia com que esta donairosa cidade nos abriu suas portas, o caudal de afetos com que grandes e humildes nos beijaram pressurosos o sagrado anel, a fidalguia com que fomos tratados nos curtos dias que aqui demoramos, esse infinito de delicadezas cujo segredo só possui um grande povo, já o dissemos mas nos desvanecemos em repetí-lo, tudo derramou infinita consolação em Nosso espírito trabalhado por longo lidar de três meses, tudo revigorou Nosso corpo combalido ao peso da soalheira do verão, ao desabrigado dos caminhos dos sertões adustos cearenses. Enchemos o coração o dilúvio de vossos mais lídimos afetos, mas, recipiente misterioso que é o coração agradecido de Pai e Pastor, pode ele ainda conter-vos, assim vos levamos no seu mais delicado escrínio. Seja este Nosso agradecimento, tão sincero quanto solene, extensivo a todas as classes da sociedade cratense, à exma. Comissão de recepção que tão solícita se mostrou para Conosco, advinhando-nos os menores reclamos do corpo e do espírito, ao digníssimo sacerdote Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, alma de todo esse movimento de imponência rara, à eminente magistratura cratense, à conspícua edilidade, à agricultura e ao comércio, aos artistas e operários, às casas de educação e escolas públicas e particulares, às associações pias e religiosas. Ao Crato, clero e povo, os Nossos mais santos desejos de saúde, paz e felicidade em Nosso Senhor Jesus Cristo. E como penhor de Nosso afeto e gratidão, a todos damos, com efusão de alma, a Nossa Bênção Pastoral em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Crato, 3 de Setembro de 1909. Manuel, Bispo de Tales, coajutor da Diocese.” (In IRINEU PINHEIRO, Efemérides do Cariri, pág. 179).

Também outro estranho ao Crato, o escritor Raimundo Araújo, em

trabalho sobre a escritora Cândida Galeno, que estudou em Crato, assim batizou esta cidade:

“Viera do interior, onde o pai, Dr. Antônio Galeno da Costa e Silva, foi Juiz de Direito, infância e adolescência passou-as naquelas paragens. Aprendeu as primeiras letras e as secundárias na florescente cidade do Crato, A FLOR DO CARIRI. (o destaque é nosso). (In Livros e Autores do Ceará, 1977, página 92).

O Conto Oral Popular é Literatura?

(Um estudo à luz de textos de Leyla Perrone - Moisés)

Flávio Morais *

Seria o texto oral popular, o conto, a lenda, a história nascida do povo, anônima e amplamente divulgada tanto em sentido vertical (no tempo), quanto horizontal (no espaço), legítima literatura? Por ser esta uma questão polêmica e que desperta opiniões controvertidas é que resolvemos abordá-la neste pequeno ensaio, colhendo conclusões a partir de idéias estampadas em textos de uma renomada teórica nacional, Leyla Perrone-Moisés, textos esses publicados na obra "Flores da Escrivantina", pela editora Cia. das Letras, São Paulo, em 1990.

A literatura, enquanto reconstrução do mundo pela linguagem, procura compensar as falhas do mundo real (Perrone-Moisés, Op. Cit., p.104). Procura artisticamente protestar contra as limitações, os erros, as imperfeições deste mundo real, dizendo ora as coisas como são, incompletas, ora como deveriam ser, perfeitas. É uma constatação de que o real está longe de ser satisfatório.

É certo, porém, que nada pode ser plenamente satisfatório, por estar o homem em eterna contradição. O real não pode ser perfeito se as concepções dos que o observam possuem um mínimo de diferenças entre si; e os homens são diferentes entre si. Assim, a literatura, numa certa concepção, tentará transformar o mundo imperfeito numa realidade completa, de um modo positivo ou negativo, mas, ao fazê-lo, criará um mundo também imperfeito para opiniões outras, e isto se repetirá num ciclo sem fim.

A imaginação é a fonte donde se extrai a nova concepção e, quando posta para o mundo, esta nova concepção é absorvida, podendo, por sua vez, ser transformada de acordo com o ideal do agente receptor e reindividualizante. O autor cria; o leitor ou ouvinte assimila a criação, mas pode não concordar com o que ela representa e, assim, reindividualiza-a, recriando-a conforme os seus padrões próprios.

Ora, se a literatura é a criação e recriação artística, pela linguagem, de uma realidade paralela ao real, o conto popular transmitido oralmente é literatura, pois é disso que trata ao apresentar suas formas e maneiras fantásticas de tentar solucionar os problemas do mundo real.

Por outro lado, constata-se que a literatura em geral é intertextual e antropófaga. Assim também se comporta a literatura popular, em especial aquela transmitida pela tradição oral. Vejamos como isso acontece:

Pela teoria da intertextualidade de Kristeva, “todo texto se constrói como um mosaico de citações”, sendo “absorção e transformação de textos” anteriores (Kristeva, apud Perrone-Moisés, op. Cit., p. 94). Leyla Perrone-Moisés, por sua vez, concebeu o antropofagismo pregado por Oswald de Andrade como sendo:

“antes de tudo, o anseio do outro, a receptividade do alheio, desembocado na devoração e na absorção da alteridade,(...) o ato de assumir alegremente a escolha e a transformação do velho em novo, do alheio em próprio (...), por reconhecer que a originalidade nunca é mais que uma questão de arranjo novo.” (Perrone-Moisés, Op. Cit., p. 95).

Se bem observado, veremos que assim se comporta a nossa literatura folclórica, por ser fruto de uma dinâmica, de uma constante recriação. Também nela as fontes deixam de interessar por si mesmas para se tornarem meros pontos de referência numa comparação ontem-hoje, onde se procura distinguir as fases dessa dinâmica, onde interessam tão-somente os porquês dessas mudanças, na captação das influências consecutivas observadas no processo

evolutivo do texto.

Se todo texto se constrói “como um mosaico de citações”, o texto popular também é assim estruturado, pois nasce basicamente de “ditos” da sabedoria anônima, das observações do dia-a-dia, que se aglomeram para compor um conjunto onde a simplicidade de expressão é a tônica principal, mas onde a riqueza das formas e a profundidade dos conteúdos são também marcantes.

Este conjunto a que nos referimos não é, portanto, original, senão no tocante ao seu novo formato. Ou seja, o texto literário folclórico é uma forma nova de dizer o que é tratado cotidianamente pelo povo. É uma forma atraente de expor uma realidade verossímil ou fantástica, paralela ao real, mais completa, e que teria um objetivo definido em relação a este real: a sua reforma para a perfeição.

O texto literário popular é também um ícone de um determinado complexo social, na medida em que o retrata perfeito ou imperfeito. É intrincado, em sua expressão simplória; é detalhista, em seu conjunto claro; é rico, em sua fácil compreensão. Possui ele inúmeras variantes, que são adaptações de um mesmo conteúdo, oriundas de cada nova forma pessoal de repasse em complexos sociais diferentes. Nisto se manifesta o “desejo do outro”, a “receptividade do alheio”, para torná-lo próprio, dando-se uma nova roupagem às velhas figuras, fazendo-as, assim, partes de um novo conjunto que já teve, por sua vez, variadas formas anteriores. “Narrar uma história é reinventá-la. Duas pessoas nunca contam o mesmo fato da mesma forma (...) isso cria a possibilidade de mil e uma histórias (...) e muitas vezes se estará criando, na história, algo que faltava no real”. (Perrone-Moisés, Op. Cit. P. 105).

Assim, podemos já retirar do que foi dito duas conclusões bastante fundamentadas. A primeira é que, o conto popular, mesmo quando apenas gravado nas mentes das pessoas e repassado através da tradição oral, é literatura legítima, uma vez que trata da criação artística de uma realidade paralela ao

real, tentando sanar as falhas do mundo real; momento em que cria em si falhas próprias que desencadeiam o processo de repasse da tradição, quando, insatisfeito com o conjunto textual que recebeu, um contador de histórias sente a necessidade de aperfeiçoá-lo e de reapresentá-lo à sua maneira.

A segunda conclusão é que, por ser dinâmica, englobando processos de absorção, transformação, variação e adaptação, a literatura oral popular é essencialmente intertextual, nos sentidos propagados pelas teorias de Bakhtin e de seu sucessor Júlio Kristeva, e antropófaga, no sentido dado pelo manifesto de Oswald de Andrade.

São, portanto, ambas as literaturas, a formal em prosa e verso e a oral popular, iguais em vários sentidos. Num, porém, reside a diferença fundamental: o modo de transmissão, sendo aí ampla a vantagem da popular, que alia aos conteúdos fantásticos o calor humano da transmissão direta, possibilitando que cada ouvinte seja também agente de repasse e, em consequência, de recriação, de antropofagia e intertextualidade.

(*) **FLÁVIO MORAIS**

(o autor é licenciado em letras, bacharel em direito e possui especialização em literatura brasileira. Publicou os livros "Milagres do Cariri", em 1989, "Histórias que ouvi contar", em 1993 e "Histórias de Exemplo e de Assombração", em 1997).

A Profissão Ingrata do Revisor

A pessoa que se ocupa na revisão de provas tipográficas chama-se revisor, pois como a palavra mesmo diz, ele pratica o ato de rever, analisar, fazer nova leitura.

O revisor, muitas vezes é um incompreendido, até desprestigiado, e parece que realmente o é. Quase sempre, tudo quanto é erro que aparece na imprensa, seja em jornal, revista ou outro qualquer impresso, o revisor é culpado ou seja, a quem se fazem recair todos os desacertos encontrados.

Entretanto, na maioria das vezes, essa culpa não lhe cabe, pois a sua tarefa foi bem executada. Especialmente, é dirigido esse trabalho no que se refere a serviços gerais de tipografia, excluindo-se as matérias de jornais diários que exigem revisão rápida e concisa, às vezes de árdua execução, pela pressa de circulação.

Acontece, (não é sempre) numa prova lida e relida, o tipógrafo faça a emenda sem o devido cuidado, por vexame ou outro qualquer motivo de pressa, colocando ou suprimindo a letra ou palavra no local errado, então surge a enorme responsabilidade do revisor.

Pela ética da composição, todo trabalho a ser impresso deve ser datilografado (ou em letra de forma, bem legível), rejeitando-se o original manuscrito ou rabiscado. Isso raramente acontece nas oficinas gráficas, ficando o linotipista ou outro oficial da arte, por vezes impossibilitado de compor a matéria com a perfeição exigida.

A condição do revisor é bastante desconsiderada, e o número de revisores competentes apresenta-se em nível nada satisfatório, a ponto de só serem notados quando do aparecimento de erros.

Por um descuido qualquer, aparecem muitas vezes os costumeiros “gatos”, “pastéis” e excentricidades, quer lingüísticos ou gráficos na matéria impressa.

O linotipista ou compositor manual (ainda hoje existe) trabalha atendendo tão somente aos originais; quanto ao impressor, nenhuma culpa lhe cabe se saiu impressa, por exemplo, a palavra **jeito** com **j** ou **g**.

A obra gráfica deve apresentar aspecto cuidadoso, que exerça sobre o leitor o interesse pela leitura, sem erros gramaticais e senões tipográficos, tão vezeiros, por falta de um tratamento mais aprofundado na revisão.

Em verdade, o revisor deve ter amplo domínio da língua portuguesa e, por que não de outros idiomas? Não que deva possuir elevado nível cultural (seria admissível), mas sim, também conhecimentos do meio tipográfico, muito poder de concentração e acima de tudo, prática. Essa observação serve igualmente a autores por demais exigentes.

Não possuindo esses predicados, lendo o texto apenas superficialmente, talvez seja um mau revisor, sem entender perfeitamente a função que exerce.

Com certeza, o “injustiçado” e bom revisor tem evitado a violação constante das normas de bem escrever, eliminando comumente aberrações textuais, verdadeiros absurdos cometidos contra o idioma pátrio.

Chama-se a isso, “a ingratidão” de determinados autores que não dão muita importância ao trabalho do revisor, porque eles não admitem que um simples obreiro de tipografia corrija o que escreveram, talvez por julgarem ser o mesmo, analfabeto.

Mas há, aqueles dotados de conhecimentos e de cultura, que prestigiam o revisor, aceitando o seu pensamento, pela experiência e bom senso.

Muitas gráficas preferem transmitir aos autores, os cuidados de revisão de seus trabalhos, procedimento nada recomendável, porque as empresas tipográficas devem ter revisores responsáveis de muita vocação para a difícil tarefa. Não implica porém, que seja atendida essa exigência, pois os autores responderão pela releitura e se aperceberão da técnica e ordem aplicadas pelo revisor, perfeito conhecedor dos sinais de revisão, prática essencial para correção de todo e qualquer trabalho a seu cargo.

As observações a respeito de revisão são bem extensas, incluindo diversos tipos no sentido de aprimorar as espécies, como revisão acompanhada,

revisão de texto, revisão cotejada, de página, técnica, etc. Igualmente deve-se levar em consideração várias particularidades como o emprego correto de brasileirismos, siglas, abreviaturas – atributos que o revisor deve ter completo domínio, aliados à imparcialidade, que o identifica como um revisor competente, além do sigilo que deve manter, pautando seu trabalho com autêntica visão de profissional habilidoso, tudo isso unido à prática, que é o mais importante para o desempenho de suas atividades.

Resumindo, o principal é que o revisor deve seguir o original, não tentando alterar as idéias ou estilo do autor. Contudo, não há que hesitar, corrigindo o que eventualmente está errado, utilizando-se de seus conhecimentos técnicos, e surgindo dúvidas, expô-las ao autor para elucidação.

Em síntese, o revisor tem sobre si, o destaque de perfeita noção do conhecimento do panorama literário nacional e estrangeiro, daí ser colaborador talentoso e também polêmico, dependendo da análise de cada um.

Amarílio Carvalho
Crato, 05-10-99

Passeio

Jurandy Temóteo

INTRODUÇÃO

Com este trabalho iremos analisar o conto “PASSEIO”, de Fernando Sabino, do seu livro “*A Companheira de Viagem*”, p. 165/175, Editora do Autor, Rio, 1965.

Tomaremos como pressuposto teórico os elementos que estruturam o conto, do Prof. Dr. Massaud Moisés:

1. ENREDO
2. PERSONAGENS
3. TEMPO
4. ESPAÇO
5. FOCO NARRATIVO
6. LINGUAGEM

1. O ENREDO

Conto moderno, de raízes realistas e de cunho psicológico. Fragmento de vida, aparentemente de pouca importância, oculta porém um drama maior: um papai angustiado que busca, quase em desespero, a confiança e o amor da filha, numa compensação ao fracasso do seu casamento, “*naquela atmosfera de ansiedade que procedera a separação*”, após dez anos de convivência.

2. PERSONAGENS

Em *“PASSEIO”* as personagens não tem nomes próprios. Congnominaadas de “papai”, “a menina”, “uma mocinha”, “mamãe”, “a filha”, “a mulher”, “homem tímido”, “garçom”, “mocinha”, “filhinha”, “vovó”, “minha filha”.

Todos este denotativos parecem indicar muitas pessoas; são apenas cinco: “papai”, “a menina”, “mamãe”, “o garçom” e a “vovó”. Somente “papai” e “a menina” dialogam; as outras personagens são apenas citadas.

“MAMÃE”

Todavia, mesmo ausente nos diálogos, a (ex) esposa tem presença marcante no conto.

Com diferentes alcunhas; - “mamãe”, “a mãe”, “ela”, “a mulher”- em menos de dez páginas deste texto, vem citada trinta vezes.

Sua presença está também no comportamento e na obediência da criança, no desajuste e no desejo de regresso ao lar, pelo pai.

O conto nos dá a impressão de uma mulher segura e que assumiu também a educação da criança.

Por suas características de oposição ao (ex) esposo, “mamãe, como personagem, pode ser classificada como *“antagonista”*.

Não devemos, todavia, determiná-la como “vilã” pois não estão esclarecidos, no conto, o que gerou (ou está gerando) a separação do casal.

A criança continua sendo o referencial entre “papai” e “mamãe”.

“PAPAI”

“Papai” é *“um homem tímido, meio curvado sentindo-se velho”*, desajustado, sem jeito para falar com a criança, inquieto, quase em desespero pela separação, após dez anos de casado, com medo de perder a filha.

“Era preciso falar – e falar com jeito, sem escandalizar a menina, assustá-la para a vida.”

A busca de diálogo é reticente, insegura, penosa:

- Você está uma mocinha – tentou, desajeitadamente, e não soube continuar.

Deslocado de casa, viajando, escondendo o seu novo endereço da “filhinha”, guarda, contudo, uns restos de amor pela (ex) esposa.

As indagações e a naturalidade da “mocinha”, de apenas oito anos, torna-o mais confuso, deixando-se no prólogo do conto – “conduzir pela mão (da garota) como um cego”.

Mesmo numa posição de líder, como pai da menina e “chefe de família”, como costumamos chamar, aqui no Nordeste, “papai”, pelas suas indecisões e descontrole emocional, é um anti-herói, vítima de suas próprias adversidades.

“A MENINA”

“A menina”, de oito anos, que se diz deprimida (imitando a mãe) “*olhos vagos, distraídos, inconstantes – os olhos da mãe* – “é o foco emocional no conflito entre o casal. É a personagem mais forte; a melhor definida no conto. Consegue compreender bem a situação e encara tudo com naturalidade; não complica.

A mãe é o seu referencial:

- *Você quer tomar sorvete?*
- *“Mamãe disse que está muito frio”.*

E quando o pai insiste para lhe dar bombons:

- *“Mamãe falou que eu não posso comer bombom senão eu não janto”.*

Mas, quando “papai” achava que a “mamãe” estava exagerando, “oprimindo a menina”, “pensou, sem perceber que violentava as regras intransigentes de educação da filha que ele próprio firmara e que a mulher agora não fazia senão obedecer, oprimindo a menina”.

Aquela criaturinha frágil, que de longe, na sorveteria, o “papai” avistara, sentada, de perninhas dependuradas, a chupar o canudo do refresco, olhos vagos, distantes, distraídos, inconstantes – “os olhos da mãe” -, tinha atitudes surpreendentes.

Quando “papai” comprou na sorveteria e lhe deu de presente uma caixa de bombons que ela, achara bonita, “como a comprar sua simpatia para o que tinha a lhe dizer”, resolveu ela, subitamente inspirada:

- *“Vou levar para mamãe – Pode?”*

E quando “papai” disse que chegara de viagem mas não ia dormir em casa, ela arrematou:

- *“Onde é que você vai dormir?”*

- *Noutro lugar – respondeu ele, evasivo.*

- *“E quem é que vai dormir com mamãe?”*

Depois de elogiar muito a mãe da menina ele tentou justificar-se:

- *Bem, eu e sua mãe gostamos muito um do outro mas eu andava cansado, trabalhando o dia todo, sua mãe muito nervosa, nós vivíamos discutindo... brigando...*

- *“Se se gostam, por que é que brigam?”*

E, já no final do conto, quando “papai” acha que ela não está escutando a conversa:

- *Minha filha, você está me escutando?*
- *“Estou sim, papai...”*
- *“Que é que eu estou dizendo?”*
- *“Está dizendo que você e mamãe vão se separar”.*

“A menina”, quase criança é, todavia, a personagem mais marcante, a melhor definida, com maior equilíbrio emocional.

Mesmo com o foco da ação centrado no “papai” tem mais relevância a participação da garota...

Classificá-la, todavia, como “herói”, acho o termo muito forte.

3. TEMPO

O conto começa num passeio (que vem a ser o nome do conto) em direção ao túnel. Saem do túnel, entram num ônibus, saltam à porta da confeitaria.

(Note que o autor não disse de uma mas da confeitaria, pois o lugar já era conhecido; visitado também pela mulher e pela filha):

- *“Milk-shake”. Venho aqui sempre com mamãe e ela pede “milk-shake”.*

O narrador determina a hora em que estavam na confeitaria, quando afirma:

“Pessoas entravam e saiam da confeitaria, movimentada àquela hora da tarde”.

“Papai” pediu um sorvete e “a menina” tomou um “milk-shake”.

Ele demorou-se quando foi buscar a caixa de bombons, chamou o garçom, pediu um conhaque.

“A menina” terminara o refresco e riscava distraidamente a mesa com a palha umedecida. Depois pede para ir embora:

*“Papai”, me leva embora que já está ficando tarde.
Saíram.*

Mesmo não se podendo determinar exatamente o tempo cronológico eqüivale a algumas horas da tarde.

Mas há, ainda, um tempo histórico. É o período de vida do casal que está se separando:

“Dez anos haviam passado”.

4. ESPAÇO

O espaço de “PASSEIO” é urbano. Numa cidade que, além de ônibus e confeitaria tem a peculiaridade de um túnel.

Poucos espaços são usados no decorrer desta estória: um passeio, inicialmente à pé, incluindo um túnel e um percurso de ônibus até saltarem à porta da confeitaria.

Neste passeio, como se deduz, foram usados espaços externos e internos.

As poucas referências aos ambientes, pela sua importância secundária, faz com que esse espaço físico se dilua, não havendo nem mesmo descrições nítidas deles.

O autor restringe-se ao espaço vital, desaparece o ambiente; o mais importante é por onde se concentra a ação.

Aqui, no entanto, merece citação o detalhe da caixa de bombons como fonte geradora de emoção vinculada pela narrativa.

Como se trata de um enredo de cunho psicológico, a ação está concentrada; justifica-se a pobreza de variedade de espaços. Eles estão diluídos na narração.

5. FOCO NARRATIVO

O Foco Narrativo ou o núcleo deste Conto é representado por uma situação dramática com fortes conotações psicológicas onde as três personagens principais estão numa encruzilhada de vida, em momentos de desagregação e incertezas.

O conto é uma sucessão de diálogos, intercalados por observações do narrador, coladinho ao “papai”, esclarecendo ao leitor.

Parece até que esse narrador é uma extensão do próprio eu, do “papai”; o fluxo da consciência (para usar uma expressão de Bowling).

O início do conto é com uma pergunta da menina, intercalado por uma intervenção do narrador e, logo em seguida, a resposta do “papai”.

- *Aonde vamos, papai?*

Seguiam devagar, de mãos dadas, em direção ao túnel. Ele olhou em redor, desorientado.

- *Dar um passeio...*

Os outros diálogos não são contados assim, abruptamente. Após os diálogos o narrador intervém para situar melhor o leitor e dar o caminho escolhido pelo escritor, para a narrativa.

E assim o conto vai prosseguindo, até o final. Interessante é que ele começa com os dois – pai e filha – que

“seguiam devagar, de mãos dadas...”

e termina também os dois, de modo quase idêntico:

“saíram, e a menina o conduzia pela mão, como a um cego”.

6. LINGUAGEM

A consagrada maneira de escrever de Fernando Sabino se revela neste “PASSEIO” com toda sua naturalidade: predomínio da linguagem cotidiana, coloquial. Os períodos curtos, nada de palavras difíceis ou que não sejam de uso mais coerente.

Os diálogos são curtos e diretos; nada sobra.

Temos dois níveis de linguagem: o do narrador e o das personagens.

A fala das personagens usa o travessão inicial. Em alguns casos usa-se o travessão intercalando a frase para introduzir o narrador:

- Dou de presente, você quer? – e puxou-a pelo braço em direção à entrada.

Ocorre também o uso do travessão e dos dois pontos, numa mesma fala, para introduzir o narrador:

- Não tem importância – disse ele apressadamente: - vamos tomar o sorvete.

Embora os diálogos sejam diretos há momentos em que o discurso passa a ser indireto, quando o narrador torna-se intermediário entre o instante da fala do personagem e o leitor:

Ele chamou o garçom e pediu um conhaque, voltou a acomodar-se na cadeira, perturbado. Não interessava! Tudo acabado para sempre. Agora restava contar para a filha:

- *Sabe, filhinha, você já é uma... Bem, isso eu já disse. Quero dizer o seguinte: você sabe que papai gosta muito de sua mãe...*

Antes de mais nada, deixar bem a mãe: era o que também aconselhavam. Tomou de uma só vez o conhaque e prosseguiu.

CONCLUSÃO

O escritor Fernando Sabino, com este seu "*Passeio*" alcançou o seu objetivo. O conto tem as características bem definidas de condensação dramática.

Esta estrutura peculiar decorre da cosmovisão do autor, circunscrita da realidade fragmentária decorrente das próprias limitações do conto em razão deste mesmo microcosmo em que atua.

O autor, ficcionista consagrado, realiza este conto calcado no cotidiano dos conflitos familiares transformando em arte literária o que, aparentemente, é banal.

Conto moderno, fragmento de vida, de raízes realistas, psicológico, impregnado numa atmosfera de ansiedade e frustração, tendo o pai que enfrentar a filha, num diálogo penoso, para comunicar-lhe a separação do casal. E isto (ele sofria antecipadamente) teria reflexos imprevisíveis na vida da criança.

BIBLIOGRAFIA

MOISÉS, Massaud – *A Criação Literária* – prosa, 3ª ed., São Paulo, Cultrix, 1985.

MOISÉS, Massaud – *Guia Prático de Análise Literária*. 2ª ed., São Paulo, Cltrix, 1970.

GANCHO, Cândida Vilares – *Como Analisar Narrativas*. Série Princípios, 2ª. Ed., São Paulo, Ática, 1985.

BRAIT, Beth – *A Personagem*. Série Princípios, São Paulo, Ática, 1985.

GOTLIB, Nádia Battela – Teoria do Conto, Série Princípios, 2ª. Ed.,

São Paulo, Ática, 1985.

LEITE, Ligia Ghiappini Moraes – O Foco Narrativo, Série Princípios,

São Paulo, Ática, 1986.

FILHO, Domício Proença – A Linguagem Literária, Série Princípios, São Paulo, Ática, 1986.

LUKÁCS, György – Teoria do Romance, Biblioteca de Ciências Humanas, Lisboa, Presença, 1962.

FREDERICO, Celso – Lukács – Um Clássico do Século XX, 1ª. Ed., São Paulo, Moderna, s/d.

Reforma Ortográfica à Vista

Manoel Patrício de Aquino

Novamente em pauta uma reforma na “Nossa Língua Portuguesa”. Tudo bem. Seja bem-vinda ! Estamos aqui, prontos, de pé e à ordem, para recebê-la e aplaudi-la com entusiasmo. Como dissemos em abreviado trabalho publicado há alguns meses em periódico local , faz-se mesmo mister que se modifiquem (ou até sejam de todo , realmente, abolidas) , o quanto antes, determinadas regrinhas, essas cruéis enxaquecas da estudantada; essa tortura mental dos escribas, injustificáveis excrescências de acanhadas reformas passadas.

Acentos . Acentos diferenciais ou distintivos

Temos, no Português , os chamados acentos diacríticos. Basicamente, são notações gráficas com que se distingue a modulação das vogais. Servem também para evitar, mas em raríssimos casos, confusões de ordem semântica (ou seja, no sentido ou no significado atual das palavras). São eles: os acentos circunflexo, agudo , grave (este o acento da crase) ; o til (sinal de nasalização) (1) ; temos mais: o trema (empregado apenas sobre a letra “u” para indicar que ela não forma ditongo com a que se lhe segue); a cedilha (sinal que, sotoposto ao “c”, indica que este tem o valor de “s” inicial); o apóstrofo (tem forma de vírgula e indica a supressão de uma letra); e, finalmente, o hífen (serve para ligar os elementos das palavras compostas e para unir pronomes átonos a formas verbais) (2). Temos, ainda, os acentos ditos

(1) Há quem não considere o til como acento diacrítico, afirmando, em consequência, que em português

não existe palavra com dois acentos (Gramática Essencial da Língua Portuguesa: Luiz A. Sacconi). Assim, o trema , a cedilha e o apóstrofo também não seriam acentos...

(2) Usa-se também o hífen na translineação (separação de palavras no final de linha, quando já não há espaço para grafá-las por completo). Neste caso, obviamente, ele não é um acento...

diferenciais, ou distintivos, estes incluídos entre os dois primeiros exemplos retromencionados. Tratam-se de acentos abolidos (?...) pela reforma passada. Só que, não sabemos por que cargas-d'água, pouparam-se vários deles ! Os que remanesceram transformaram-se em exceções (ah, as exceções do Português! , cascas-de-banana dos exames vestibulares e dos concursos públicos; alegria e ganha-pão de editoras e de felizes gramatiquinhos...)

A Lei federal núm. 5.765, de 18 de dezembro de 1971, logo do seu art. 1º., aboliu o acento diferencial. Abriu exceção, porém, taxativamente, para a palavra “pôde”. A mesma lei também suprimiu “o acento circunflexo e o grave com que se assinala a sílaba subtônica dos vocábulos derivados em que figura o sufixo “mente” ou os sufixos iniciados por “z” (Art. 1º., in fini. Grifo nosso).

Antes, pois, havia, v.g. : “êro”, “êle”, “nêle”, “colhêr”, etc.... para diferenciar de erro, ele, nele, colher... E também havia: “cortêsmente”, “sòmente”, “cafêzal”, “cafêzeiro”, “faiscazinha” , “pèzinho”, “pèzito”, “sòzinho”, etc.... (termos, hoje, todos igualmente inacentuados) .

A Lei em tela, decretada pelo Congresso Nacional; recebeu a sanção do Gal. Médici, à época Presidente da República. Foi fruto do parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, documento exarado em 22 de abril de 1971, tudo com base ainda na vetusta Convenção Ortográfica firmada há mais de cinquenta anos entre o Brasil e Portugal.

Para a lei supracitada , estipulou-se uma “vacatio legis” de apenas 30(trinta)dias; mas, em compensação, foi concedido às empresas editoras de livros e publicações um elástico prazo de 4 (quatro) anos para o cumprimento das disposições legais.

Deste modo, sem embargo de tão tímidas mudanças, simplificou-se bastante a escrita.

Foi , deveras, um considerável avanço de adaptação às exigências

destes tempos hodiernos.

Aconteceu, no entanto, que nem só o acento de “pôde” sobreviveu...

Alguns outros, inexplicavelmente, “escaparam”...

Ora, se o escopo precípua das reformas é, logicamente, atualizar e simplificar, por que a insistência em manter-se certos acentos diferenciais, já proscritos, “fora-da-lei” ?

Não encontramos resposta para esta indagação...

Assim, resta-nos apenas o estudo cuidadoso desses homógrafos, a fim de nos familiarizarmos com os mesmos.

Não é tarefa difícil.

Eles são bens poucos, felizmente...

Ei-los no quadro a seguir :

- **Âs (sm. carta de jogar; pessoa que se destaca numa classe, profissão ou esporte; face de dado, etc.) ;**
- **Côa, côas (verbo coar) ;**
- **Pára (verbo parar ; e em substantivos como pára-quedas, pára-quedismo, etc., pára-brisa, pára-choque, pára-sol-da-china, pára-raios ... (note que o substantivo composto “pára-raios” aparece sempre pluralizado) ;**
- **Péla (sf. bola própria para o jogo do mesmo nome, parecido com o tênis; ato de pelar; casca de certas árvores. No figurativo: joguete, ludíbrio;**
- **Péla, pélas, pélo, (verbo pelar). Como verbo, o Aurélio registra sem acento;**
- **Pêlo (substantivo) ;**
- **Pêra, pêra-d'água, etc. (fruto da pereira);**
- **Pêra (porção de barba no queixo; peça de interruptor de corrente elétrica, etc.);**
- **Péra (elemento do sf. composto péra-fita, que significa antigo monumento megalítico); (em desuso)**

- Pôde (tempo pretérito perfeito do modo indicativo do verbo PODER); **atenção!** A grafia “poude”, freqüentemente encontrada, é erro grosseiro e clamoroso!

- Pólo (extremidade; cada uma das extremidades do eixo da terra: pólo norte, pólo sul; hóquei jogado a cavalo; pólo aquático: jogo disputado em piscina (times de sete nadadores), etc. Há ainda vários outros significados. No plural: pólos ;

- Pôlo (gavião ainda quase implume, com menos de ano). Nota: há divergência quanto à acentuação deste termo. O Aurélio o registra com acento ;

- Pôr (infinitivo do verbo; ou usado em palavras como pôr-do-sol ; mas: apor, dispor, expor, impor, justapor, opor, propor, repor, sobrepor, transpor... sem acento !...)

Outros casos especiais de acentuação gráfica:

a) - Verbos nas terceiras pessoas do singular e do plural

Creemos que as formas verbais do tipo “crêem”, “deem”,

“lêem”, “vêem” (letras dobradas), etc. continuarão, por motivo de maior clareza gráfico-semântica, com seus acentos. Seria, porém, de ótimo alvitre se tal não acontecesse, pois se tratam de notações supérfluas, perfeitamente dispensáveis...

Já nos casos como “crê”, “dê”, “lê”, “vê” “têm”, “vêm”, etc. (verbos nas terceiras pessoas do singular e do plural), também se conservarão os acentos — até mesmo porque se enquadram, em parte, na regra de acentuação gráfica dos monossílabos tônicos.

b) - O circunflexo da terminação “OO”

Consta que será abolido o circunflexo atualmente empregado no primeiro “o” dos substantivos e verbos terminados em “oo”. Em nosso Idioma há muitas palavras com esse hiato final , principalmente verbos na primeira pessoa do presente do indicativo: “abalrôo”, “abençôo”, “amaldiçôo”,

“arrazão”, “atordão”, “cação”, “cão”, “dão” “enjão” (sm. e v.), “ferrão”, “magão”, “mão”, “perdão”, “rão”, “sobrevão”, “trão”, “vão”, “zão” (3) (verbo zoar ; e substantivo, forma reduzida de ‘jardim’ zoológico);

c) - Os acentos sobre os ditongos “éi”, “éu”, “ói

Comenta-se que outros tipos de acento também serão “fulminados” definitivamente — tais como os que recaem sobre os ditongos abertos decrescentes “éi”, “éu” e “ói”, que aparecem em palavras como: alcatéia, estréia, boléia, bacharéis, revéis, déu (usado na locução adverbial “de déu em déu”, equivalente a “a esmo”, “à toa”...) réu, tabaréu, jibóia, paranóia, sóis, constrói, destrói, Tróia...

d) - Vamos dar adeus ao trema !

Abolição do trema?... Sim, vamos dar adeus ao trema! No Governo do Gal. Médiçi esse sinal foi suprimido apenas parcialmente (aboliu-se tão-somente o que recaía nos hiatos átonos: à época, era lícito escrever-se assim : “saüidade”, “vaüidade” ...). Mas agora o banimento é total, acaba-se de vez com ele. Sem dúvida, uma ótima, excelente notícia ! De emprego nada fácil, porque jungido a regras obscuras, subjetivas, o trema tem sido uma das grandes dores de cabeça do Vernáculo.

Há palavras, por exemplo, que, além do acento agudo, ou do circunflexo, exigem um ou até dois tremas: quinqüagésimo (50°.), quinqüédio — ou quinqüídio — (período de cinco dias), quinqüênio, etc.

(3) Observações:

I - ZO ou ZOO (sem acento) : ser vivo; animal.

II - zoo (também inacentuado) é, ainda, elemento formador de várias palavras, tais como: zoolio (que vive no interior do corpo dos animais) ; zoofilia (amizade aos animais; bestialidade; bestialismo: tipo de aberração sexual); zoonose (doença que se transmite de outros animais ao homem: **doença de Chagas, raiva, teníase, etc.**).

e) - Novidades nas regras de acentuação gráfica das paroxítonas

Lembrando que são paroxítonas as palavras cujo acento tônico (não confundir acento tônico com acento gráfico) recai na sua penúltima sílaba, tem-se que são acentuados graficamente, entre outros vocábulos do grupo , os que possuem as terminações adiante indicadas na seguinte coluna :

- A (s) ;
- ÃO (s) ;
- I (s) ;
- EI (s) ;
- L ;
- OM ;
- UM (uns) ;
- N ;
- R ;
- PS ;
- US ;
- X .

Antes , porém, de adentrarmos ao âmago do assunto, confessamos que a exposição de parte das regras das paroxítonas foi, aqui, um tanto quanto modificada e adaptada , num esforço didático que julgamos por demais conveniente — isto para uma melhor e mais rápida compreensão do Leitor.

Tendo em vista a vernaculização mais ou menos recente de milhares (sim, milhares !) de palavras, muitos termos que merecem acentuados não se enquadram nas desatualizadas regras oficiais em vigor. É o caso, por exemplo, da terminação “T”, onde temos a palavra “superavit”, latina, aportuguesada para “superávit”, já de uso consagradíssimo — embora conviva com a também vernaculizada (e, com o acréscimo do “e” final, transformada em proparoxítona), “superávite”.

E o que dizer da palavra quídam ? Vemos que também não se

enquadra em nenhuma das atuais regras de acentuação gráfica...

Isto exposto, pedimos notar que, adiante, ao exemplificarmos as palavras que devem ser acentuadas graficamente, acrescentamos, na coluna retromencionada, as terminações “AM” e “T”.

Não temos ainda informação segura sobre como a Reforma Ortográfica tratará desses acentos. Serão extintos todos ? Apenas alguns?... Por ora, continuam acentuados ...

Vamos , agora, às regras e aos exemplos ...

Optamos por inserir um razoável número de exemplos, o que, cremos, será muito útil à fixação da matéria abordada.

Continuam acentuadas graficamente as palavras paroxítonas terminadas em :

- Ã(s) - ímã, ímãs, eletroímã, eletroímas, órfã, órfãs ;
- AM – quídã (pessoa de pouca importância, de pouca consideração;
pessoa indeterminada ;
- ÃO(s) – acórdão, acórdãos, bênção, bênçãos, Estêvão, gólfão (planta aquática, ornamental e medicinal), óregão (planta usada como tempero), órgão, órgãos, sótão, zângão (ou zangão: macho da abelha; indivíduo que vive à custa de outrem; parasito; chupista);
- I(s) – arco-íris, beribéri (doença; avitaminose), bÍlis (líquido que se gera no fígado; termo muito usado em expressões como “vomitar a bÍlis”, significando irascibilidade, agastamento, raiva, mau gênio...), cáqui, clitóris, cútis, dândi (almofadinha), dândis, Ernâni (Hernâni), Missúri, Gêngis Khan (fundador do império mongol; fig.: lutador; guerreiro impávido), grátis, íris, júri, lápis, mapa-múndi, Mênfis, miosótis (tipo de erva ; planta de flores pequenas e muito delicadas, azul-claras, também chamada orelha-de-rato

(*) Já existem “défici t” e também “défice”, através do latim deficit.

não-me-olvides), moádi (sm. sacerdote muçulmano), oásis, pênis, práxis (sf. atividade prática; exercício; uso. Atenção nesta pronúncia: x = cs), safári, Têmis (ou Themis): filha de Urano e de Gaia. Deusa do Direito e da Justiça. É representada tendo nas mãos uma balança e uma espada, símbolos da Justiça. Seus olhos são vendados, significando a imparcialidade de suas sentenças), táxi, tênis; zâmbi (chefe de quilombo; zambi; zumbi);

- EI (s) - hóquei, jôqueis; assassinásseis (curiosidade: nada menos de que sete (7) esses numa única palavra...), pênseis

- L - aplacável, aplicável, cível, cônsul, difícil, fusível, estêncil, êxul (expatriado; desterrado), fértil, fíctil (o que é feito de barro; falso; fingido; fictício), hábil, húmil (poét.: humilde), imóvel, implacável, inábil, inconsútil (inteiriço; de uma peça só; que não é consútil), indelével (que não se pode delir), inefável (que não se pode exprimir por palavras), inexequível, inexorável (x = z), irascível (cheio de ira), miserável, móvel, oponível, pênsil, projétil, punível, réptil, sútil (cosido; ou formado de pedaços cosidos uns aos outros), tâmil (ou tâmul: habitante de parte da Índia e do Sri Lanka; língua falada por 40 milhões de habitantes), táctil (ou tátil, relativo ao tato;), têxtil, túnel, verossímil (semelhante à verdade), versátil, vibrátil, volátil;

- OM - iândom, rádom (pouco uso: termos empregados na Física);

- UM (UNS) - álbum, álbuns, fórum, fóruns, médium, médiuns, quórum, te-déum — o mesmo que o latim “Te Deum”; ou o também aportuguesado tedéu (de visível mau gosto, por sinal...); vade-mécum (vem comigo; anda comigo; objeto que uma pessoa quase sempre o traz consigo; livro ou guia que se consulta freqüentemente; livro elementar

em uma matéria; prontuário; roteiro. Plural: vade-mécuns. Em latim: “vade mecum”, sem hífen, pois em latim não há hífen, e sem acento...); xógum (autoridade militar japonesa);

- N – abdômen, alumínio (sal usado em curtume e na fabricação de medicamentos; pedra-ume); cânon (pl: cânones), cíclâmen, cólon (parte do intestino grosso), Cármen, éden, Édson (Édisson), Étel, elétron, Hamílton, Hélen, hífen (pl: hifens, sem acento; ou hífenes), hímen (membrana vaginal; fecha em parte a vagina); líquen (vegetal formado pela associação de algas; tipo muito comum de dermatose), mícron (micrômetro; instrumento para medir pequenos ângulos e comprimentos), Mírian, Nélsion, nêutron, pólen, próton, Quílion (um dos Sete Sábios da Grécia); xêxon (xenônio; gás);

- R – açúcar, aljôfar (pérolas miúdas; o orvalho da manhã; no figurativo, poeticamente: lágrimas...), âmbar, blêizer, câncer, caráter, César, dólar, éter, exequátur (mais usado na forma latina — sem acento), fêmur, flúor, ímpar, mártir, Méier, néctar, nenúfar (tipo planta aquática, também chamada bandeja-d’água vitória-régia, etc.), pôster, protomártir (proto exprime a idéia de primeiro, de antecedente: Tiradentes é cognominado o Protomártir da Independência), repórter, revólver, sóror (ou soror: tratamento que se dá às freiras), suéter, tênder (presunto cozido; embarcação de apoio em drenagens, etc.), Vágner, Válter, vômer (pequeno osso das fossas nasais); Vêspér (nome dado ao planeta Vênus, quando aparece, à noitinha, no Ocidente. Onde a palavra “vesperal” — relativo à tarde); zíper;

- PS – bíceps, fórceps; Quéops (nome de um faraó; a maior das pirâmides egípcias), tríceps;

- T - superávit;

- US – ânus, bônus, camisa-de-vênus (preservativo; “camisinha”), fícus (espécie de árvore ornamental e frutífera), húmus; lótus, négus (soberano; chefe etíope), ônus, Vênus (planeta próximo), vênus (mulher lindíssima — por alusão a Vênus, deusa da formosura), vírus.
Obs.: versus (idéia de contrário) — latim, sem acento.

- X – bórax (mineral), clímax (o ponto culminante; o grau máximo, ou ótimo, de um fenômeno social ou biológico), cóccix (ossinho da extremidade inferior da coluna vertebral. Pronúncia:cócsis), córtex (casca de árvore; camada superficial do cérebro e de outros órgãos), dúplex, Félix, fênix. (ave mitológica, símbolo da imortalidade; pessoa ou coisa muito rara; constelação do sul. Atenção! Pronuncie “fênis”), látex (leite de certas plantas, como sopotizeiros, janaguba, seringueira, etc.), prototórax sílex (pederneira; pedra-de-fogo; pedra muito dura usada em cão de arma, isqueiro, etc), ônix (mineral; tipo de mármore fino), púlex (a pulga comum), tórax, xérox (marca comercia de propriedade de multinacional homônima; aparelho para tirar fotocópias; daí : xerocar, xerocópia, xerocopiar, etc...);

Observação IMPORTANTE :

Não levam acento , mesmo quando separados por hífen, os prefixos paroxítonos :

Anti, archi, circum, hiper, inter, maxi,
Mini, multi, semi, super ...

Mas... quando estão sozinhos, substantivados (e, pois, vernaculizados...), levam acento:

- Na guerra fiscal, as múltis (i.e. , as empresas multinacionais estão humilhando o Brasil ;

- As máxis (ou seja, as maxidesvalorizações) jogam o dólar para alturas estratosféricas e o real para os bátratos profundos...

f) - A dor de cabeça das regras de hifenização

Sobre as regras de hifenização, nos calamos. Preferimos aguardar o que vem por aí. Torcemos para que haja radical mudança. Ou vamos ter que continuar a consultar gramáticas e dicionários (e, ainda, a máquina, hoje imprescindível: Sua Majestade, o Computador) toda vez que tivermos de usar o hífen para grafia de inúmeras palavras...

g) - A esperada volta acontece: vem aí a tríade K, W, Y

A verdade é que já não podemos prescindir desse trio em nossa escrita... E ele já estava aí, de volta, antes mesmo de oficialmente (re)abrigado no Idioma com o advento Reforma Ortográfica.

O Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, recém-lançado pela Academia Brasileira de Letras (setembro de 1998), acolheu, de uma só vez, nada menos do que 6.000 (seis mil!) novas palavras, onde aparece, com espantosa frequência, as letras K, W, Y. (*)

(*) Precisamente: mais 6.242 novas palavras. O VOLP tem, agora, exatos 349.817 verbetes. NOTA: sabe-se que os maiores dicionários atualmente existentes têm, em média, cerca de 130 mil palavras...

Nota: O VOLP apenas registra o verbete, sua grafia; na traz definições, significados.

Conclusão ...

Os estrangeirismos invadem a Última Flor do Lácio. O ataque é maciço. Por todos os flancos. Inexistem defesas...

Shopping, center, no-break, layout, outdoor, money movers, hobby, closed caption, market, free lance, windows, standby, ranking, leasing, hard disk, floppy disk, winchester, kit, cash, day after, crash, drive, on, off, delete, stress, upgrade, warrant, site, net, e-mail., home page, walk-man, blue ships,

becape, mountain bike, etc., etc., etc. ... quem pode evitar tudo isso ?!
 “Resistir... quem há-de?”

Se desconhecemos os significados desses termos, e os de muitas outras centenas de semelhantes, certamente teremos real dificuldade em compreender o que sai na televisão, no dia-a-dia; e nos jornais (mesmo os interioranos...) nos livros (inclusive os didáticos) e em quase tudo o que hoje se edita em nosso País.

E há, ainda, as dezenas e dezenas de palavras “mistas” (diferentes, pois, dos clássicos hibridismos...), do tipo “motoboy”, “brasilnet”, “drogacênter”, e por aí vai, vai e vai...

A nossa cada vez maior e mais humilhante submissão econômica e cultural aos norte-americanos (principalmente), nos desgasta e causa aleijões irreversíveis na Língua Portuguesa. A matreirice do Uncle Sam, na sua desmedida ganância de lucros, não encontra barreiras (antes, defronta-se com enormes facilidades...) e traz no seu bojo malignos projetos de dominação completa de países como o Brasil (países que algum dia poderiam tornar-se potências mundiais, mercê dos seus próprios e inestimáveis recursos).

Os EUA são um país colossal, admirável, belo, culto, rico... É, pois, absolutamente normal que lutem para manter-se em nível superior, dominando tudo e todos. Nós é que nos devemos precaver. Procurar reverter os fatos. Mudar, a nosso favor, a marcha da História. Evitar que, depois dos festivais de privatizações neoliberais, quando já não possuímos mais nada para “vender” , pretenda-se privatizar, ou internacionalizar, a Amazônia (que as grandes potências mundiais já estão chamando, muito “familiarmente”, aliás (...), de pulmão do mundo...)

Isso não temos conseguido.

Pelo contrário...

Perdoe-nos o Leitor, mas pedimos não nos considerar retrógrado, reacionário e até xenófobo. Sabemos, temos plena consciência de que a Língua é um organismo vivo. Palpitante. Em constantes e naturais

mutações. E que, por isso mesmo, não se deve jamais querer mantê-la imóvel, inerte, estática, incólume e envolta numa camisa-de-força... Seria, seguramente, tentativa inútil!

Defendemos, no entanto, o nosso Idioma, pois já há até sinistras previsões que ele está fadado a desaparecer, a perecer como o latim e tantas outros.

Sim, Caro Leitor. Sabemos que o Povo, que fala (e, assim, constrói), é imensamente mais importante de que o gramático, que escreve (e, assim, apenas usa)...

Bibliografia:

- **Grande Enciclopédia Larousse Cultural(1998)**
- **MICHAELIS _Moderno Dicionário da Língua Portuguesa(1998,**
Ed. Melhoramentos, SP);
- **Lei 5.765, de 18.11.71 ;**
- **Português na Correspondência (Santos, Volnyr – Ed.Sagra -Luzzato,6a. ed.,1998)**
- **Aurélio, em CD-ROM**
- **Todo Mundo Tem Dúvida, Inclusive Você (Oliveira, Édson –Ed. Sagra- Luzzato,5a. ed.,1998)**
- **Folha de S. Paulo – várias edições.**

Dez de Abril de Noventa e Nove

É bela a noite nesta Barbalha,
O vento espalha no mundo a fora
Festivo ar cristão. Raíssa passa
Com toda a graça que a decora.

Apoia-a o pai, entram na igreja,
Euterpe adeja com sons no ar,
A noiva linda passa sorrindo,
Momento lindo, vai se casar.

Meu Deus, foi ontem, lá está a pia
Que lhe daria a alma cristã;
Cresceu na fé, buscou caminhos,
Teceu os ninhos na sua manhã.

Cursou escolas, tem um diploma,
Com ele doma os postos na vida,
E nos seus anos de meninice
Se fez meiguice, sempre querida.

Adentra esbelta no passo franco,
Vestido branco, véu e capela,
Rumo ao altar. O noivo recebe
E amante bebe a beleza dela.

O padre fala de amor e exemplo
E ali no templo, junto ao sacrário,
É dada a bênção, Deus une vidas,
E assim unidas vivam diário.

Termina o ato, é um par de almas,
Merecem palmas, eu digo, dizes:
Mãe do Rosário dai-lhes a graça,
Assim se faça, sejam felizes!

*José Peixoto Júnior
Brasília, abril de 1999*

Rio da Vida

Águas rolando, mansas, encrespadas,
Nelas vogamos por anos e anos!
Deixamos para trás brumas branquejadas,
Ondas geradas por ventos tiranos.

Muitas barreiras foram ultrapassadas
E removidos mais tantos enganões.
Sempre p'ra frente, águas ouriçadas,
Singramos sem parar, sem temer danos!

Chegaremos um dia, tenho certeza,
Ao ponto final desta correnteza,
Sempre lutando com elevação,

No percurso, a fruir toda beleza,
Remamos nós dois com toda firmeza:
Mesma canoa, mesma direção!

Fortaleza, 02/10-97

Simeão Luna Machado

Tristão

Em pé. Ao sol e ao vento do sertão, ele não, ele não se
decompôs”. Pedro Nava – “Baú de Ossos”

As palavras no alforje. E o rosário,
A escorrer das penas e dos dias.
O azul da barba lembra uma paisagem
Onde campeiam cabras. E ramagens
Desatam-se em sombras nas janelas.
A morrinha dos bichos. O mormaço,
Trazendo o desespero, em vez de março:
Um luto atravancando as taramelas.
A sela desapeada. E na garupa
Do cavalo, a sentença das esporas.
Pendentes dos estribos, estão as horas,
Relampejos de facas. E o sono da jurema.
O braço descarnado, o giz dos dentes,
E o olho além do corpo do poema.
No chão do meu degredo, sempre chão,
Sete frases do ofício e um bordão.

José Everardo Arraes Norões.

Courbet

A mancha escura
Sobre o linho branco
Do lençol bordado.
Mundo a inventar-se,
Movendo, no cio,
A solidão dos astros.
Ave pousada:
Raiz do espaço,
A dividir os campos,
A soletrar os ramos
Da linguagem.
Anuncia a passagem
À paisagem do que somos:
Um traço apenas.
Voragem.

José Everardo Arraes Norões.

Índice

Apresentação de Pedro de Araújo Bezerra em sua posse de cadeira no Instituto Cultural do Cariri.....	15
Pedro de Araújo Bezerra, discurso de posse na cadeira nº 18	19
Os Caminhos da Existência.....	27
Sombra e luz.....	28
Saudação de Posse a Olival Honor de Brito	32
Discurso de Posse de Olival Honor de Brito na cadeira Nº 7, do Instituto Cultural do Cariri	36
Discurso de Apresentação do Livro Memórias - Menoridade	44
Estratigrafia e a Paleontologia da Chapada do Araripe	51
Cidadão Fortalexiense - Padre Antônio Vieira	75
De Kosovo a nossa Casa.....	83
Um Símbolo da Religiosidade de Jardim.....	88
Escrever a História.....	91
A Lei dos Royalties do Petróleo.....	95
Reflexão sobre a Evasão Escolar	99
Frustração Vingada	101
Crato, 235 anos.....	108

Você sabe o que é Palíndromo?	111
Padre Vieira	116
Coronel Belém do Crato.....	119
Dom Vicente de Paulo Araújo Matos In Memoriam	121
Posse na Presidência do Conselho de Reitores das Universidades Cearenses	123
Três Comentários.....	128
Fundação Pró-Memória de Barbalha Resgata Ponto Turístico!	132
Monumento “Fuzilados do Leitão”!.....	134
Lygia Ayres de Alencar, legenda educacional que desaparece.....	135
A” Princesa do Cariri”.....	139
O Conto Oral Popular é Literatura? (Um estudo à luz de textos de Leyla Perrone - Moisés).....	142
A Profissão Ingrata do Revisor.....	146
Passeio	149
Reforma Ortográfica à Vista.....	159
Dez de Abril de Noventa e Nove.....	172
Rio De Vida	173
Tristão	174
Courbet	175



MICHELIN

**Garantia de até
70.000 km**

**PNEU
MICHELIN
DURA MAIS**

TRILHA

**AV. PE. CÍCERO, 1568 - SALESIANOS
TEL.: (88) 512.2116 - 512.2117
JUAZEIRO DO NORTE - CE**